



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**AURÊNIA PEREIRA DE FRANÇA**

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO QUILOMBOLA EM CONCEIÇÃO DAS**  
**CRIOULAS: ORALIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**

**RECIFE -PE**  
**2018**

**AURÊNIA PEREIRA DE FRANÇA**

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO QUILOMBOLA EM CONCEIÇÃO DAS CRI-  
OULAS: ORALIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem. Sob orientação do Prof. Dr. Moab Duarte Acioli.

**RECIFE -PE  
2018**

F814a França, Aurênia Pereira de  
Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas :  
oralidade, memória e identidade social / Aurênia Pereira de França, 2018  
163 f. : il.

Orientador: Moab Duarte Acioli  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em  
Ciências da Linguagem, 2018.

1. Oralidade. 2. Análise crítica do discurso. 3. Identidade. I. Título.

CDU 801

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Alves CRB/4-1002

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO QUILOMBOLA EM CONCEIÇÃO DAS  
CRIOULAS: ORALIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**

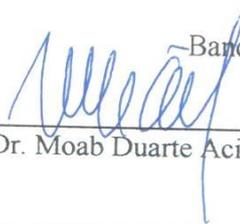
**AUTOR: AURÊNIA PEREIRA DE FRANÇA**

**ORIENTADOR: DR. MOAB DUARTE ACIOLI**

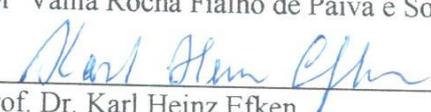
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Moab Duarte Acioli - Orientador

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vania Rocha Fialho de Paiva e Souza

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Karl Heinz Efken

**RECIFE -PE  
2018**

À minha mãe “**D. Moça**”, grande incentivadora, incansável nos seus ensinamentos, meu porto seguro para tantas idas e vindas na caminhada da vida.

Ao meu pai “**Bano**”, suporte firme da construção da minha identidade.

Às minhas filhas, **Rossana, Andressa e Tamires**, razão da minha luta e perseverança para tantas conquistas realizadas.

Ao meu marido, **Luiz Gonzaga**, pela compreensão e cumplicidade.

Aos meus irmãos, **Alberto, Adalberto e Auriene** pela confiança em acreditar nos meus sonhos.

Aos meus netos, **Maria Letícia e João Lucas**, os grandes amores da minha vida, neles deposito a minha esperança de um mundo melhor, onde os homens e mulheres não sejam rotulados pelas suas diferenças.

## AGRADECIMENTOS

Nesta produção torna-se difícil elencar todos os contribuídores que de forma direta ou indiretamente participaram deste trabalho. Ora com opiniões, ora com sugestões, para efetivação desta dissertação.

Agradeço primeiro a Deus, fonte de fé, luz e inspiração para a minha vida.

À **comunidade de Conceição das Crioulas** pela forma carinhosa e hospitaleira que me recebeu especificamente Marcia Jucilene, Lourdinha (atual presidente da AQCC) e Valdeci, por ter me recebido em suas residências. Este convívio me possibilitou sentir de perto as marcas históricas de negação aos seus direitos sociais.

À **Aysla**, jovem motorista com conhecimento profundo nas localidades dos sítios pertencentes a Conceição. Fui conduzida por ela pelas veredas desse território como uma excelente guia.

À **Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC**, pela honra de ter me fornecido informações de sabedorias ímpares em parte acentuadas deste trajeto.

**Agradeço aos entrevistados**, por ter me concebido a honra de poder ouvir suas histórias de lutas e lágrimas, por um espaço que já era seu por direitos.

**Agradeço a Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP** pelo competente grupo gestor, corpo docente e pessoal administrativo, pela forma como acolhem os acadêmicos da Pós-Graduação no Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem.

**Agradeço ao meu orientador Prof.º Dr. Moab Duarte Acioli** pela sua presteza, firmeza nas orientações e pela coragem de ter abraçado junto comigo, a luta dos Quilombolas de Conceição das Crioulas em Salgueiro – PE.

À **Secretaria de Saúde Municipal do Salgueiro**, que com muito profissionalismo concedeu-me o espaço no veículo que faz o traslado de Salgueiro para Conceição, autorizando a minha ida até a comunidade para realização desta pesquisa e sendo partícipe dela.

À **Autarquia Educacional de Salgueiro - AEDS**, na pessoa da Prof.ª Auricelia de Carvalho Gondim, que me acolheu e me incentivou como parceira de jornada, nos primeiros passos para a trajetória deste trabalho

À **Prof.ª Maria de Fátima Mimim da Silva Ferreira**, Presidente desta autarquia pelo apoio, concebido para continuação desta pesquisa.

**Ao Diretor da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC Prof.º Agaeudes Sampaio Gondim**, por conceder, minhas ausências em alguns momentos na

Coordenação do curso de Pedagogia e por compreender que, como membro desta Instituição é imprescindível o crescimento profissional.

**Aos meus colegas de trabalho** pelo incentivo, principalmente ao Profº Dr.Miguel Angelo e Profº Ms Pedro Fernando pela troca de saberes e fornecimento de referências bibliográficas e por ter muitas vezes respeitado os meus silêncios e escutado minhas histórias quando se faziam necessárias.

**Aos meus amigos** Luís Soares, Expedito Silva, Luiza Marcelina e Maria Deceles (in memoriam), pelo carinho de terem sido grandes incentivadores neste processo, ajudando-me com o que estava aos seus alcances, uma palavra, um gesto, uma atitude para a conclusão deste trabalho.

**Aos meus familiares**, por acreditar na minha capacidade de recomeçar sempre...” fazendo da queda um passo de dança”...(Fernando Pessoa). Compreendendo minhas ausências, mas acreditando que para a realização de um “sonho”, compartilhamos dificuldades e conquistas.

**Aos meus colegas de curso** e aos amigos que reencontrei nesta caminhada no trajeto de Salgueiro a Recife, que significativamente me ajudaram na chegada, o meu carinho, vou guardá-los para sempre em minhas lembranças.

### **A UNIÃO FAZ A FORÇA.**

A luta é junta, e deve ser assim a luta.

É gente que a gente não quer que seja maltratada.

É gente que a gente sofre quando eles sofrem também.

É gente que a gente quer ver bem, quer ver crescendo.

É gente que a gente quer que ele produza que ele seja alguém.

Que ele seja igual a qualquer outro, que está lá na nossa sociedade.

E ajuda ter a consciência de que nós estamos fazendo a nossa parte, sabendo que outros virão.

Nossos filhos vão continuar essa história, com muito mais ferramentas do que temos hoje, com as quais a gente fez, os marcos históricos a gente já tem.

Vai dar muito mais subsídios para os nossos, que vem encontrar uma sociedade melhor, diferente da que eu enfrentei lá atrás.

Recomeçar, não mais do zero, já construímos muito.

Mas, encontraremos dificuldades, de um ponto muito difícil, que é a dispersão do nosso povo...

Mas a luta dos quilombolas de Conceição tem raiz, só precisa de união para perpetuar a história.

**João Alfredo de Souza, 58. Liderança da Comunidade de Conceição das Crioulas. Salgueiro PE 10/05/2017.**

## RESUMO

A presente investigação é o reflexo dos aspectos discursivos entre as relações étnicas e seus processos de afirmação, sustentação, manutenção da memória coletiva e identidade da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas em Salgueiro, alto Sertão Pernambucano. Sob a temática “Análise Crítica do Discurso quilombola em Conceição das Crioulas: oralidade, memória e identidade social”. Apresenta-se como objetivo geral: Analisar os discursos quilombolas a partir da memória e da oralidade enquanto prática de legitimação da identidade étnica. Assim, para atender os objetivos específicos desta pesquisa, estabeleceu-se: a). Interpretar os discursos dos sujeitos sobre a condição de ser quilombola; b) compreender os sentidos de práticas discursivas presentes em narrativas míticas e históricas relacionadas com a organização da identidade étnica quilombola, e c) Observar os usos sociais das situações de contação de histórias no cotidiano dos quilombolas de Conceição das Crioulas. Trata-se de uma metodologia de pesquisa qualitativa, transversal, analítica, que se utiliza de dados primários com enfoque Etnometodológico, apresentando importante interface entre a Antropologia e a Linguística. Vale salientar que esta pesquisa fundamenta-se na Teoria Social do discurso em Fairclough (2001, 2016) e seu modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso - ACD, quando propõe examinar o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias na transformação social. Considera o discurso de um lado afeiçãoado pela estrutura social, e por outro lado, constitutivo dessa mesma estrutura, podendo estender seus efeitos sobre os sujeitos e suas identidades, relações sociais, conhecimentos e crenças. Utilizamos também A Análise Crítica de Discurso (ACD) de Teun Van Dijk em uma perspectiva de análise discursiva que incorpora diversas disciplinas no estudo da maneira pela qual as estruturas sociais de poder e dominação são instituídas, reproduzidas e sofrem resistência por meio da linguagem lançando mãos dos mecanismos teóricos e metodológicos que a ACD oferece para a análise da reprodução do racismo na sociedade por meio do discurso, sob perspectiva sociocognitiva de Van Dijk. (2010,2012) São referências teóricas também, os autores Stuart Hall (2003,2006) o qual discute os pressupostos da identidade e da cultura, Pollak (1989,1992) discutindo a memória e identidade social entre outros. Esperamos com essa pesquisa, perceber como a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas resiste ao tempo e se mantém viva, ressignificando a história do seu povo, mesmo na contemporaneidade. Esta comunidade negra, rural, fora fundada por seis negras que lutaram pela posse da terra, seus direitos étnicos e políticos, na perspectiva de afirmar suas identidades, nutridas pelas memórias discursivas com vistas ao combate ao racismo e discriminação.

Palavras chave: ACD. Identidade Étnica. Memória, Oralidade.

## ABSTRACT

The current investigation reflects discursive aspects within the ethnical relations and their affirmation, sustenance, collective memory maintenance and identity processes in the quilombola community of Conceição das Crioulas in Salgueiro, in the hinterland of Pernambuco. Under the theme: “Critical Analysis of the quilombola Discourse in Conceição das Crioulas: Orality, memory and social identity”. Its general objective is Analyzing quilombolas discourses from its memory and orality whilst practice of ethnical identity legitimization. Thereby, in order to achieve the specific objectives of this research, it was established: a) Interpreting subjects’ discourses about the condition of being quilombola; b) Comprehending the discursive practices present in mythic and historic narratives related to the organization of the quilombola ethnical identity, and c) Observing the usage of telling stories in the daily life of quilombolas from Conceição das Crioulas. It’s about a qualitative, transversal, analytical research methodology with ethnomethodological approach, featuring an important interface between anthropology and linguistics. It’s important to highlight that this research is based on Fairclough’s Social discourse Theory (2001, 2016) and its tridimensional Discourse Critical Analysis model – ACD, when it proposes examining the language role in the reproduction of social practices as well as ideologies in social transformation. It considers a side’s discourse affectionate to social structure, and, on the other hand, constituent of this same structure, enabling it to extend its effects over the subjects and their identities, social relationships, knowledge and beliefs. We also used Van Dijk’s Discourse Critical Analysis (ACD) in a perspective of discursive analysis which incorporates different disciplines in the study of the way the social structures of power and domination are instituted, reproduced and suffer resistance by means of the language using theoretical and methodological mechanisms offered by ACD to analyze the reproduction of racism in the society by means of discourse, under Van Dijk’s sociocognitive perspective (2010; 2012). Stuart Hall (2003,2006) who discusses the suppositions of identity and culture, and Pollak (1989, 1992) who discusses memory and social identity among others, are also theoretical references. This research aims at noticing how the quilombola community of Conceição das Crioulas resists through time and keeps itself alive, reframing its people’s history despite contemporaneity. This black, rural community was founded by six black women who fought for possessing land, politics and ethnical rights in the perspective of affirming their identities, nourished by discursive memories aiming at fighting racism and discrimination.

**Key -Words:** ACD, Ethnical Identity, Memory, Orality.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil dos Sujeitos da Pesquisa .....	76
Quadro 2 Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.....	79

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 Localização de Salgueiro e de Conceição das Crioulas .....	72
---	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Primeira edição do “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência” .....	103
Figura 2 Última edição do “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência.” .....	105
Figura 3 Cartilha: “Princípios da Educação Quilombola.” .....	106
Figura 4 Cartilha: “Nosso Território: Conceição das Crioulas” .....	107
Figura 5 Atividade de Comemoração dos 17 anos da AQCC .....	108
Figura 6 Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.....	108
Figura 7. Fanpage da AQCC no Facebook.....	111
Figura 8 Convite da Fanpage Conceição das Crioulas: 15 Anos de Luta e Resistência .....	112
Figura 9. Imagem do canal no YouTube do Projeto Tankalé.....	117
Figura 10 Página no Facebook do Projeto Tankalé.....	118
Figura 11 Reunião de planejamento de produção do Crioulas Vídeo .....	118
Figura 12 Imagem de Abertura de um curta do “Crioulas Vídeo” .....	119
Figura 13 Equipe do “Crioulas Vídeo” gravando.....	119
Figura 14 Equipe do “Crioulas Vídeo” gravando.....	120
Figura 15 Equipe do Crioulas Vídeos gravando curtas .....	120

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso  
ADCT – Ato Disposições Constitucionais Transitórias  
AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas  
CCLF – Centro de Cultura Luiz Freire  
CCP – Centro Cívico de Palmares  
DCNEEQ – Diretrizes Curriculares Nacionais Educacionais da Escola Quilombola  
ECD – Estudos Críticos dos Discurso  
FACHUSC – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central  
FCP -Fundação Cultural Palmares  
FENEARTE – Feira Nacional de Negócios e Artesanato  
FNB – Frente Negra Brasileira  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria  
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social  
MEC – Ministério da Educação  
MinC – Ministério da Cultura  
MMTR – Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rural  
MNU – Movimento Negro Unificado  
PBQ – Programa Brasil Quilombola  
PPP- Projeto Político Pedagógico  
PPPTQ – Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola  
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  
STF – Supremo Tribunal Federal  
UECE – Universidade Estadual do Ceará  
UFPB – Universidade Federal da Paraíba  
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco  
UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
UnB – Universidade de Brasília  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.  
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco  
UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1.0 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.</b> .....	28
1.1 Prática Social e Discurso em Norman Fairclough. ....	28
1.2 Modelo Tridimensional de Norman Fairclough .....	30
1.3 Aproximações da Análise Crítica do Discurso em relação à Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas. ....	35
<b>2. VEREDAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: UM CENÁRIO DE ENSAIOS E ESPERANÇAS.</b> .....	46
2.1 Um Breve Percorso no Cenário Histórico de Conceição das Crioulas.....	46
2.2 Quilombos: Do Conceito à conquista de Direitos .....	51
2.3 Os Desafios de ser quilombola de Conceição das Crioulas: entrecruzamento de uma memória coletiva e da identidade social .....	61
2.4 Finalizando: Diálogo com a Etnometodologia .....	68
<b>3 METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO</b> .....	70
3.1 Tipo da Pesquisa .....	70
3.2 Campo de Pesquisa .....	71
3.3 Sujeitos da Pesquisa:.....	75
3.4 Instrumentos da pesquisa .....	76
3.5 Aspectos Éticos.....	79
<b>4 GÊNEROS DISCURSIVOS EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS.</b> .....	81
4.1. Oralidade .....	81
4.1.1 Narrativas sobre o Ser Quilombola .....	90
4.2 A Escrita e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) .....	98
4.2.1. A Escrita e a Educação Quilombola .....	106
4.2.2 Relações Interinstitucionais .....	108
4.3 Linguagem Multimodal e Resistência Cultural .....	110
4.3.1 Linguagem Multimodal e Tecnologias da Informação e Comunicação.....	110
4.3.1.1 Crioulas Vídeos .....	115

4.4 O Acesso à Educação Formal.....	122
4.5 Ocupação da Terra.....	129
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>142</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>156</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi pensada a partir das experiências da autora enquanto docente da disciplina Educação e Cultura Afro-brasileira no Curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central - FACHUSC em Salgueiro, Pernambuco. Nesta experiência foi fundamental as demandas de narrativas advindas de eventos e projetos desenvolvidos por alunos e alunas quilombolas e indígenas do Sertão Pernambucano. Isso estimulou a presente pesquisa, conduzida no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Neste sentido, o referido estudo apresenta-se como um debate amplo e atual, pertinente às futuras gerações das comunidades quilombolas as quais suscitam maior aprofundamento das questões relacionadas aos seus discursos e a sua identidade social que envolvem a (re) construção/afirmação de outros aspectos, mais próximos de si e dos seus dizeres. Para tanto, pergunta-se qual a função das narrativas orais entre os Quilombolas de Conceição das Crioulas, em Salgueiro, Pernambuco para a reprodução de uma memória social? Além disso, igualmente se indaga qual a função desta memória social na construção de uma respectiva identidade social?

Enquanto perspectiva teórica, optou-se por um diálogo entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Etnometodologia, que apresenta importante interface entre a Antropologia e a Linguística. Em se tratando da ACD, existe uma fundamentação na teoria de Norman Fairclough para os estudos sob a perspectiva crítica e a sua concepção tridimensional do discurso: texto (tanto oral, quanto escrito), prática discursiva (produção, distribuição e consumo textual) e prática social (FAIRCLOUGH, 2016; MELO, 2010).

Não há como se falar da estrutura ou lexicalização de um texto, o que inclui narrativas orais, sem fazer referência à produção e/ou ao consumo textual. Quem produz, para quem produz, com se distribui e como é interpretado os textos pelos leitores e/ou ouvintes? Além disso, esta prática discursiva insere-se em determinada prática social onde se destacam prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual e a natureza desses processos variam entre diferentes tipos de discurso de acordo com os fatores sociais.

Sobre isso, pontua Fairclough (2016, p.91):

Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, como várias normas e convenções tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante.

Nessa perspectiva, ainda acompanhando Fairclough (2016), o discurso em sua relação com a estrutura social contribui para a construção das respectivas “identidades sociais” dos sujeitos. Em segundo lugar, o discurso igualmente contribui para o estabelecimento das “relações sociais” entre os sujeitos e por fim, o discurso constitui um “sistema de conhecimento e de crença”.

Neste tripé entre identidade, relação e modelos explicativos, pode ser pensada a relevância da chamada linguagem natural ou leiga que mostra alternativa à chamada linguagem científica. Esta linguagem natural ou leiga é igualmente pesquisada pela Etnometodologia e permite que se pense nas relações entre este campo teórico e a Análise Crítica do Discurso.

Nesse sentido, a Etnometodologia fundamenta-se em um método empírico que procura construir uma sociologia do senso comum. Esta leitura é construída próxima da perspectiva dos atores sociais “leigos”, ao construírem sentidos para as ações de todos os dias, tais como comunicar-se, tomar decisões, raciocinar, entre outras.

Coulon (1995) aponta para as cinco principais características da Etnometodologia. A primeira chama-se prática/realização, ou seja, os etnometodólogos procuram pesquisar no senso comum os sentidos que os sujeitos elaboram para as suas ações no cotidiano, mais do que elaborações teóricas ou abstratas. Em segundo lugar, a indicialidade, ou seja, expressões que são utilizadas tornam-se compreensivas em determinados contextos específicos. Em terceiro lugar, a reflexividade que se relaciona com os significados que os sujeitos constroem no processo de interação social. Em quarto lugar, a “accountability” ou relatabilidade que representa de uma descrição transparente das ações realizadas pelos sujeitos e que a função de também ser construtora da realidade social. Por fim, tornar-se membro que implica no processo de construção social da qualidade de participar de um determinado coletivo social.

Entre as categorias analíticas destacam-se as explicações visíveis através das narrativas em torno do prático e não do teórico, havendo uma lógica e uma semântica que são índices relativos a uma determinada realidade sociocultural e o processo de comportamento verbal e não verbal do ator se fazer membro de um determinado grupo (COULON, 1995).

Analisar o discurso dos quilombolas sobre o “ser quilombola” é uma proposta que também se aproxima de uma abordagem etnometodológica porque consiste em um olhar empático em relação ao que os sujeitos falam sobre o que fazem nos respectivos cotidianos, enaltecendo esses saberes do senso comum e fazendo deles uma marca de indicialidade do mundo que se lhes apresenta.

Watson e Gastaldo (2015, p.8) comentam o seguinte: “O que importa na etnometodologia são os pontos de vista das pessoas, as maneiras como elas, coletivamente, produzem saberes sociológicos e teorias sociais na prática, isto é, os entendimentos dessas pessoas sobre o que seja a sociedade e como ela se manifesta na vida cotidiana”.

É necessário compreender a dialética da reprodução e da mudança, que se manifesta através do que se fala ao se fazer e do que se faz ao se falar, principalmente em relação às minorias étnicas, em um cenário de globalização mundial, não apenas a partir das narrativas oficiais, abstratas e teóricas, mas também a partir das narrativas locais, que mostram mais concretas e práticas.

Essa pesquisa justifica-se pela relevância do lugar social da oralidade entre os quilombolas, presente na contação de histórias dos seus ancestrais, nos encontros e nos desencontros, nas mais variadas histórias de vida que foram tecidas por diversas vozes, decorridas de geração em geração. Existia o intuito de intensificar as suas lutas e de reafirmar as suas identidades por meio da partilha e preservação de valores culturais.

A autora desta dissertação de Mestrado foi uma ouvinte dessas narrativas, quando no ano de 2016 intensificou a sua participação na rotina diária dessa comunidade. As narrativas lhe diziam sobre as reais matrizes das histórias de opressões, preconceitos, conflitos com latifundiários, que lhes tiraram as terras.

Além disso, abordam as lutas para manter vivos os elementos identificadores da cultura quilombola Conceição das Crioulas, tais como protagonistas, festas de cunho religiosos, organizações sociais, práticas sociais, relações interculturais, o que incluem o protagonismo das mulheres, o acesso à educação, o artesanato, a dança do Trancelim, a Banda de Pífano, as práticas do uso de multimídias, especificamente o trabalho do “Crioulas Vídeos” que dissemina informações na internet, Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), a Casa da Comunidade e a Casa da Juventude.

As narrativas a partir de agora passam a não ser apenas da autora da Dissertação, nem somente da comunidade de Conceição das Crioulas, nem tão pouco dos ancestrais, ou dos jovens, mas de uma memória coletiva relacionada aos povos quilombolas. Como assinala Pollak: (1992, p. 204) “[...] a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”.

Entre essas “flutuações” podem ser inscritos os contatos dessa comunidade com uma pesquisadora inscrita em um Mestrado em Ciências da Linguagem, que se encontra construindo uma narrativa a partir da narrativa do outro ou dos outros. Pollak (1992) igualmente nos revela que essas memórias são elementos constituintes da identidade e que esta construção se produz a partir de critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e credibilidade em meio à negociação com os outros; existe uma participação dos lugares de memórias a partir de uma ligação entre o individual e o coletivo. Como exemplo, fazem parte desses chamados lugares de memórias, as serras, os umbuzeiros, a pedra da mão, os caldeirões, a casa Francisca Ferreira, a própria AQCC, a Casa da Juventude, o açude e a Biblioteca Afro-indígena, bem como outros símbolos, como o algodão, local onde se extrai o barro para confecção de utensílios domésticos, imagens e monumentos.

Não se pode deixar de referir a relevância dos meandros das histórias míticas com base na figura popular de Barnabé de Oliveira, o qual era um contador de histórias. Ora para divertir com histórias fictícias, ora para reproduzir narrativas que versam sobre os contos presentes até hoje no cotidiano da comunidade. Uma herança cultural para as futuras gerações e ganha notoriedade nesta pesquisa pelos discursos proferido em cada canto deste distrito e onde quer que se refira a história de Conceição das Crioulas. Visto que, na interpretação dos moradores este personagem social se expressava por meio narrativas orais, aproximando-se de uma espécie de laudo antropológico. Era uma forma de propagar sobre os limites geográficos, divisão entre as terras pertencentes ao quilombo e ao povo indígena Atikun. Os quais até hoje esses povos vivem em conflitos territoriais.

Existe destaque para a inter-relação Conceição das Crioulas e povo Atikun, do município Carnaubeira da Penha em Pernambuco, imbricados pelos laços consanguíneos dos vários casamentos inter-étnicos. Embora apresentem as suas diferenças e os investimentos necessários a cada povo, eles apresentam suas especificidades, como sentimentos de unidade, de continuidade e de coerência. Pode-se falar estarem identificados como povos de identidades coletivas.

A partir dos estudos da Professora Vania Rocha Fialho de Paiva e Souza da Universidade de Pernambuco, com o apoio da Fundação Palmares, o Centro Luiz Freire e demais relatórios de instituições, entidades, houve dados sociológicos, antropológicos e educacionais que intensificaram as políticas de reconhecimento de terras pertencentes aos remanescentes de quilombos. A partir de então, a comunidade de Conceição das Crioulas passou a possuir um Laudo Antropológico, que lhes garantiu os direitos de serem reconhecidos como comunidade quilombola no ano de 1989. Mesmo assim, essa comunidade permaneceu durante muito tempo, sem acesso aos bens sociais assegurados a todos os cidadãos.

Em 2003, o Brasil ratificou a Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais da Organização Internacional do Trabalho- OIT. Às comunidades quilombolas, enquanto populações tradicionais autodeterminadas em função de sua identidade étnica, costumes, cultura e relação com os territórios ocupados, deve-se aplicar os ditames da Convenção nº 169 da OIT.

Do ponto de vista político, essa comunidade vem sofrendo há décadas por não possuir a posse documental por completo das terras do quilombo, que antes foram suas e que até hoje luta continuamente para ter acesso ao seu bem maior, o aludido direito às terras e ao seu reconhecimento étnico, enquanto quilombolas. O conflito com a conhecida sociedade nacional brasileira ou local pernambucana, reveste-se tanto de aspectos políticos como imaginários. Este tratamento desigual historicamente foi imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais”. Contudo, essas desigualdades sociais continuam sendo reforçadas por parte da sociedade. Nas últimas décadas surgiram algumas iniciativas de promoção da igualdade racial, ampliando os espaços de atuação e inserção dos negros no sistema educacional e no mercado de trabalho, assim como em outros campos de atuação. Todavia, nota-se que ainda são tímidas e conflituosas as formas de garantia dessa promoção de igualdade racial, frente ao tamanho do preconceito existente na sociedade brasileira.

Nesta Dissertação de Mestrado, há uma proposição de encontro entre a Linguística e a Antropologia, na qual a primeira disciplina caracteriza-se como Ciência da Linguagem e a segunda, como Ciência do Homem, e que se apresenta, de um modo mais europeu do que norte-americano, como Etnologia, ou seja, Ciência da Cultura. Entretanto, enquanto uso acadêmico opta-se por Antropologia. Portanto, está se abordando a relação na Linguística relacionada com discursos ou textos orais e ancestrais, ou melhor, oralidade e na Antropologia, na função dessa oralidade para o acontecer e reviver da memória cultural e a (re) afirmação das respectivas identidades étnicas.

A perspectiva linguística da presente dissertação envolve os aspectos discursivos da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, na

Macrorregião do Sertão de Pernambuco. Esses discursos, entendidos com textos construídos ou reconstruídos em determinadas práticas discursivas que igualmente são práticas sociais, (re)guarda as memórias discursivas de pessoas idosas, líderes comunitários, professores e gestores de escola. Esses discursos/textos podem evocar uma reconstrução simbólica e pragmática da trajetória da comunidade através da linguagem oral.

Esta linguagem oral aborda temas cujos contextos sociais, culturais e históricos remetem ao fenômeno da escravidão, à conjuntura da afirmação étnica e dos processos identitários, representando uma perspectiva de ruptura com um passado de exclusão. Para apreender tais nuances, é necessário recorrer ao estudo da linguagem e da memória desses sujeitos. Sobre isso, Pollak (1992, p.204) afirma o seguinte:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. É a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.204).

Parte-se do pressuposto de que a afirmação étnica dos quilombolas de Conceição das Crioulas encontra sustentação na manutenção da memória coletiva. Deve-se reiterar que memória é tempo, mas também é espaço de lugares atrelados a uma herança passada de forma oral.

Importante o registro desta memória porque na contemporaneidade, a força persuasiva da hegemonia capitalista, igualmente calcada na cultura da imagem da sociedade global, atua no sentido da dissolução das culturas tradicionais, que muitas vezes não deixam de resistir.

As comunidades quilombolas caracterizam-se como minorias étnicas brasileiras, às quais, durante muito tempo, sofreram a negligência do Estado, negando-lhes o acesso à terra, assim como alijando-as do processo de identificação enquanto povo. Nesse caminhar, vivendo entre eles, a autora intuiu que esses sujeitos não se abalam com a sua condição de “ser” e “estar” enquanto um questionamento da modernidade individualista, do tipo “penso, logo existo”, porque encontram no outro uma espécie de pacto de engajamento, de comunhão da participação de vida, no desejo de luta, na força para o crescimento individual e coletivo. Pode-se afirmar que nesta lógica deveria afirmar: “Penso, logo (co) existo”.

Associado aos vários processos de resistência da escravidão negra no passado, e junto com a luta pelo território, pela identidade étnica e pelas especificidades históricas, sociais, culturais, linguísticas, políticas e econômicas, pode-se dizer que essas proposições fazem parte da identidade quilombola. Contudo, na tentativa de discutir a relação entre memória, identidade

étnica e discurso, o principal desafio está em responder à problemática de pesquisa: Qual a dinâmica social e simbólica envolvendo práticas e memórias discursivas na constituição do “ser” quilombola? Como é que os moradores de Conceição das Crioulas se auto identificam hoje? Quais elementos materiais e discursivos estiveram presentes no processo de auto reconhecimento como etnia? Qual o conteúdo lógico, temático e semântico das narrativas sobre a oralidade do povo quilombola? Quais os principais cenários de “contação” de histórias?

Trazendo especificamente para o campo da ACD, podem ser pensadas em termos da triangulação discursiva, as seguintes possibilidades: a) Texto: Quais os temas? Qual a semântica? b) Prática Discursiva: Considerando a memória discursiva como um processo intertextual, quais os temas que são recorrentes no discurso dos sujeitos? A quais objetos e discursos eles remontam? Qual a função social do uso desses temas no dia a dia da comunidade? Nesta circulação de uma memória discursiva, os mais velhos e os mais engajados, de forma oral, conseguem construir o discurso de luta e de identidade social da comunidade.? c) Prática Social: Qual o contexto político, econômico e cultural da Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas. Quais os respectivos processos coletivos de movimentos sociais? Sobre esses processos, salienta-se:

Os processos coletivos de origem política, religiosa, artística, de oposição cultural, entre outros, que na última década se multiplicaram e difundiram, particularmente nas sociedades neocapitalistas ocidentais, se oferecem, na condição de grupo, como alternativa institucional, ética e instrumental, o que pode ocorrer a partir de uma experiência das contradições particulares do sistema de produção e de poder, da qual se passa à contestação radical dos valores e contradições fundamentais. O poder que o grupo reivindica se baseia em valores que ele próprio cria e propõe, em uma fé e atividade de práticas novas, vividas como algo radicalmente diverso em relação aos "demais", e cuja eficácia se quer demonstrar ativamente, quando menos num sentido simbólico de ruptura e de reconstrução básica. (BOBBIO, 1998, p. 150)

A própria comunidade quilombola entabula um encontro entre as narrativas tradicionais e as narrativas científicas, através de produtos de pós-graduação em universidades brasileiras. A professora quilombola Givânia Maria da Silva (2012) defendeu uma dissertação intitulada “Educação como processo de luta política: A experiência de uma educação diferenciada do território quilombola de Conceição das Crioulas”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Brasília -UnB. Neste trabalho, Silva (2012) analisa a proposta de educação diferenciada na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, como se processa a luta política dos moradores para a conquista da posse da terra, como os atores sociais estão inseridos nessa proposta e como enfrentam avanços e dificuldades. A pesquisa relata a luta pelo direito à educação formal, através dos processos não formais.

Por sua vez, Maria Aparecida de Oliveira Souza (2006), igualmente liderança quilombola, defendeu pela Universidade de Brasília - UnB, a dissertação de Mestrado na Pós-Graduação de História, intitulado “As mulheres, a comunidade de Conceição das Crioulas e suas lutas: histórias escritas no feminino”. No trabalho, foi analisado como as mulheres quilombolas construíram as suas identidades, para que pudessem ser inseridas nas políticas de identidade e aquisição das terras desse quilombo, através das leis de identificação e demarcação. O mito da fundação étnica legitimou a longevidade, a historicidade e a condição de serem assentadas na ação de posse da terra. Conclui-se que essas mulheres foram um dos elementos principais na construção identitária desta comunidade, bem como na busca de investigar a participação e as ações de mulheres que permanecem hoje na comunidade de Conceição das Crioulas.

Outros trabalhos acadêmicos no Brasil enfocam o tema quilombolas, de um modo geral, trazendo igualmente uma interface com a linguagem. Pedro Fernando dos Santos (2015) em dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), intitulada “Memórias que educam: Narrativas de velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes de tradição” discorre a sobre as relações da tradições e trajetórias da comunidade quilombola de Santana, em Salgueiro-PE. O mote é compreender como os saberes da tradição nas narrativas dos mais velhos, para saber de que forma podem contribuir para a preservação e promoção de aprendizagens para os mais jovens.

Outra autora, Marta de Oliveira Antunes (2016) com a tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, “A terra que volta: Gerando territórios, memórias, conflitos e normas em Conceição das Crioulas” faz uma análise do processo de “desintrusão” e seus impactos sociais na relação entre quilombolas e não-quilombolas, englobando categorias como base nas normas de gestão territorial, a percorrer tramas históricos, memórias, processos identitários e de (des)territorialização.

Igualmente deve-se fazer referência a dissertação de Marcia Jucilene Nascimento (2017) intitulado “Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas”. Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – UnB. É discutido o processo de educação escolar específica do quilombo de Conceição das Crioulas. Uma discussão a partir da reconstrução das histórias ancestrais, as quais desencadearam lutas, prioritariamente a reconquista do território e o ideal de se garantir uma educação

diferenciada, pautada na memória individual e coletiva, baseadas nos relatos históricos dos acontecimentos de resistência e de opressões impostas no quilombo.

Por sua vez, Maria Jorge dos Santos Leite (2012) desenvolveu a tese de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará -UFC, intitulada “Movimento Social e Processos Educativos: A Constituição do Sujeito Coletivo na luta por direitos na Comunidade de Conceição das Crioulas”. É uma investigação no cotidiano na formação dos sujeitos políticos e atuação desses sujeitos dentro do movimento quilombola. Procurou-se também analisar como ocorre a constituição desse sujeito coletivo, movimento social quilombola na luta por direitos, bem como o processo de construção da identidade étnica, questões de gênero e relações sociais, políticas e econômicas nessa comunidade.

Finalizando, Ilca Suzana Lopes Vilela (2014) desenvolveu a tese no Doutorado da Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, intitulado “A Formação da Identidade no Discurso Quilombola em Perspectivas Semiótica: O caso das Bonecas Pretas do Quilombo”. Na Tese foi analisado o discurso quilombola dos sujeitos de Conceição das Crioulas, apresentando como objeto empírico as Bonecas Pretas do Quilombo. A construção do efeito de sentidos da afirmação da identidade se deu a partir da manipulação por sedução das bonecas pretas. Discute-se uma identidade semiótica e como se processa a produção de sentido com esse efeito textual/discursivo e o que de fato dá significado na afirmação da identidade pelos sujeitos no quilombo.

A análise do discurso do povo quilombola pode ser um “meio” para se chegar a uma resposta para uma problematização sociológica, antropológica, política, educacional. No caso da presente dissertação, a linguagem não é encarada com um “meio”, mas como um “fenômeno” dialético ao mesmo tempo construído e construtor da realidade social. Nada mais humano do que a linguagem.

Importante frisar, que a partir das categorias analíticas estudadas na Análise Crítica do Discurso, não há consenso sobre as perspectivas de “análise do discurso”, seja como “análise do discurso”, “análise histórica do discurso”, “história do discurso” e finalmente, “análise crítica do discurso” em Norman Fairclough (2016), tendo além dele, nesta área há a contribuição dos estudos de Teun Van Dijk, Gunther Kress, Ruth Wodak, Teo Van Leeuwen e Foucault o qual segundo Fairclough (2016) “relega o sujeito a um lugar passivo, ignorando a capacidade das pessoas de se conscientizarem e mudarem as estruturas de poder”. Neste sentido, Fairclough (2016, p. 76), ressalta ainda, que há uma lacuna de orientação de ordem da linguística e linguagem, em Foucault, as quais possibilitam fazer uma vinculação com as suas práticas sociais. Dito de outro modo, a “análise do discurso em Foucault, não inclui a análise discursiva e linguística

de textos reais”. A sua prática está mais para um conjunto de regras do que para algo cuja materialidade se ache nos textos.

Dessa forma, na presente dissertação estão presentes os seguintes objetivos:

Geral: Analisar os discursos quilombolas a partir da memória e da oralidade enquanto prática de legitimação da identidade étnica.

Específicos:

1º Interpretar os discursos dos sujeitos sobre a condição de ser quilombola;

2º Compreender os sentidos de práticas discursivas presentes em narrativas míticas e históricas relacionadas com a organização da identidade étnica quilombola;

3º Observar os usos sociais das situações de contação de histórias no cotidiano dos quilombolas de Conceição das Crioulas;

Através desta análise crítica discursiva, porque envolve relações de poder, é possível observar que a história dos “negros” de Conceição das Crioulas é permeada por uma resistência cultural e política, baseada no mito da aquisição da terra. A reprodução deste discurso chega às novas gerações de diferentes formas e em diferentes lugares, desde o seio familiar até a escola quilombola. Tais fatos apontam para uma luta ideológica, como dimensão da prática social/discursiva. Uma luta cujo escopo é (re) modelar modos de falar, de pensar e de agir, construídos no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação como revela Fairclough (2016).

Para tanto, esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos. No primeiro, discute-se a teoria da Análise Crítica do Discurso, as origens, algumas disposições fundamentais. Neste capítulo ainda se elaboram as seguintes perguntas: A Teoria Crítica do Discurso é realmente crítica? A pesquisa do discurso é uma pesquisa crítica e analítica? Para tanto são pensadas as contribuições do Modelo Tridimensional de Fairclough e as concepções de Van Dijk e de Foucault.

O segundo capítulo intitula-se: “Veredas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas: Um cenário de ensaios e esperanças”. É traçado um cenário sócio histórico, situando e caracterizando o espaço de uma memória discursiva que é foco deste estudo. São tratados alguns pressupostos teóricos, acerca de quilombo, do conceito à conquista de direitos. Igualmente, são situados alguns desafios do “ser quilombola” de Conceição das Crioulas, em busca de reflexões em torno de uma memória coletiva e de identidade social.

No terceiro capítulo, discorre-se sobre a metodologia e a estratégia de ação da pesquisa científica. Trata-se de delinear o percurso metodológico que norteou o estudo, a saber: um estudo de abordagem qualitativa, longitudinal e de procedimento analítico, que se utiliza de dados

primários, com enfoque etnometodológico, o qual possibilita uma interface entre a Antropologia e a Linguística. São expostas as escolhas dos informantes chave, do cenário e dos aspectos éticos, assim como os instrumentos de registros de informação, além da análise dos mesmos.

O quarto capítulo intitula-se: “Gêneros Discursivos em Conceição das Crioulas” onde é destacado a oralidade e a escrita como proposta, dos gêneros textuais falados e escritos com base na educação quilombola, nas relações interinstitucionais, na linguagem multimodal e tecnologias da informação e comunicação. O mito fundador e o discurso que legitima a consciência de pertencimento que remota ao século XIX. Foram seis “negras” que chegaram em Conceição das Crioulas. Algumas narrativas apontam que elas vieram de Panelas D’águas, guiadas pelo Capitão Antonio de Sá, uma espécie de guia para as mesmas. O que se sabe pela maioria dos ancestrais é que elas chegaram nesta região na condição de mulheres livres. (SOUZA, 1998). Serão abordados dos discursos da ocupação das terras, dos conflitos o tempo e os lugares da memória coletiva.

## 1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

### 1.1 PRÁTICA SOCIAL E DISCURSO EM NORMAN FAIRCLOUGH

Linguistas participantes de Simpósio Internacional em Amsterdã, na década de noventa do século XX, reconheceram que os paradigmas da francesa Análise do Discurso, datada da década de sessenta, não atendia mais às demandas e transformações sociopolíticas da sociedade mundial em tempos de globalização. Havia a necessidade de um conceito menos relacionado com a “reprodução” e mais com a “transformação” da realidade social, afastando-se da psicanálise e se aproximando de uma teoria crítica e social, no qual se destacasse o estratégico conceito de poder. Desse modo, Fairclough (2016, p. 121), escreveu o seguinte:

[...] situarei o discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica. Ao fazer isso, recorro às contribuições clássicas do marxismo do século XX, de Althusser e Gramsci, que (não obstante a crescente impopularidade contemporânea do marxismo) oferecem uma teoria rica para a investigação do discurso como forma de prática social, embora com importantes reservas, especialmente em Althusser.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), nessa perspectiva de Norman Fairclough, permite que se construa um engajamento crítico no mundo contemporâneo. Junto a isso, existe o interesse emancipador do conhecimento, o qual é iniciado e encerrado a partir de fluxos de práticas teóricas e não teóricas, institucionalizado e/ ou simbolizado, principalmente, na esfera pública. O engajamento crítico demonstra como os “objetos” são dirigidos e direcionados ideologicamente na e pela linguagem. Isso implica perceber o discurso como instrumento dialético das práticas sociais. Isso implica reconhecer que o discurso pode tanto facilitar como dificultar mudanças sociais, culturais, jurídicas, educacionais entre outras, abrindo ou fechando as portas para transformações sociais.

Portanto, as relações de poder relacionadas como específicas necessidades de grupos sociais podem interferir nos processos de compreensão e de explicação da dinâmica sociocultural, o que permite considerar que os “lócus” social do pesquisador, ou seja, a respectiva situação histórica e social contribui, e muito, nesta atividade de pesquisa. Conclui-se, que não existe no uso da linguagem a previsão da neutralidade ou pleno objetividade, pelo contrário, ela sempre está condizente com os valores e juízos subjetivos e ideológicos de quem discursa. (FAIRCLOUGH, 2016).

Ainda sobre o conceito de discurso em Fairclough, o autor inglês disserta:

[...] Quero focalizar a linguagem e, conseqüentemente, o uso ‘discurso’ em um sentido mais estreito do que os cientistas sociais geralmente fazem ao se referirem ao uso de linguagem falada e escrita. Usarei o termo ‘discurso’ da forma como os linguistas tradicionalmente o utilizam para escrever sobre o ‘uso da linguagem’, *parole* (fala) ou ‘desempenho’. [...] Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexa de variáveis situacionais (IBID., 2016, pp. 93-94).

Ao se considerar discurso como uso da linguagem, podem ser atrelados três outros comentários. Inicialmente, este uso pode caracterizar uma determinada posição social do sujeito, o que é um dos critérios relevantes para se construir o conceito de identidade social. Em segundo lugar, através do discurso é possível inserir ou excluir o indivíduo em sociedade, a partir das práticas de interações sociais que caracterizam as chamadas relações sociais.

Por fim, o discurso está atrelado ao pertencimento deste ou daqueles dos que “dele fazem uso” aos sistemas sociais de conhecimento e crença sobre as formas de representar o mundo ou de ser por este representado. Por exemplo, o discurso enquanto tipo de linguagem tem especificidades próprias, bem como distintas peculiaridades capazes de inserir o “sujeito falante” em um campo específico e, internamente, estratificado, a saber, o político, o religioso, o científico, entre outros (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

Considerando que a Análise Crítica do Discurso (ACD) é um campo teórico transdisciplinar, envolvendo vários ramos das Ciências Sociais e Humanas (Linguística, Literatura, Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas, Psicologia Social, História, Filosofia, entre outros). Devido a complexidade da abordagem - transdisciplinar e multidisciplinar -, muitos pesquisadores sentem dificuldade quando iniciam suas leituras em ADC. Contudo Resende e Ramalho (2006) afirma:

A ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem socio-discursiva. Assim sendo, a ADC provém da operacionalização de diversos estudos, dentre os quais, com base em Fairclough (2001a), destacamos os de Foucault (1997, 2003) e de Bakhtin (1997,2002), cujas perspectivas vincularam *discurso* e *poder* e exerceram forte influência sobre a ADC. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14).

Essa autora em outro estudo ainda acrescenta que:

A transdisciplinaridade não é apenas útil, mas também necessária a abordagens que pretendam investigar o uso da linguagem em sociedade. Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como ação situada, que é constituída socialmente, mas também é constitutiva de identidades, relações sociais e ideologias. Não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 1079)

Contudo, uma importante referência conceitual para a ACD é o modelo tridimensional de Fairclough o qual discute-se adiante.

## 1.2 MODELO TRIDIMENSIONAL DE NORMAN FAIRCLOUGH

Fairclough (2016) compreende discurso como um conceito abstrato, cuja materialidade se encontra manifesta na prática social. Essa prática fundamenta-se em eventos discursivos considerados instâncias do uso da linguagem a partir de três categorias que apresentam uma inter-relação dialética: o texto, a prática discursiva e a prática social, conforme se representa na próxima figura.

Figura 1 - Modelo Tridimensional do Discurso



Fonte: (FAIRCLOUGH, 2016, p. 105).

Autoras como Viviane Resende e Viviane Ramalho (2004) comentam que o Modelo Tridimensional proposto por Fairclough, apresenta três dimensões Inter complementares que articulam a análise microssociológica do texto com a análise macrossociológica da prática textual.

Em se tratando do texto, aborda-se tanto a linguagem escrita como a linguagem falada. Nesse aspecto ao se considerar que a ACD se apresenta como uma “escola” transdisciplinar, inclusive enfocando aspectos empíricos da realidade social. Nessa perspectiva, não se deve analisar um texto partindo apenas de seus elementos gramaticais, sistêmicos, morfológicos e lexicais como se estes fossem de forma tão limpidamente padronizados que não se fosse possível permitir a observância de uma metafunção linguística, ou seja, analisar o texto para além dos recursos sintáticos ou dos gêneros textuais.

Esta preocupação metalinguística permite uma aproximação de Fairclough a Teun Van Dijk (2010), principalmente quando este último autor defende a necessidade de se “humanizar” o quadro em sua análise linguística, orientando-se menos para as características semânticas e sintáticas, ampliando o olhar para os recursos e contextos culturais e sociais.

Repetindo, a análise textual está orientada pela tradição linguística, entretanto a análise do discurso como texto é “apenas” uma análise de um texto em seu aspecto gramatical fixo e padrão, mas sim, deve-se fazer uso das formas linguísticas para se apropriar da contextualização social de uso da linguagem e da materialização discursiva das práticas sociais.

No caso da prática discursiva, esta se relaciona com a produção, com a distribuição e com o consumo do próprio texto. Que podem diferir ou alternar o significado e as práticas entre diferentes tipos de discursos de acordo com os fatores sociais.

Nesta categoria encontra-se o fenômeno da interdiscursividade entendida como qualquer estruturação de um texto constituído por outros textos e/ou outros gêneros discursivos.

Ainda em relação à prática discursiva, Fairclough (2016, p. 92) afirma o seguinte:

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional ou como criativa. Contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la. O exemplo, das identidades de professores e alunos e as relações entre elas, que estão no centro de um sistema de educação, dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e no exterior dessas relações para a sua reprodução.

Portanto, as práticas discursivas estão relacionadas a determinados hábitos ou padrões sociais responsáveis pela reprodução do que são os grupos sociais, do modo como esses grupos relacionam-se internamente ou externamente, na organização dos saberes e dos sistemas de crença. Em outras palavras, estão relacionadas com identidades sociais cuja constituição não pode deixar de estar vinculada ao que se chama memória social.

Nesse sentido, o gênero textual é um outro modo de atividade e de construção social. Através do gênero, podem ser modificados os sentidos das palavras ou, mesmo, do próprio discurso em função da contextualização da prática discursiva em determinada prática social.

Embora, Fairclough (2016) compreenda que os gêneros possam ser padrões típicos de discurso para fins específicos por contextos sociais particulares, é admissível que existam instâncias onde o “produtor textual” do discurso não apareça. Além disso, podem ser encontrados gêneros textuais que não são típicos para um determinado propósito ou contexto social devido a “ambiguidades” que são constituídas nas interações entre as “distintas posições”, ou seja, nessas instâncias encontrarão gêneros que não são típicos para um propósito ou contexto específico, não obedecendo a relação complementar entre produção e consumo discursivo.

Em se tratando da prática social, Fairclough entende como sendo uma forma estabilizada de atividade social, incluindo o discurso no conjunto de elementos configuradores das práticas sociais, o que faz sentido, pois sem o discurso não há prática social.

A contextualização sociocultural do discurso em uma perspectiva da prática discursiva é concebida deste modo por Batista (2015, p. 13) ao escrever o seguinte:

A prática discursiva é uma manifestação particular da prática social, o que esclarece a não oposição entre as duas. A prática social contribui para reproduzir a sociedade, mas também pode ajudar a transformá-la. Desse modo, uma análise nessa perspectiva deve considerar a relação entre discurso e estrutura social como dialética. [...]. A análise crítica de qualquer discurso não pode ocorrer dissociada das outras práticas sociais que compreendem o contexto no qual esse discurso é produzido, uma vez que para a ACD o contexto representa uma dimensão fundamental na análise do discurso. Isto significa que a relação entre discurso e prática social é dialética.

Portanto, a prática social, englobadora dialética da prática discursiva, igualmente pode ser reprodutora (por exemplo: memórias, hábitos sociais, entre outros) ou transformadora da realidade sociocultural (por exemplo: conflitos, processos de ajustamentos sociais, entre outros). Nessa perspectiva de olhar da ACD, há um lugar central para os conceitos de hegemonia e de ideologia.

Na ACD, existe, em relação aos conceitos referidos, um extenso diálogo entre diversos autores que apresentam um enfoque crítico-discursivo, destacando-se Ruth Wodak (2000), Michel Foucault (2008; 2010,1984), Teun Van Dijk (2010), Louis Althusser (2001), Antônio Gramsci (1978a; 1978b), Dominique Maingueneau (2005; 1997) entre outros.

Ao abordar o conceito de hegemonia, Fairclough (2016) analisa os sentidos de poder presentes e em se tratando do fenômeno ideológico, compreende que este é introduzido, alterado e interpelado tanto pelos sujeitos, a um nível individual, quanto, coletivamente, pelos Aparelhos Ideológicos do Estado, tais como os aparelhos religiosos, escolares, familiares, jurídicos, políticos, midiáticos, entre outros. Evidencia-se, portanto, as estratégias ideológicas das relações de dominação social, o que pode influenciar a identidade social dos interlocutores (por exemplo, discurso no lugar de sacerdote ou de fiel, no lugar de professor ou de aluno, no lugar

de pai/mãe ou de filho, no lugar de parlamentar ou de eleitor, no lugar de jornalista ou de leitor, entre outros).

Cada uma dessas identidades sociais armazena conhecimentos que interferem nos valores e nas práticas sociais, configurando-se como uma memória social que terá influências na constituição da respectiva identidade.

Portanto, tudo parte e termina pelo discurso, havendo esta importante função ideológica, conforme se pode ler na próxima citação:

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de ‘senso comum’; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência à transformação aponta à luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto de reestruturação ou da transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122).

Considerar “natural” o modo como os sacerdotes, professores, pais/mães, parlamentares e jornalistas discursam para fiéis, alunos, filhos, eleitores e eleitores, é uma estratégia simbólica presente no fenômeno ideológico. Esta percepção torna-se enraizada no cotidiano, fazendo parte das estruturas de conhecimento do senso comum. Entretanto, Fairclough (2016) alerta que não se deve enfatizar em demasia esta característica de “estabilidade”, pois se estaria negando a existência dos conflitos e das contradições sociais responsáveis pelas mudanças em sociedade. Trata-se de uma transformação que envolve as práticas discursivas e, dialeticamente, as ideologias presentes, o que pode contribuir para reestruturar e transformar as relações de dominação social.

É compreendido que ideologia é uma relevante perspectiva propagada pelos grupos sociais, os quais podem, a partir desta, promover práticas de controle social. Desse modo, as respectivas práticas sociais de controle, igualmente são naturalizadas, tornando-se instrumentos de dominação a partir dos discursos de específicos grupos em relação a outros grupos sociais na luta pelo poder. Em torno desta abordagem, Fairclough (2016, p.127) escreve o seguinte:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança e integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento.

Importante relacionar na perspectiva de Fairclough (2016) as relações de sentido entre ideologia ou ideologias e o conceito de hegemonia. O autor inglês escreve o seguinte: “as ide-

ologias são significações/construções da realidade [...], que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou a transformação das relações de dominação”.

Por sua vez, hegemonia é apontada como um “foco” recheado de lutas constantes sobre esferas sociais, trazendo instabilidade entre todos os sujeitos, direta e indiretamente, envolvida no combate, em uma constante histórica que atinge a economia, a política e as demais relações sociais (FAIRCLOUGH, 2016, p.122).

Esta luta realça alianças de poder e para o poder, as quais são propagadoras tanto da dominação, quanto da subordinação. Muito embora, torne-se perceptível que tanto os distintos grupos, quanto as práticas sociais realizadas por estes grupos, busca-se, acima de tudo, a manutenção ou a conquista do poder de controle dos grupos sociais, uma vez que a ideologia é o instrumento que assegurará a realização deste feito em sociedade. Assim, a utilização discursiva da ideologia/ hegemonia é um permanente capaz de reproduzir as relações sociais de poder.

Fazendo uso da Análise Crítica do Discurso como campo teórico e metodológico que concebe a linguagem como estratégia de criação e de recriação do poder, este se fundamenta simbolicamente através de um a representação e de uma ressignificação das ideias, ensejando assim, em um novo processo capaz de articular a liderança cultural e a autoridade social nas interações sociais.

A linguagem, a este respeito, não é simplesmente uma ferramenta de comunicação, mas um meio pelo qual as pessoas demonstram seu compromisso, de uma forma ou de outra, com certas ideologias de dominação presentes na produção discursiva. Fairclough (2016, p.121-122) ainda faz a seguinte observação:

As bases teóricas que tenho em mente são três importantes asserções sobre a ideologia. Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ são locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta do discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 121-122).

Diante de várias concepções do que seja ideologia, o autor inglês elabora uma tríplice interpretação. Em primeiro lugar, a materialidade ideológica que se encontra presente nas práticas discursivas, o que se caracteriza como prática institucional. Em segundo lugar, a ideologia igualmente apresenta uma função constitutiva dos sujeitos e, portanto, das subjetividades. Por

fim, retomando o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado, resgata o conceito de luta de classes como orientação ideológica e de luta presentes no discurso.

Thompson (2011), por sua vez, afirma que o primeiro uso do conceito de ideologia partiu do filósofo francês Destutt de Tracy, no ano de 1801, ainda no contexto da Revolução Francesa, influenciado pelos pensadores iluministas como Robespierre, Voltaire, Holbach, Condillac. Tratava-se de uma ciência das ideias, entretanto o conceito de ideologia somente atingiu notoriedade epistemológica, a partir do materialismo histórico de Karl Marx.

Sobre isso é escrito o seguinte:

Começarei pela discussão das origens do conceito de ideologia na França no final do século XVIII. Examinarei, a seguir, alguma das maneiras de como o conceito foi empregado no trabalho de Marx. Embora Marx seja, indubitavelmente, a figura mais importante na história do conceito de ideologia, seus escritos não oferecem uma visão única e coerente. Ele emprega o termo de maneira causal e aleatória; podem-se discernir temas muito diferentes que estão associados ao seu uso. (THOMPSON, 2011, p. 44)

Thompson (2011), nesse sentido, procura classificar ideologia em algumas perspectivas. Uma falsa consciência da realidade, uma consciência do partido revolucionário ou a consciência de um grupo social sobre determinada realidade cultural. Pode-se, portanto, focar a perspectiva de poder, como uma perspectiva de construção social da realidade. No próximo item, será feita uma aproximação da realidade sociocultural da comunidade negra Conceição das Crioulas.

### 1.3 APROXIMAÇÕES DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

A história da comunidade quilombola, negra e rural de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, na Macrorregião do Sertão de Pernambuco, é permeada por uma resistência cultural e política, baseada no discurso sobre a aquisição da terra. A reprodução desse discurso chega às novas gerações, de diferentes formas e de diferentes lugares, desde o seio familiar até à escola quilombola. Tais fatos apontam para uma luta ideológica, como dimensão da prática discursiva, uma luta para (re)moldá-las no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação, como revela Fairclough (2016).

As memórias discursivas de pessoas idosas, de líderes comunitários, de professores e de gestores de escola evocam uma reconstrução simbólica e pragmática da trajetória da comunidade, através da linguagem oral. Por sua vez, a linguagem oral envolve temas cujos contextos sociais, culturais e históricos remetem ao fenômeno da escravidão, a conjuntura da afirmação

étnica e dos processos indenitários, tudo isso representando uma perspectiva de ruptura com um passado de exclusão. Portanto, para apreender tais nuances, é necessário recorrer ao estudo da linguagem e da memória desses sujeitos. Sobre isso, afirma Pollak (1992, p. 204):

[...] se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. É a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Para tanto, se tem como pressuposto inicial que a afirmação étnica dos quilombolas de Conceição das Crioulas encontra sustentação na manutenção de uma memória discursiva. Esta conta com seus lugares atrelados a uma herança passada de forma oral que, mesmo na contemporaneidade, sob a hegemonia ideológica da cultura da imagem da sociedade global, não deixa de lado as suas características tradicionais. Nessa perspectiva, essas comunidades quilombolas caracterizam-se como minorias étnicas brasileiras, às quais, durante muito tempo, sofreram, e após os anos recentes voltaram a sofrer, com a negligência do Estado, negando-lhes o acesso à terra, assim como alijando-as do processo de identificação enquanto povo.

Esse processo de transformação da condição de ex-escravos, camponeses e, agora reconhecidos pela identidade quilombola, implica um processo de luta pela posse da terra e também pelo reconhecimento étnico. Para isso, a memória discursiva se caracteriza como uma estratégia fundamental. Sobre o conceito de memória discursiva pode ser elaborado a partir do analista de discurso Maingueneau (1997, p. 115), que não é identificado com a ACD e sim com outra AD francesa, em paralelo a Michel Pêcheux. Ele escreve o seguinte:

O “domínio da memória” representa o interdiscurso como *instância de construção de um discurso transverso* que regula, tanto o modo de doação dos objetos do que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação destes objetos. A intervenção deste interdiscurso se revela particularmente nas nominalizações, graças às uma formulação já acertada vem encaixar-se como pré-construído.

Portanto, a memória é um campo que se mostra espaço de circulação de um discurso transversal, que pode se apresentar como interdiscurso, seja explícito ou constituído, tendo com exemplos a intertextualidade ou a ordem do discurso. Pauta-se tanto pela escolha dos objetos como pelo processo de normalização dos mesmos, havendo destaque para as disposições pré-construídas.

Ao se focar a transversalidade interdiscursiva, existem ressonâncias em Michel Foucault, para quem as possibilidades de se analisar o que existe de implícito de um texto alheio,

naquilo que se chama de intertextualidade constitutiva, existindo, no caso, uma ordem do discurso que envolve tanto o gênero textual hegemônico, como os sentidos ideológicos da representação do próprio discurso.

Foucault (1984, p.13) escreve o seguinte:

Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo?

Os jogos de verdade são constituídos e constituintes de ontologias normais ou desviantes, a partir de determinados critérios que se fundamentam em uma circularidade interdiscursiva, que pode incluir os sentidos da identidade de um povo, a partir de uma narrativa histórica ou mítica comum, categorizando a diversidade enquanto unidade de um povo.

Autores como Soares, Sella e Costa-Hübes (2013, p. 263) comentam a abordagem de Dominique Maingueneau:

[...] os sujeitos encilhadores, seus presumíveis destinatários e os gêneros de discurso utilizados formam um todo inseparável, imerso em instituições das mais variadas ordens, constituindo o tom ideológico dos discursos. [...] a tentativa de superar os limites da linguística faz com que a AD se volte para a apreensão da linguagem enquanto atividade essencialmente interativa, produto da ação de sujeitos.

As distinções entre a AD francesa, o que inclui Maingueneau, e a ACD podem ser compreendidas a partir da citação supracitada. Nela, os sujeitos do discurso são percebidos através do adjetivo “encilhado”, ou seja, presos ao substantivo feminino “cilha” que significa a tira de couro ou de pano com que se prende sela ou a carga sobre o lombo do animal que se cavalga. Os sujeitos estão mergulhados nas ideologias institucionais, havendo mais um enfoque reprodutivo do que transformador. Entretanto, uma contradição se apresenta ao se afirmar que a linguagem é uma atividade basicamente interativa. Nesse sentido, sendo interação intersubjetiva constitui-se domínio sociocultural e este domínio pode ser produzido, reproduzido ou transformado pelo discursivo. Portanto, o sujeito nem sempre se encontra “encilhado”.

As abordagens e escolas da linguística - sejam elas britânica, francesa, alemã, holandesa entre outras – evidenciam que nem sempre está claro os signos e significados que ora limitam, ora libertam as construções e avaliações teóricas. A este respeito Michel Foucault (2010) estimula o debate discursivo nas Ciências Humanas, ao acentuar que a descrição do discurso se opõe à história do pensamento. O autor francês escreve:

[...] não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstruir um outro discurso, de descobrir a palavra muda murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma. (FOUCAULT, 2010, p. 30-31).

Nessa perspectiva foucaultiana, o sistema de pensamento pode englobar as grandes narrativas discursivas e universais, como aquelas pequenas narrativas locais. Importante enfatizar, que a análise do discurso não deve se pautar exclusivamente pela morfologia dos discursos. Ao contrário, o autor francês enfoca vontades dos sujeitos falantes, o dito, mas também, o não dito, simbolizado como palavra muda e inesgotável. Até que ponto não é neste sentido de algo que não se esgota, que se encontra o fio da História?

O contexto histórico, portanto, permite se pensar na interpretação alegórica do que é dito discursivamente, haja vista, procurando “descobrir” no texto, figuras que sejam representativas das ideias e também dos movimentos de práticas sociais, sejam de dominação, manipulação, reificação, entre outros. O aprimoramento metodológico implica avançar deste patamar alegórico, para um patamar ontológico ou mesmo epistemológico com maior densidade.

A análise da crítica do discurso pode ser realizada através de diferentes métodos e procedimentos cientificamente elaborados e explícitos, dependendo se o nível textual, o nível discursivo ou o nível de práticas discursivas e sociais devem ser priorizados. Em vez de se fragmentar nível macro e micro, estrutura e prática, ficção e realidade, pensamento e ação, cultura e política, pode-se construir uma abordagem dialética, entrelaçada, entre objeto e contexto sociocultural e histórico.

Por conseguinte, acrescenta-se que uma das maiores dificuldades do(a) pesquisador(a) que planeja estudar povos e culturas tradicionais, à exemplo, das comunidades Quilombolas, é a existência de um vasto número de epistemologias teóricas, variadas abordagens científicas, diferentes métodos de pesquisa, diversos empregos de técnicas e instrumentos, que podem, em um primeiro momento, dificultar o trabalho ou o foco da investigação do pesquisador inexperiente.

*Fraas e Klemm* (2005) citado por Melo (2017) ressaltam que o ponto de partida para a análise do discurso encontra raízes no conceito do discurso de Foucault, que se refere a relações intertextuais ao nível social e, portanto, a processos coletivos de formação de conhecimento socialmente relevantes. Foucault (2008) considera que com o discurso se aplica um conjunto

de instruções (elementos epistêmicos ou segmentos de conhecimento) que pertencem a um sistema de informação comum.

São partes de um sistema de segmentos de conhecimento que controlam as condições de produção para expressão e produção, estruturação e de índice de exclusão, os quais podem ser ou não enunciados pela língua e que a existência lhes atribui significação. O autor francês ainda escreve o seguinte:

[existe] o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam. Essa descrição se distingue facilmente da análise da língua. Certamente só podemos estabelecer um sistema linguístico (se não o construímos artificialmente) utilizando um corpo de enunciados ou uma coleção de fatos de discurso; [...] mesmo que tenha desaparecido há muito tempo, mesmo que ninguém a fale mais e que tenha sido restaurada a partir de raros fragmentos, uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenho. O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas [...]. (FOUCAULT, 2008, p. 30).

*Ainda segundo Fraas e Klemm (2005) citados por Melo (2017), alguns conceitos básicos na contribuição de Foucault para a Análise do Discurso, podem ser resumidos em três, a saber: a) evento: o enunciado aparece como um acontecimento; b) série: os eventos ocorrem com mais frequência, tornando-se células germinativas de formações discursivas; c) regularidade: a condensação de “séries de eventos” discursivos permite a criação de automatismos para novas estruturas discursivas; d) condição geradora de possibilidade: o aparecimento espontâneo e imprevisível de elementos epistêmicos em um ambiente discursivo. Importante ainda enfatizar que as formações discursivas têm um efeito constituinte em eventos discursivos futuros e, portanto, controlam expectativas ou exclusões para futuras declarações.*

De forma semelhante, percebe-se a existência de diferentes focos ou diretrizes dentro das contemporâneas concepções teóricas sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD), oriunda da heterogênea origem da proposta de investigação linguística e social, já comentado no início dos anos noventa do século passado, em um Simpósio Internacional em Amsterdã, o qual contou com a colaboração de teóricos como Norman Fairclough (Professor na Universidade de Lancaster), Ruth Wodak (Professora da Universidade de Lancaster, anteriormente professora da Universidade de Viena, e também diretora do Centro de Pesquisa *Discurso, Identidade, Política na capital Austríaca*), Gunther Kress (Professor da Universidade de Londres), Teo Van Leeuwen (Professor da Universidade de Sidney), Teun Van Dijk (Professor da Universidade e

Amsterdã), Siegfried Jäger (Professor na Universidade de Duisburg-Essen e Presidente do Instituto de Duisburg-Essen de Língua e Pesquisa Social), entre outros nomes de grande contribuição para o atual estágio da Teoria Crítica do Discurso.

Portanto, ao se proceder na revisão da literatura sobre a Análise Crítica do Discurso (ACD) encontra-se um contexto global de investigação transdisciplinar, envolvendo campos como a Linguística, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, o Direito, a Ciência Política, a Educação entre outras.

Essas diferentes abordagens e procedimentos compartilham uma perspectiva heterogênea, entretanto há uma convergência em termos de objetivos sócio-políticos, apresentando uma abordagem de estudo sobre o modo e a forma se dão as construções e as reconstruções discursivas que produzem e reproduzem as desigualdades sociais.

Pode-se perceber que esta construção é fundamental para se compreender os usos da linguagem em distintos contextos sociais, pois, tanto o termo “contexto”, quanto aqueles outros correlatos, tais como situação, circunstância ou entorno são compreendidos por Van Dijk (2012, p. 19) como noção de algo que “queremos indicar e que algum fenômeno, evento, ação ou discurso tem que ser estudado em relação a seu ambiente, isto é, com as condições e consequências que constituem seu contorno”. Por conseguinte, o autor acrescenta que a linguagem deve ser compreendida como uma forma de prática ou de ação social.

Van Dijk (2012, p.19-20) ainda elabora o seguinte comentário:

[...] os contextos surgem em diferentes tamanhos ou escopos e podem ser mais ou menos micro ou macro; falando metaforicamente, parecem ser círculos concêntricos de influência ou efeito de certos estados de coisas, eventos ou discursos. [...]. Dessa caracterização informal da noção de ‘contexto’, podemos concluir que não compreendemos corretamente os fenômenos complexos sem compreender seu contexto.

Na origem dos estudos discursivos, com a Análise de Discurso francesa, nos anos sessenta do século XX, houve um predomínio de paradigmas estruturalistas, o que significava um aprisionamento a estruturas linguísticas como as palavras, as sentenças, as proposições, as conversações, entre outros. Apenas nas duas últimas décadas do século passado, as tradicionais estruturas do discurso são contextualizadas ao nível social, histórico e cultural, inclusive a partir dos estudos da sociolinguística como pela contribuição da Escola de Frankfurt (DIJK, 2012, p. 23).

Van Dijk (2010, p. 113) desse modo define a ACD, enfocando o contexto sociopolítico, histórico e cultural:

[trata-se de] um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combinados por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância opor-se à desigualdade social.

ACD é definida como um “tipo de investigação” dos discursos, contextualizando a dominação, o abuso e as desigualdades sociais. Quais são as representações? Quais são as reproduções? Como se articulam o texto oral e escrito? E como produzem e são produzidos pelo contexto social e político? É um ponto fora da curva da ciência tradicional, onde é assumida uma postura explícita de não neutralidade política visando opor-se às aludidas desigualdades sociais.

Portanto, ACD é um modelo de investigação que se mostra pertinente à realidade social, política e cultura da comunidade Conceição das Crioulas em termos de posse da terra, exclusão e identidade social, lutas políticas e memória discursiva.

A proposta da ACD torna-se um instrumento de resposta aos anseios sociais por pesquisas dissidentes que se destinam a analisar criticamente os discursos entre atores em distintos processos de interação social. Fato é o sólido propósito de se querer entender, expor e, finalmente, resistir aos processos de exclusão e dominação social.

Importante salientar que a principal leitura teórica na presente dissertação é Norman Fairclough (2001) em função do Modelo Tridimensional, e também por ser representativo de algumas características “padrão” da ACD. Em primeiro lugar, apesar de algumas nuances entre os diversos autores, eles elaboram uma pesquisa analítica do discurso com reivindicações socialmente críticas. Em segundo lugar, são apresentadas de modo sistemático um diálogo consistente entre a teoria e o método (práxis). Em terceiro lugar, a metodologia que se apresenta operacional para a leitura crítica dos problemas sociais aludidos.

Por sua vez, Melo (2017) ao estudar como o Judiciário cearense julga os crimes homofóbicos em contexto da representação social, cultural e jurídico dos discursos sobre os crimes de ódio no interior do Ceará, acrescenta que a ACD se presta para fundamentar abordagens e pesquisas interdisciplinares em um contexto disciplinar geral, hábil para promover respostas ao chamado desenvolvimento de “fronteiras interdisciplinares”.

Essas fronteiras delimitam pesquisas na linguística tradicional, seja em disciplinas outras do campo das humanas e sociais, onde os discursos se tornam objeto de poder, dominação e propagação ideológica excludente, principalmente, quando estes são direcionados a grupos

vulneráveis em suas especificidades capazes de romper com a abstinência social nos textos e contextos, eminentemente, jurídicos.

De modo que para Melo (2017), a ACD é relevante para a Ciência Jurídica, posto que os estudos empíricos no Direito permitem investigações sociais, que fujam da primazia da dogmática, uma vez que essas abordagens interdisciplinares são, em princípio, elementos não apenas integradores do Direito com as Ciências Sociais e Humanas, mas também, responsáveis pela libertação e conscientização da própria Ciência Jurídica, tendo como exemplo, o ganho de investigações jurídicas e normativas, com a Análise Crítica do Discurso. (MELO, 2017).

Van Dijk (2010; 2012), por sua vez, ao interseccionar, por um lado, discurso e dominação dentro da densidade dos estudos críticos do discurso e, por outro lado, abordar de forma sócio-cognitiva entre o discurso e o contexto, implica em alguns sentidos para a ACD. Entre eles, que os discursos são alianças de textos relacionados com contextos. Igualmente, são um complexo de amálgamas de temas em textos e se caracterizam como redes de sinais, vestígios e trilhos de segmentos de conhecimento. Os discursos são pontos de referência para textos individuais, porque os textos não existem isoladamente, mas estão ligados a textos coexistentes. Os discursos também podem ser entendidos como "conversas" entre textos, ou seja, são caracterizados de forma dialógica. Eles correspondem a sistemas de pensamento e raciocínio que são abstraídos de um conjunto de textos. São uma forma de "interação" entre os usuários na sociedade, principalmente, porque estes usuários de idiomas estão ativamente envolvidos em contextos que os levam a reproduzir pelo discurso atos de dominação e/ ou de reprodução do poder social a partir da fala, seja como palestrantes, escritores, ouvintes ou leitores, mas como membros de categorias sociais, grupos, profissões, organizações, comunidades, sociedades ou culturas (DIJK, 2010; 2012),

E ainda, o referido autor entende que os analistas críticos de discurso têm a capacidade de compreender como em contextos, por exemplo, políticos, as crises podem ser objetivamente construídos e reproduzidos em textos, os quais identificaram o controle do poder e os modos de reprodução deste poder a partir dos discursos, dos processos de produção de contextos e dos processos de leitura destes com as estruturas de poder não apenas os originaram, bem como, os imbricam permanentemente, por meio de práticas linguísticas e discursivas, com as estruturas sócio-políticas do poder e da dominação (DIJK, 2010, p. 87). Basicamente, o desenvolvimento da ACD está intimamente ligado à situação política específica do movimento ideológico e político desde a década de 1960: com interesse em dominância e relações de poder em um "contextualismo ingênuo", o qual influencia diretamente as estruturas sociais através dos discursos de poder:

[...] não o gênero, a classe social, a etnia ou o poder, vistos como elementos “objetivos”, que controlam a produção ou a compreensão de textos escritos e falados, mas, isto sim, se e como os participantes interpretam e fazem uso de tais restrições “externas”, e especialmente como eles em interações situadas” (DIJK, 2006a, p. 163 apud. OLIVEIRA, 2013, p. 316).

Por conseguinte, pode-se encontrar as dimensões da dominância enquanto uma das diversas tarefas da ACD, principalmente, quando esta teoria se propõe a compreender as relações existentes e consistentes entre o discurso do poder, do abuso de poder e da dominância advinda do poder. É importante frisar, que o autor se preocupa com o poder social, a este atribuído - praticado, abusado, reproduzido ou legitimado, uma vez que para o autor, o poder se apresentada de distintas formas -, e não ao poder individual, a saber:

[...] O poder é uma propriedade das relações entre os grupos, instituições ou organizações sociais; [...] o poder social é definido em termos do controle exercido por um grupo ou organização sobre as ações e as mentes de outros grupos; [...] o poder de um grupo ou instituição específica pode ser distribuído e pode ser restrito a um domínio ou escopo social específico [...]; dominância é entendida aqui como uma forma de abuso de poder social, isto é, como o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns, resultando em desigualdade social; o poder é baseado em um acesso privilegiado a recursos sociais valorizados, como riqueza, empregos, status ou mesmo um acesso preferencial ao discurso e à comunicação públicos [...]. (DIJK., 2010, p. 87-88)

Neste caso, o autor torna muito interessante ao mensurar a importância e a visibilidade que a ACD tem para a compreensão da dominância, da hegemonia, da desigualdade e dos processos discursivos de sua promulgação, ocultação, legitimação e reprodução. Igualmente, aborda-se o pressuposto de que esta memória discursiva enfoca temáticas e semânticas relativas à organização, à luta pela posse da terra e também do reconhecimento étnico. Ao se narrar em torno da respectiva ancestralidade, o recurso desta “historiografia” oral parece mapear um espaço que não é suficientemente delimitado pela historiografia “oficial”. Isso igualmente parece indicar um estilo discursivo que não se encontra atinado com aquele presente no discurso dos documentos chamados de oficiais, centrais ou hegemônicos, ao contrário daqueles chamados populares, marginais ou contra hegemônicos. É também preciso reconhecer que, atualmente, o quilombo tem adquirido diferentes significados, os quais deixam para trás o “preconceito” de que eles eram “remanescentes fósseis” dos antigos quilombos. Ao contrário, escreve-se o seguinte:

[...]. Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida caracte-

rísticos e na consolidação de um território próprio. [...]. No que diz respeito à territorialidade desses grupos, a ocupação da terra não é feita em termos de lotes individuais, predominando seu uso comum. A utilização dessas áreas obedece a sazonalização das atividades, sejam agrícolas, extrativistas ou outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação dos elementos essenciais ao ecossistema, que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade. (O'DWYER, 2002, p.18).

É justamente com a luta material e simbólica, engendrada no caso pelos quilombolas, em termos da reconfiguração de suas identidades étnicas, o que se tem fortalecido na contemporaneidade, e resultado em políticas de ações afirmativas como as cotas raciais, tendo servido antes de tudo para a garantia de direitos sociais. Contudo, como lembra Silva (2000, p.108), as identidades são construídas por dentro e não por fora do discurso em que é preciso compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas, através de estratégias e iniciativas específicas. Portanto, está se abordando o conceito de identidade étnica, no sentido da afirmação de um sujeito ou de um grupo enquanto pertencentes a um determinado povo, implicando em um processo de diferenciação, o que encontra-se na fala de Cardoso de Oliveira (1976, p. 36) deste modo:

Partindo de Barth, pudemos então elaborar a noção de identidade constritiva, tomando-a como a essência da identidade étnica: a saber, quando uma pessoa ou grupos se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante do *outros*, jamais se afirmando isoladamente.

Nesse sentido está se abordando a “nossa” memória em detrimento da memória “deles” e isso se relaciona como problema da pesquisa, enquanto identificação de uma memória coletiva através do discurso presente na oralidade. Ainda nessa mesma linha de consideração, há a ênfase de que se trata de um processo indenitário, ou seja, implica em um movimento social e não como algo constituído, naturalizado. Autores como Hall (2006, p. 21), destacam que “nenhuma identidade singular, a exemplo da classe social, pode alinhar todas as diferentes identidades como uma identidade mestra, única, abrangente.”. A identidade é um lugar que se assume, como uma costura de posição e contexto. Já a identidade social apresenta-se correlacionada ao conceito de identidade étnica haja vista haver a menção de que é o sentimento do sujeito individual de pertencer a um determinado grupo social, o que se caracteriza como sujeito coletivo. Portanto, essa memória discursiva é constituída pelas memórias individuais e que são constituintes e reconstituintes dinâmicas da respectiva identidade étnica desses sujeitos, no caso identidade social quilombola.

Ainda corroborando com a ideia desse autor, se faz necessário romper com a narrativa da chamada História oficial a qual molda as memórias e as identidades. Entretanto, na história

moderna, as culturas nacionais têm dominado a "modernidade" e as identidades nacionais tendem a se sobrepor outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural. (HALL, 2006., p. 67).

Isso implica uma diferenciação entre a História Oficial que normatiza e uniformiza as singularidades, comprometendo as identidades sociais locais em detrimento de uma identidade social global. Diferentemente, a História Oral, e sua memória discursiva, atuam igualmente em torno de uma unidade, mas sem comprometer a diferença relacionada com uma intersubjetividade presente no que se pode chamar de identidade social comunitária, ou identidade étnica. Todavia, o elitismo cultural, o moralismo, assim como o eurocentrismo, ainda estão vivos nos pressupostos e discursos da mídia e da cultura de massa, a história colonialista se recicla nos discursos públicos contemporâneos. (HALL, 2003, p. 18). Nessa perspectiva, deve-se partilhar de uma nova epistemologia que confronte essas antigas formas de dominação sobre povos e etnias culturalmente diversas das culturas Europeias. Além disso, indaga-se de como as memórias e essas identidades se relacionam nesse fazer identitário em meio a essa contemporaneidade?

No capítulo a seguir aborda-se sobre as veredas, os cenários e os ensaios de esperanças, que renascem a cada ano, à espera das chuvas que são cada vez mais escassas.

## **2 VEREDAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: UM CENÁRIO DE ENSAIOS E ESPERANÇAS**

Este capítulo retrata os primeiros caminhos trilhados através da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Adentrou-se veredas em busca dos discursos que narram as histórias de um povo que cultua memórias vividas ou contadas, como forma de construção e (re) construção da identidade étnica.

Nesse trajeto de idas e vindas, onde muitos por aqui já passaram, trata-se do chão onde se pisa, como cenário de uma vida compartilhada. Um quilombo que resiste ao abandono das instâncias poderosas há mais de duzentos anos, quando até aos dias atuais discriminam e lhes negam direitos à terra.

Assim, ancorados pelas narrativas orais, principalmente pelas histórias dos mais velhos, esses quilombolas vislumbram desenhar um futuro promissor para as gerações futuras, registrando na história seu próprio legado de saberes e de tradições. São testemunhas de falares e de fazeres característicos do “ser quilombola” de Conceição das Crioulas, uma comunidade negra, rural, localizada no alto Sertão Pernambucano.

### **2.1 UM BREVE PERCURSO NO CENÁRIO HISTÓRICO DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Conceição das Crioulas fica a 48 quilômetros da cidade de Salgueiro, Pernambuco, considerada o segundo Distrito desde 1940. Ocupa 40% da população do município, dentro de uma área de aproximadamente 600 quilômetros quadrados, cuja população é estimada em 4.000 habitantes, distante à 560 km da Capital, Recife (SALGUEIRO, 2018).

É uma comunidade que fica em uma região do semiárido em meio à caatinga, de chuvas escassas, geralmente nos meses de verão. Está cercada por uma paisagem diferenciada entre as serras, que se encontram espalhadas por todo o território. Córregos, riachos, serrotes, vegetações rasteiras, pedras, mandacarus, cactos, umbuzeiros, caroás e juazeiros são elementos da natureza, que fazem desse lugar um oásis de mais de oitenta por cento de mata nativa, com pouca interferência humana. Quando o inverno é bom, o verde toma conta das serras de Conceição, que fica ladeada de serras, com vegetação rasteira. É quando renasce um fio de esperanças, homens e mulheres vão para a roça plantar.

Nessa região, o tipo predominantemente de relevo é o serrote e a depressão, terrenos trabalhados pela erosão. Entre esses acidentes geográficos, o Serrote Minador é um local onde mina água em época de estiagem, fenômeno considerado como milagre na interpretação local. Por sua vez, o Serrote Facheiro<sup>1</sup> ou da Cachoeira recebeu esse nome por possuir grandes quantidades de facheiros, além de ter se destacado na produção do tradicional doce de Facheiro. Já a Serra das Princesas ainda preserva animais quase em extinção, animais silvestres tais como: macaco prego, saguis, onça parda. Caracterizada como um espaço cheio de mistérios do qual há a narrativa de uma enorme cobra de ouro que fazia aparições diante dos mais velhos. Além disso, relata-se que nesta serra as pessoas se perdiam por três dias, quando nesse período percebiam que estavam no mesmo lugar, porém invisíveis. Nas narrativas, não apenas as pessoas, mas a própria serra se torna invisível durante o período de seca. (NOSSO TERRITÓRIO, 2011).

Outras narrativas igualmente registram a Serra Grande, por ser a maior da região, ou a Serra das Crioulas, por se tratar do espaço geográfico no qual as Crioulas trabalhavam para tirar o seu sustento com a produção de esteiras e vassouras. O território ainda dispõe dos serrotes do Expedito, dos Picos, da Palha, das Areias, bem como Serra do Urubu, Boi Morto e Jibóia.

Conceição das Crioulas limita-se ao norte com Salgueiro (a referida sede municipal), ao sul com Floresta, Carnaubeira e Belém do São Francisco, ao sudeste com Cabrobó, ao oeste com Parnamirim e ao leste com Mirandiba.

Na saída de Salgueiro para a comunidade de Conceição das Crioulas, são apenas dezesseis quilômetros de estrada asfaltada e os demais quilômetros não apresentam pavimentação, caracterizando o difícil acesso, tanto no período das chuvas, quanto na época de estiagem. Para se chegar à comunidade utiliza-se de transportes a partir de caminhões, vans, motos, micro-ônibus e carroças. Junto a isso, existem dificuldades de locomoção de veículos para se chegar à comunidade. Entretanto, atualmente iniciaram-se as obras de construção da PE 460, que ligará Salgueiro ao distrito de Conceição.

A comunidade possui um solo pedregoso, tornando-se pouco produtivo, junto ao fato de que o abastecimento de água se dá através de carros pipas, quinzenalmente. As principais culturas quando vingam, consiste no cultivo de milho e feijão, utilizados pelas famílias para o consumo doméstico. Tem-se como complemento da economia, a criação de bovinos, caprinos

---

<sup>1</sup> O facheiro faz parte do grupo das Cactáceas (*Pilosocereus chrysostele*) é uma espécie desta família de abrangente ocorrência no Semiárido Nordestino, serve tanto para o consumo de animais de criação como para a produção de doces, geleias e outros alimentos para consumo humano. <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/at/article/view/29280/15754>.

e suínos, bem como a criação de peixes no único açude da comunidade e a produção de polpa de umbu e de outros frutos próprios da região.

A área é habitada por uma população negra e indígena, a etnia Atikum, que permaneceu nessa região do sertão pernambucano. Ambas permanecem na Serra das Crioulas, evidenciando a inter-relação entre as duas etnias, Atikum e Quilombola. Esses dois povos chegam a comungar símbolos de religiosidade, nos costumes e nas relações construídas historicamente, que vão para além do processo de miscigenação, representadas pelas trocas simbólicas do jeito de cultivar as terras, fazer uso de plantas medicinais, bem como práticas de rezar, benzer, com folhas de vegetais na cura de enfermidades. Esse processo de interrelação entre povos e culturas, Hall (2003) denomina de “Hibridismo” ao passo que ratifica que não é uma referência a composição racial mista de uma população. Ele ainda acrescenta que:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação, é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou "inerentes" de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a "diferença do outro" revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação. (BHABHA, 1997 apud HALL, 2003, p. 75).

No território de Conceição das Crioulas residem cerca de 850 famílias, o mesmo é composto pela Vila Centro de Conceição das Crioulas – a qual concede o nome ao território- e mais dezessete núcleos populacionais ou sítios: Sítios: Amparo, Boqueirão, Jatobá, Lagoinha, Poço da Cruz, Garrote Morto, Mulungu, Curtume, Massapê, Queimadas, Sítio Sítio (Essa repetição se dá, pelo fato de popularmente esse núcleo populacional ser reconhecido pelos habitantes de Conceição das Crioulas, da forma aqui descrita), Rodeador, Paus Brancos, Lagoa (Vila), Paula.

Esses espaços são considerados áreas quilombolas, entretanto existe um contingente “não quilombola”, formado de índios, brancos e negros que não se identificam como sendo quilombolas.

Conceição das Crioulas é uma comunidade que viveu no anonimato a aproximadamente duzentos anos, sendo resgatada no final da década de 80, pelo Movimento Negro Unificado (MNU), e a partir desse tempo tem-se intensificada a luta pelo reconhecimento legal dessas terras. Entretanto, existem relatos sobre a datação secular da comunidade, conforme se apresenta a citação, destacando as seis negras fundadoras:

[...] conta a história oral que no final do século XVIII para o século XIX, seis negras (as crioulas) arrendaram uma porção de terras equivalente a três “léguas” em quadra e iniciaram um plantio de algodão. [...] As Católicas dedicadas, as Crioulas fizeram uma promessa a Nossa Senhora da Conceição de construir uma capela caso conseguissem se tornar donas das terras em que trabalhavam. Alcançada a graça, ergueram a capela, dando origem ao povoado [...]. (LEITE, 2016, p. 141).

Nesse ínterim, narram os mais velhos que chegou a essa localidade um homem chamado de Francisco José, e que trazia na sua bagagem uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, a Santa, surgindo então o nome de Conceição das Crioulas, em referência às seis negras. A Vila Centro de Conceição das Crioulas, é o marco principal de encontros e acontecimentos entre a comunidade e os visitantes.

Nessa vila, encontram-se instaladas duas igrejas, a de Nossa Senhora da Conceição, católica e outra evangélica; duas escolas de Ensino Fundamental, Escola Quilombola Professor José Mendes, Escola Quilombola José Néu (do primeiro ao quinto ano, educação infantil e educação de jovens e adultos).

Na Vila União, fica localizada a Escola Quilombola de Ensino Médio Professora Rosa Doralina, um posto médico; o Centro de Artesanato Francisca Ferreira, onde são desenvolvidas as atividades com os artesãos da comunidade; um mercado público, que funciona também como salão de festas, bar e restaurante; uma biblioteca afroindígena, local onde se guardam pesquisas científicas sobre a comunidade; uma praça de área calçada e arborizada com plantas de algaroba; um açude que abastece boa parte do território, um cemitério; um campo e uma quadra de futebol, nos quais são desenvolvidas as práticas esportivas do futebol masculino e feminino; um mercadinho; uma bodega; uma lanchonete e a sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), local onde são realizadas exposições de artes, aulas de informática, e as produções de audiovisual do projeto “Crioulas Vídeos”<sup>2</sup> ;

Na Vila Centro de Conceição, as casas em sua maior parte são de alvenaria, enquanto que nos sítios mais distantes, ainda há casas de taipas, pequenas e muito simples, geralmente com dois cômodos, sem água nas torneiras, sem banheiros e sem saneamento básico. Na Praça da Vila Centro, ocorrem algumas atividades culturais como a Dança do Trancelim, uma dança tradicional que imita um trançado costurado pelo som dos pífanos, como nos lembra Antunes:

---

<sup>2</sup> O Projeto intitulado “Crioulas Vídeos”, consiste na primeira produtora quilombola de audiovisual do país, criada em 2005. A equipe é formada por moradores do Quilombo de Conceição das Crioulas que produzem seu próprio conteúdo midiático em parceria com outras instituições.

Trancelim ou trancelinho é uma dança que em momentos de apresentação do grupo de dança é dançada apenas por mulheres adultas, mas que durante as novenas e festas é dançada por quem estiver presente. São formadas duas filas e as pessoas se entrelaçam ao som da banda de pífanos. (ANTUNES, 2016, p. 160)

Esta manifestação faz parte de uma cultura que atravessa gerações em Conceição das Crioulas, figurando como ação afirmativa da etnicidade quilombola e na valorização do ser de Conceição das Crioulas.

Atualmente, Conceição das Crioulas é considerada umas das mais organizadas comunidade quilombolas do país. Tendo como mote principal a luta pela legalização por completo da posse da terra. Entretanto, os desafios encontrados se originam desde os seus ancestrais. Os primeiros movimentos sociais de enfrentamentos advêm de grupos expressivos de negros que perpassaram toda a história do Brasil, vindo desde a Abolição da Escravatura em 1888, até os dias atuais.

Nesse sentido, o passado se assegura no presente para dar continuidade a essa história, que ainda não está plenamente escrita nos livros, mas que se vislumbra através da memória, que reelabora e reconta de acordo com a vivência das novas gerações na perspectiva de reafirmar as identidades étnicas e sociais, próprias dessa comunidade quilombola.

Diante das marcas dessa história colonial no Brasil, partes dessas etnias foram dizimadas. Trouxeram o negro africano e diferentes etnias para o trabalho escravo, instituindo-se assim uma sociedade de dominantes. A supremacia das classes sociais e da cor permanece até a contemporaneidade. Essa sobreposição das diferenças étnicas e territoriais implica principalmente em disputas de poder, mesmo depois da abolição da escravatura. A terra tem um grande valor material e simbólico. Viver nela e dela representa enfrentar dificuldades estruturais, financeiras e de investimentos. Para sobrevivência, a comunidade utiliza-se de recursos naturais presentes na região da Caatinga como: o barro, a folha do catolé, a fibra de Caroá<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O caroá (nome científico: *Neoglasiovia variegata*), também conhecido como gravatá, gravá, caruá, croatá, caragatá e corootá, é um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem da palavra em tupi *kara wã*, que significa talo com espinho. É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga. As folhas do caroá fornecem fibra para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus, além de outras peças artesanais e decorativas. encontrado em <<http://www.cerratinga.org.br/caroa/>>. Acesso em: 10. Jul, 2018.

O artesanato tem se destacado como fonte de atividades produtivas através da venda de bolsas, bornais, jogo americano, potes, panelas, luminárias, tapetes, bonecas de Caroá, (as quais, cada uma recebe o nome de uma liderança feminina da comunidade), vassouras e cerâmicas entre outros. Esses produtos são vendidos dentro da comunidade e em feiras livres na região. Participam ainda da FENEARTE<sup>4</sup>, evento que acontece todos os anos na capital, Recife, o qual proporciona a divulgação e uma vitrine dos produtos para exportação.

Por essas veredas, existem as marcas do caminhar de pessoas dos tempos de ontem e de hoje, alguns esquecidos e outros lembrados por todos. Em se tratando de cronologias, o povoamento surgiu em meados do século XVII, quando se fundaram as primeiras fazendas, conforme será melhor discutido no próximo item.

## 2.2 QUILOMBOS: DO CONCEITO À CONQUISTA DE DIREITOS

A história do Brasil foi marcada fortemente pelo modo de produção escravista. Mais precisamente ao processo de escravidão de seres humanos retirados do continente africano e subjugados enquanto escravos aqui na então Colônia Portuguesa. O historiador, Caio Prado Jr. veio mostrar que todo povo na sua evolução tem um sentido, sendo que o sentido da formação do Brasil, passa pela necessidade econômica da metrópole Portugal, que por esse motivo sente-se obrigada a povoar essas terras para a produção e o comércio:

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, industrial, se constituirá a colônia brasileira (PRADO JÚNIOR, 1963, p. 25).

Diante das análises da história econômica de Prado Jr. compreende-se como se deu o processo de escravização dos africanos no Brasil, o qual se apresentou como reflexo de demandas de um sistema produtivo baseado na mão de obra escrava, e como isso está intimamente

---

<sup>4</sup> A FENEARTE, Considerada a maior feira de artesanato da América Latina, tradicionalmente acontece todos os anos na primeira quinzena de julho, no Centro de Convenções de Pernambuco, juntamente com o Centro de Artesanato de Pernambuco, entre outras iniciativas do Governo do Estado, tem como objetivo valorizar e difundir os saberes tradicionais, estimular o potencial de crescimento dos artesãos e artesãs, funcionando como importante elemento estruturador da Cadeia Produtiva do artesanato local.

ligado ao modelo colonial que se implementou aqui. O Brasil, enquanto colônia de Portugal, fora durante séculos uma colônia de exploração, diferentemente das colônias inglesas na América do Norte que viriam posteriormente a se tornar os Estados Unidos da América, os quais tinham como objetivo o povoamento.

Dessa forma, é pertinente compreender que esse modelo escravagista faz parte de um articulado sistema comercial de aparato burocrático, conforme leis instituídas para regulamentação do escravismo<sup>5</sup> como se observa a seguir:

A ação da Coroa se delinea na origem do processo produtivo deslanchado na Terra de Santa Cruz. Estimulada pelos incentivos fiscais inscritos no alvará de 1554, a edificação de engenhos é ainda ajudada pelo alvará de 1559, permitindo que cada senhor de engenho importasse 120 africanos pagando apenas um terço das taxas. Medidas que atraem para as plantações brasileiras um segmento do fluxo negreiro até então dirigido ao Caribe (REI; GOMES, 1996, p. 68).

Contudo, desde a sua fundação (colônia), os negros no Brasil estão vinculados aos africanos, os quais foram trazidos para o Brasil “legalmente”, de acordo com a legislação colonialista, e colocados sob condições desumanas dentro de navios negreiros, também conhecidos como tumbeiros, ao longo de três séculos da História do Brasil. Segundo Bethell (2002, p. 13):

Durante 300 anos, do começo do século XVI ao do século XIX, o comércio transatlântico de escravos – a migração forçada de africanos para trabalhar como escravos nas plantações e nas minas das colônias britânicas, francesas, espanholas, portuguesas e holandesas na América do Norte e do Sul e no Caribe – foi prática do, legalmente e em escala sempre crescente, pelos mercadores da maior parte dos países da Europa Ocidental e seus congêneres coloniais, com a ajuda e a cumplicidade de intermediários africanos.

Todavia, até a segunda metade do século XVIII, quando (numa estimativa conservadora) 70-75.000 escravos estavam sendo transportados anualmente através do Atlântico, raramente uma voz se levantou contra tal prática (BETHELL, 2002). Como já fora dito aqui, o escravismo encontrava sua fonte de lucro na mão de obra escrava. E o Brasil enquanto colônia de exploração econômica, foi rota de grandes levadas de pessoas escravizadas da África. Principalmente pelo fato do declínio da mão de obra indígena na América Portuguesa e à crescente procura de mão-de-obra compulsória nos engenhos brasileiros, movida pelo grande capital mercantil, numa rota mais rápida e mais ativa que o percurso costeiro sul-americano, portugueses, luso-africanos e brasílicos laboram o maior mercado de escravos do Atlântico. (ALENCASTRO, 2000, p. 79). Para tanto, segundo Reis e Silva (1989) no século XVIII cerca de 49% da população Brasileira era composta por escravos.

---

<sup>5</sup> Sistema produtivo colonial fundado na escravidão e integrado à economia-mundo.

Desde as civilizações ditas primitivas, observa-se a prática da dominação de vencedores sobre vencidos, a princípio nas guerras, e posteriormente no período colonial pelo desejo fundante de posse para ampliação do status comercial. Nesse último caso, tem-se uma dinâmica diferenciada, haja vista a justificativa da dominação de outros povos e nações e a conseqüente escravização desses sujeitos encontrar amparo no Direito Romano o qual reduzia as pessoas à condição de coisa, privado de todos os direitos relativos à cidadania. Esse dado é fundamental no sistema escravista, mostrado que é por meio da dessocialização - processo em que o indivíduo é capturado e apartado de sua comunidade nativa- que se completa com a despersonalização - na qual o cativo é convertido em mercadoria- na seqüência da reificação, da coisificação, levada a efeito nas sociedades escravistas (ALENCASTRO, 2000).

Ainda, segundo Alencastro (2000, p.144), “ambos os processos transformam o escravo em fator de produção polivalente, e apresentam-se como uma das constantes dos sistemas escravistas estudados por historiadores e antropólogos”.

É necessário considerar que a história mostra que onde houve escravidão houve resistência. Entre as formas de resistência podem ser citadas a prática do trabalho lento, a quebra de ferramentas, o incêndio de plantações, o assassinato de senhores de terras e feitores, o suicídio, fuga individual ou coletiva. (REIS; GOMES, 1996). Embora quilombos, mocambos, coitos, fossem usados como lugar de fuga. Tal atitude se deparava com todo um pensamento colonial escravagista:

O conflito aberto, contudo, esbarrava em condições extremamente desfavoráveis durante a vigência do paradigma ideológico colonial. A sociedade, aqui como nas fugas, era vigilante. A repressão era imediata, quando não antecipada, e uma legislação sempre mais meticulosa após cada movimento (REIS; GOMES, 1996, p. 70).

Dessa forma, via de regra, o mais comum era o processo de negociação, mesmo que de forma conflituosa entre escravos e senhores, pois usavam como estratégia:

A fuga, como a insurgência, não pode ser banalizada: é um ato extremo e sua simples possibilidade marca os limites da dominação, mesmo para o mais acomodado dos escravos e o mais terrível dos senhores, garantindo-lhes espaço para a negociação no conflito (REIS; GOMES, 1996, p. 63).

Aliadas as iniciativas particulares e coletivas de negros escravizados, deve-se considerar, também, nesse processo de luta a participação de idealistas, principalmente no século XIX que promoveram campanhas abolicionistas, facilitaram as fugas e a libertação de escravos. Eram envolvidos na política, no sistema judiciário. Muitos deles eram profissionais liberais, descendentes de negros ou negras. Exemplos de abolicionistas brasileiros são: André Rebouças, José do Patrocínio, Luiz Gama, Tobias Barreto e Joaquim Nabuco. A escravidão só começou a

ser uma vergonha da humanidade no século XVIII, a partir das influências dos filósofos da Ilustração.

No Brasil, a condenação moral dos filósofos, tanto quanto a condenação “técnica” de economistas como John Millar, Benjamin Franklin ou Adam Smith, só ganharam força na segunda metade do século, quando o país independente, fortemente penetrado por ideias e práticas liberais, se integra ao mercado internacional capitalista. A campanha abolicionista, a partir de 1870, materializa as ideias do tempo. (REIS; SILVA, 1989, p. 71).

Entretanto, a abolição da escravidão no Brasil foi um fenômeno complexo onde vários segmentos foram importantes, por mais que a história tradicional não consiga dar voz a alguns sujeitos que vão de movimentos sociais políticos até as formas de resistência dos escravos. Todos são importantes para a compreensão desse momento da história do Brasil. Como bem lembra Alonso:

O abolicionismo teve muitos articuladores inter-regionais; os nacionais foram cinco. Abílio Borges conectou mobilização nacional e estrangeira, o que Joaquim Nabuco aprofundou, vinculando ainda manifestações no espaço público à arena institucional. Luiz Gama articulou o ativismo judicial com a propaganda e o início das ações clandestinas e José do Patrocínio coordenou as diferentes estratégias no espaço público entre si. Embora o holofote tenha fiado em Nabuco, o mais importante articulador do movimento foi André Rebouças. Aristocrata e filho de político, transitava nas instituições políticas; empresário, confabulava com homens de negócios; alcançava os estudantes, por professor; amante da ópera, conhecia profissionais de teatro; e, negro, tinha legitimidade nas franjas da mobilização. Criatura dos bastidores, apareceu pouco, mas operou a faina miúda por mais tempo do que qualquer outro ativista, do começo ao fim da campanha, de 1868 a 1888. (ALONSO, 2014, p. 132)

É pertinente lembrar que logo no início do período republicano o então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa decretou que todos os documentos oficiais, livros de matrícula e documentos relativos à escravidão existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, fossem queimados. O objetivo era de impedir que os ex-senhores de escravos tivessem subsídios e documentos suficientes para entrarem com ações judiciais por indenização, o que levaria o Estado à falência.

No entanto, tempos depois uma celeuma fora criada entorno desse assunto, considerando que com tal atitude o mesmo teria desprezado a memória nacional. Depois disso, o estudo de Américo Lacombe pôs fim a essa polêmica afirmando categoricamente que “o ato de Rui Barbosa deve ser examinado à luz da mentalidade da época e das circunstâncias políticas que o cercaram, sem o que não estaríamos fazendo história”. (LACOMBE, 1988, p. 11)

Fato importante é que na história escravagista do Brasil, os quilombos funcionaram como forma de luta política e de resistência simbólica da população negra. Com isso propiciou

uma manutenção da memória e da identidade africana, tal qual uma espécie de correia de transmissão da identidade étnica. “A expressão “quilombo” era usada no Brasil, desde o período colonial, para designar o ajuntamento de negros que escapavam das tentativas de captura ou morte comandadas pelos senhores de escravos” (REIS; GOMES, 1996, p. 9).

A partir de Moura (1993) que foi pioneiro nos estudos sobre quilombos, seus trabalhos começam a definir quilombo do ponto de vista dos negros, como forma de resistência à escravidão. Autores como Reis e Gomes (1996) acrescentaram que no Brasil, a origem dos remanescentes de quilombos esteve espalhada por todas as regiões do território brasileiro, tanto no campo, como na cidade. Esses núcleos de resistência política e cultural, eram por vezes chamados de “quilombos” ou “mocambos”.

Todavia o conceito de Quilombo, enquanto atividade histórica, sofre as influências do espaço e do tempo o qual está inserido. Nessa Perspectiva, Fiabani nos apresenta duas palavras, “quilombo” ou “palmar”. Segundo ele, “a característica central na definição de quilombo constitui a autolibertação do jugo da escravidão, de no caso extremo, no mínimo dois produtores escravizados, através da fuga”. (FIABANI, 2005, p. 273). Este teórico ainda mostra que os habitantes desses locais, recebiam diversas alcunhas como quilombola, calhambola, mocambeiro, mucambeiro, mocambistas, papa-mel e palmaristas.

Os estudos de Moura (1993), por sua vez, informam que o primeiro registro oficial do termo “quilombo” apareceu em uma correspondência do Conselho Ultramarino ao Rei de Portugal, em 1740. Assim sendo, quilombo é definido como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte despovoada ainda que não tenha ranchos levantados nem se achem pilões neles”. (MOURA, 1993, p. 11).

Dessa forma, no final do século XVI, a experiência de aquilombamento em Palmares - localizado na Serra da Barriga na Capitania de Pernambuco, abrangendo hoje os estados de Pernambuco e Alagoas - foi tema, inclusive da importante obra intitulada “O Quilombo dos Palmares”, publicada pelo antropólogo Edison Carneiro em 1947, a qual faz parte de estudos culturalistas. Assim, Carneiro (1958) escreve o seguinte:

[...] quilombo, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida dos africanos. Os quilombos, deste modo, foi - para usar a expressão agora corrente em etnologia - fenômeno contra aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos (CARNEIRO, 1958, p. 14)

Considerando o processo de aculturação como um processo que pode ocorrer através dos hábitos de vida ou que pode ocorrer através de um violento processo de subsunção de um povo

sobre outro, a resistência dos quilombolas pode ser compreendida como uma “contra aculturação”. Haja vista que, “uma etnia pode manter sua identidade étnica mesmo quando o processo de aculturação em que está inserida tenha alcançado graus altíssimos de mudança cultural (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 36). Essa concepção serviu de referência para a criação de organizações negras como o Centro Cívico Palmares (CCP) e a Frente Negra Brasileira (FNB), nas décadas de 1920 e 1930. Mais adiante, às vésperas do centenário da Abolição, o quilombo foi definido como uma das contradições do sistema escravista.

Podemos ver que a estratificação dessa sociedade, na qual as duas classes fundamentais -senhores e escravos- se chocavam, era criada pela contradição básica que determinava os níveis de conflito. Em outras palavras, a classe dos escravos (oprimida) e a dos senhores de escravos (opressora/dominante) produziam a contradição fundamental. Essa realidade gerava a sua dinâmica nos seus níveis mais expressivos. (MOURA, 1993, p. 10).

Compreende-se que foi a partir desse processo contraditório e dialético que se organizaram os processos de resistência e de negociação entre escravos e senhores e como resultado o surgimento dos quilombos como expressão aberta de desobediência, e de certa forma, de um contradomínio por parte do povo negro, não obstante, os senhores por vezes viam-se pressionados pelas perdas econômicas geradas por tal resistência.

Com a Lei de Terras de 1850, o acesso à terra só passou a ser possível por meio da compra com pagamento em dinheiro. Isso limitava, ou mesmo praticamente impedia o acesso à terra para os trabalhadores escravos que conquistavam a liberdade:

Os marcos do desenvolvimento capitalista foram a abolição do tráfico e a lei de terras em 1850 através dos quais foram feitas tentativas para reter nas terras com vínculos de trabalho os libertos, impedindo sua dispersão pelo território nacional e o acesso a pequena propriedade. A concentração das propriedades e o sistema da "plantation" exigiam a manutenção de uma mão de obra barata e dependente. A elite cafeeira controlou a política de terras até as vésperas da abolição, quando a imigração estrangeira coincidiu com o encarecimento abrupto das terras, que continuaram como monopólio dos grandes proprietários, de modo a facilitar uma mão de obra barata e dependente. (GADELHA, 1989, p. 153)

Nessa mesma direção, José Maurício Arruti (2008), no seu ensaio sobre Quilombos, desenvolve extensa e complexa argumentação histórica e sócio antropológica para evidenciar o “quilombo” como um “objeto” em disputa e constante renegociação. Sendo assim o “significado contemporâneo do quilombo” define-se num espaço de lutas pelo reconhecimento das demandas mobilizadas. Contudo, com a lei de terras, o direito à cidadania continuou sendo negado, pois os objetivos capitalistas dos proprietários só seriam alcançados se o acesso do solo

aos ex-escravos e aos trabalhadores nativos fosse dificultado. “Assim, conforme a Lei de Terras, os trabalhadores tiveram que ser: 1º) Afastados da terra e dos meios de subsistência; 2º) afastados da propriedade desses meios”. (GADELHA, 1989, p. 161)

Desse modo, se corrobora com a ideia de que se devem superar as análises estritamente econômicas e jurídicas dos conceitos de quilombo, principalmente as das últimas décadas do século XX. Haja vista que no processo histórico cada sociedade se apresenta de acordo com o seu tempo e espaço. Com isso, organizam-se em torno de suas necessidades e aspirações diante de situações etnográficas:

Em que diferentes grupos se mobilizam e orientam suas ações pela aplicação do art. 68 do ADCT. A participação dos antropólogos nesse processo, por meio da elaboração dos relatórios de identificação, deu-se numa conjuntura de pressão do movimento negro, com a criação de mecanismos de representação, como a Comissão Nacional Provisória de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CNACNRQ – 1996), que passaram a exigir dos órgãos governamentais a aplicação do preceito constitucional. Os debates foram travados inclusive na esfera do Legislativo, com a formulação de anteprojetos de lei visando regulamentar a aplicação do artigo. Agências governamentais como a Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, e o Incra criaram suas próprias diretrizes e procedimentos para o reconhecimento territorial das chamadas comunidades rurais quilombolas. (O'DWYER, 2002, p. 18)

Todavia, o termo Quilombo já não representa mais a pluralidade e a multiculturalidade das diversas formas de constituição e organização dessas comunidades negras rurais. Dessa forma, os estudiosos contemporâneos, principalmente antropólogos, refutam a ideia presente na historiografia tradicional que objetificam os quilombos como local de negros fugidos da condição de escravos. A concepção jurídica, presente na Constituição Brasileira de 1988, adquire uma significação atualizada, ao ser inscrito no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). “para conferir direitos territoriais aos remanescentes de quilombos que estejam ocupando suas terras, sendo-lhes garantida a titulação definitiva pelo Estado brasileiro. (O'DWYER, 2002, p. 13)

Contudo, encontra-se, ainda em O'Dwyer (2002), as definições de comunidades negras rurais remanescentes de quilombos ou às chamadas terras de preto, que fazem parte da possibilidade de aplicação dos direitos constitucionais relativos ao direito a um determinado território. Discorre-se um outro conceito utilizado de forma oficial pelo Estado brasileiro, é o que está preconizado no Decreto Federal que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, o qual afirma em seu artigo 3º:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; (BRASIL, 2007).

O termo “comunidades tradicionais”, aqui trabalhados, não encerrará a luta por definições de normatizar o conceito, tais pontos aqui elencados servirão de pauta à análise do conceito contemporâneo de quilombo, o qual segundo O’Dwyer (2002, p. 18):

Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.

Nessa perspectiva, percebe-se que a antropóloga não encerra aqui o conceito de Quilombo como um dado fechado e acabado, muito pelo contrário, a mesma deixa aberto para mais incursões, e alerta para a responsabilidade social do profissional antropólogo:

Deve o investigador fornecer uma explicação para o sentimento de participação social dos grupos e para o sentido que atribuem às suas reivindicações, assim como para as representações e usos que fazem do seu território. Em suas pesquisas nas comunidades negras rurais, os antropólogos depararam-se com situações em que a categoria quilombo como objeto simbólico representa um interesse diferenciado para os diversos sujeitos históricos, “de acordo com sua posição em seus esquemas de vida”. (O’DWYER, 2002, p. 21).

Sendo assim, com a criação da Fundação Cultural Palmares (FCP), institucionalizada pela lei 7.668, de 22 de agosto de 1988, e vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). O Estado, por meio deste órgão de Gestão Política, passou a ter a incumbência de reconhecer, certificar e registrar as comunidades “remanescentes” de quilombos que se auto reconheciam como tal, a fim de dar-lhes acesso às políticas diferenciadas de reparação destinadas à população afrodescendente.

Concomitantemente, verifica-se o desenvolvimento de outras agendas políticas responsáveis pela implementação e desenvolvimento de ações inclusivas e afirmativas em relação às “comunidades tradicionais” ou “quilombola”, como por exemplo, o Programa Brasil Quilombola (PBQ), que visa à implantação de políticas públicas diferenciadas para as comunidades remanescentes de quilombos, bem como o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), através do Guia de Políticas Sociais Quilombolas. Evidencia-se o conceito de quilombo do seguinte modo:

São comunidades negras que se caracterizam pela prática do sistema de uso comum de suas terras, concebidos por elas como um espaço coletivo e indivisível que é ocupado e explorado por meio de regras consensuais aos diversos grupos familiares que compõem as comunidades, cujas relações são orientadas pela solidariedade e ajuda mútua. (BRASIL, 2009, p. 12).

É importante destacar, que este autor baseando-se na teoria da etnicidade, aponta o conceito contemporâneo de quilombo para os grupos sociais produzidos em decorrência de conflitos fundiários, localizados e datados, ligados à dissolução das formas de organização do sistema escravista (ARRUTI, 2008, p. 330).

Em estudos sobre a formação dos quilombos em Pernambuco, destacam-se as experiências de cativo, conforme relata Carvalho (2002, p.179), “eles vinham na sua maioria do Congo e de Angola, embora existissem alguns guerreiros, líderes em grande parte eram compostos por crianças, agricultores, mulheres e pastores”. É o caso das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas, como atesta Maria Aparecida de Oliveira Souza:

As seis negras fundadoras da comunidade de Conceição das Crioulas [chegaram] àquelas localidades, um dos poucos pedaços férteis do alto sertão pernambucano e logo fizeram ali o que mais sabiam, trabalhar na terra e confeccionar o artesanato com fibras de caroá e o plantio do algodão. (IBID., 2006, p. 15)

Nessas comunidades, a memória presente nas narrativas dos moradores relaciona-se com a memória dos antigos mocambos, constitutiva da identidade dos grupos, e tendo como base a formação de muitas comunidades remanescentes de quilombos. Existem lacunas na memória de acontecimentos, formando descontinuidades na história de Conceição das Crioulas. Sobre isso Souza comenta que:

[...] não somente porque as seis mulheres fundadoras já não existam mais, mas porque as mulheres de hoje, embora recorrendo à tradição das mulheres fundadoras, não tem outro meio de reconstituir tal experiência. [...] no entanto, quando se vê mais de perto a experiência de Conceição das Crioulas, bem como sua tradição oral, verifica-se que a existência de elementos apreendidos conjuntamente, acaba por informar sobre vivências do passado que não tem registros nos livros nem nos cartórios. (SOUZA, 2006, p. 17).

Entretanto, ao lado daqueles que ficaram de fora dos meios legais da posse da terra e dos seus registros, existem os que conseguiram comprar terras depois da alforria. Casos semelhantes ocorreram em muitas partes do país. No Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal, abordado pela Ministra do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, sobre os direitos territoriais das comunidades identificadas como “remanescentes de quilombos” esta Ministra aponta para o Artigo 68 da Constituição Federal, no qual se atribui o seguinte: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas

terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado permitir-lhes os respectivos títulos” (BRASIL, 1988, p. 161).

O texto da Carta Magna é motivo de críticas pelos latifundiários. Estes insistem em negar-lhes direitos a negros e índios, sugerindo-lhes o afastamento das comunidades quilombolas das suas terras para as periferias das cidades. Portanto, após a promulgação da Constituição de 88, deu-se início a uma batalha crucial para o reconhecimento de quem deveria ser enquadrado como “remanescentes de quilombos”, ficando a incumbência dessa ação à Fundação Cultural Palmares para realizar estudos antropológicos, a fim de subsidiar identificação e reconhecimento do território das comunidades quilombolas. (LEITE, 2016).

Souza (2006) relata que a Comunidade Negra Rural de Conceição das Crioulas teve um relatório de identificação publicado em 1998, foi reconhecida como “remanescente de quilombo” em julho de 2000, através de uma definição explícita Artigo 2º do Decreto Federal nº 4887 de 20/11/2000, conforme texto legal, a seguir:

Art. 2º consideram remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência a opressão histórica sofrida [...]. § 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante auto definição da própria comunidade. (BRASIL, DECRETO FEDERAL, 2000, s/p. apud SOUZA, 2006, p 17).

A história do Movimento Negro no Brasil representada pelos quilombos é organizada das mais variáveis formas sociais de comunidade, desde a sua chegada ao país.

Muitas foram as leis e decretos criados para regularizar a questão fundiário-quilombola. Entre as estratégias do movimento negro nos últimos anos, estava o reconhecimento dos quilombolas como sujeitos de direitos. Portanto seus esforços e lutas antes e durante o processo constituinte de 1988 apontavam para a necessidade de reconhecê-las e garantir-lhes essa proteção legal. Porém, mesmo com uma legislação que reconhece os direitos das comunidades remanescentes de quilombos, estes ainda enfrentam muitos problemas que têm dificultado a sua reprodução social e permanência no seu lugar de origem.

Nesse sentido, ao investigar criticamente a oficial historiografia brasileira, verifica-se que os excluídos – negros, mulatos, pretos, quilombolas, índios entre outros – pouco ou quase nenhuma chance tiveram de contarem suas próprias histórias. A voz dos excluídos foi “calada” até à passagem do século XX para o século XXI, quando se deu fundamentalmente uma virada na história oficial, com a chegada de pesquisadores afro descendentes e indígenas oriundos de

programas de pós-graduação no Brasil. Podem ser citados Leite (2016), Lopes (2011), Mattos (2011), Munanga (2008), Oliveira (2006), Cunha Júnior (2005), entre outros.<sup>6</sup>

Através do diálogo com a sociedade se compreende que a luta das comunidades negras não é por privilégios, mas sim por uma sociedade mais justa e mais igualitária na condução do acesso a políticas públicas como um direito. Com isso, introduzir uma nova pauta na política nacional: o que requereria que partidos políticos, afrodescendentes, cientistas e militantes fossem convocados para definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas. E junto a essa conjuntura começar por discutir também, sobre o que é ser quilombola de Conceição das Crioulas. Fatos relacionados com o tempo, identidades que a história oral fez questão de registrar na memória dessa gente.

### 2.3 OS DESAFIOS DE SER QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: ENTRECRUZAMENTO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA E DA IDENTIDADE SOCIAL

Maurice Halbwachs na obra intitulada de “Memória Coletiva” em (2003, p. 29) ao discutir a importância de se trabalhar a memória individual e a coletiva acrescenta que constantemente se faz uso de testemunhos para reforçar ou enfraquecê-las. Ambas igualmente apresentam a função de complementar o que se sabe de determinados eventos, sobre os quais já se tem alguma informação, embora muitas circunstâncias relativas a eles possam permanecer obscuras.

Neste contexto, torna-se válido ressaltar que desde finais do século XIX e meados do século XX, a categoria “memória” vem sendo estudada, enquanto objeto de investigação de muitos estudos eminentemente antropológicos. Entre eles, destacam-se as investigações de antropólogos como Melville J. Herskovits (1963), Claude Lévi-Strauss (1962), Bronislaw Malinowski (1968), Fredrik Barth (1969) entre outros. Existe o intuito de promover, segundo Halbwachs (2003), uma espécie de memorização deste conjunto de testemunhos exteriores para que ele se transforme em uma consistente massa de lembranças.

Sobre o crescente uso da categoria memória no campo das Ciências Sociais, Humanas e Filosofia, Celso Pereira de Sá (2007) afirma que desde os anos trinta do século XX, a Psicologia Social já vinha promovendo estudos investigativos sobre a importância da memória no contexto de vida social humana. Dessa forma, é feito o seguinte comentário:

---

<sup>6</sup> Os diversos problemas sociais enfrentados pela população “negra brasileira”, como desejam alguns ativistas ou “preta brasileira” como pleiteiam outros, demonstram a mesma raiz histórica de um passado escravista, visto que os negros compuseram, consideravelmente, a base da pirâmide social (cultural e econômica) do país. Neste sentido ver: Leite (2016), Lopes (2011), Mattos (2011), Munanga (2008), Oliveira (2006), Cunha Junior citado por Romão (2005).

Embora a Psicologia Social já tenha ensejado uma investigação pioneira da memória no microcosmo social da vida cotidiana, com F. C. Bartlett, nos anos 30, somente há pouco mais de uma década esta disciplina aliou-se ao bloco das ciências humanas que – a rigor, não muito tempo antes – retomara esse estudo. A quantidade e diversidade de perspectivas teórico-conceituais – recuperadas e emergentes – contribuem para aumentar cada vez mais a complexidade desse domínio acadêmico. É dentro de um tal quadro multifenômico e multidisciplinar que o desafio do estudo da memória é enfrentado pela psicologia social. (SÁ, 2007, p. 290)

Apesar do reconhecimento da importância da Psicologia Social e Experimental para o estudo da memória, na presente dissertação de Mestrado, será direcionado para uma análise discursiva da relação existente entre a memória, a história e a etnicidade.

A esse respeito, Halbwachs (2003) ao se debruçar sobre as possíveis relações entre a memória individual e coletiva, o mesmo esboçava a seletividade de toda memória, assim como sua tentativa de conciliar a memória coletiva e as memórias individuais: É, portanto, baseada na categoria de “memória coletiva” que a memória é analisada não apenas pela sua dimensão individual, pois as memórias não são atributos exclusivos de um sujeito, haja vista que nenhuma lembrança se mantém isolada de um grupo social. Segundo Halbwachs:

Cada um dos membros daquela sociedade era definido para nós por seu lugar no conjunto dos outros e não por suas relações com outros ambientes, que ignorávamos [...]. Assim, por força das circunstâncias, a duração da memória desse tipo estava limitada à duração do grupo. (HALBWACHS, 2003, p. 35).

A memória compartilhada individualmente e coletivamente por grupos étnicos alicerça a presente investigação, na qual se busca compreender de que forma esta memória fornece subsídio para a construção e o fortalecimento das identidades sociais e coletivas em agrupamentos étnico-raciais.

Em se tratando de etnicidade, um dos melhores conceitos é elaborado por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart e se encontra presente na próxima citação:

A etnicidade é vista como um elemento de definição de situação manipulado pelos atores no decorrer de suas interações. Longe de se impor aos atores como um dado do mundo social a ser aceito sem questionamento, a etnicidade oferece-se a eles como um meio de construção, de manipulação e de modificação da realidade. Ela é um elemento das negociações explícitas ou implícitas de identidade sempre implicadas nas relações sociais. A hipótese é que, no curso dessas negociações, os atores procuram impor uma definição da situação que lhes permita assumir a identidade mais vantajosa. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.117)

Portanto, para se compreender etnicidade como um processo de construção e de reconstrução da realidade, a partir de um processo de interações negociadas, sejam explícitas ou implícitas, há, portanto, uma elaboração de situações que revelam as respectivas identidades dos grupos.

Evidentemente, este “ser” encontra-se inscrito nos registros simbólicos individuais e coletivos, havendo uma necessária complementaridade entre memória e a respectiva identidade étnica. Cabe aqui apresentar em Barth (1969), o conceito de identidade étnica, a saber:

[...] a identidade étnica é irredutível às formas culturais e sociais altamente variáveis ou diferentes formas de organização. Visto que, essa organização é apresentada como forma de se estabelecer os limites do grupo e de reforçar a sua dependência recíproca. (BARTH, 1969 apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 3)

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas já foi objeto de muitas investigações sociais, de cunho antropológico, sociológico, pedagógico, entre outros, tais como demonstraram os estudos de Silva e Rodrigues (2014), Silva (2012), Leite (2011), O’Dwyer (2002).

Os habitantes da Comunidade de Conceição das Crioulas se auto definem como uma comunidade eminentemente quilombola de identidade étnica, que revisita as memórias dos seus ancestrais, a partir de cada acontecimento, de personagens ou de lugares.

Por sua vez, Elias (1998) assegura que a memória está interligada com o fator tempo, principalmente porque o tempo é:

[...] um espaço de evolução social na estrutura de personalidade que, como tal, torna-se parte integrante de cada um”. [...] “o tempo faz parte da evolução da sociedade, que cada indivíduo pensa e age diante da sua maneira de viver o seu próprio tempo, de certa forma identificando-se com seu grupo social (ELIAS, 1998, p. 119).

Em se tratando do “eu coletivo” Halbwachs (2003) ao tratar da memória coletiva caracteriza-a como sendo:

[...] um tratamento de uma identidade coletiva das lembranças e dos ideais guardados por um grupo [...] Memória Coletiva tem seu próprio ritmo para as eventuais mudanças. [...] explica a vida comunitária baseadas em processos mistificadores e defensivos que são usados para arguição ideológica da existência do grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 36).

Diante da velocidade de informações presentes no século XXI, torna-se inevitável que ocorram transformações nas construções e reconstruções das identidades sociais, haja vista que essas são múltiplas e flutuantes. Isso se aplica ao sentido de pós-modernidade, conforme Stuart Hall (2006), ao argumentar que:

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, o sujeito ainda tem um núcleo ou essencial interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que estes mundos oferecem. A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL, 2006., p. 11).

Para tanto é posto que se assumam as identidades em tempos, histórias e memórias diversas. Hall, igualmente argumenta que há conflitos entre identidades unificadas e estáveis e identidades contraditórias, que impulsionam os sujeitos em várias direções, do nascer ao morrer, sofrem alterações que impactam o próprio existir do eu social, uma vez que “o próprio processo de identificação, através do qual se projeta as identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12).

Por sua vez, no processo de abordagem etnográfica à comunidade de Conceição das Crioulas, foi observado este conflito identitário, o qual se inicia desde a tentativa de se construir a sua própria identidade através da história oral – narrativa, mitos, territorialidades, contações de fatos e de acontecimentos - demonstrando a edificação de ideologias simbolicamente construídas por distintos processos de interação, produtores, tanto de “sentidos” da identidade, quanto do “poder” provido da identidade. Assim, presume-se que estes movimentos se tornam fundamentais na luta por direitos e deveres, para o exercício da cidadania, sendo a memória, responsável pela (res)significação destes sujeitos históricos.

Ao se pensar na relação entre identidade e ideologia, recorre-se a Thompson (2002), quando redimensiona as percepções históricas acerca do conceito de ideologia, relacionando e interseccionando este ao sentido e ao poder propriamente dito. É escrito o seguinte:

Ela [teoria] nos leva a pensar a ideologia como um conjunto de imagens ou ideias que refletem inadequadamente a realidade social que existe antes e independentemente dessas imagens e ideias. Na verdade, o mundo social raramente é tão simples como esta visão pode sugerir. Como pessoas, nós estamos imersos em conjuntos de relações sociais e estamos constantemente envolvidos em comentá-las, em representá-las a nós mesmos e aos outros, em verbalizá-las, em recriá-las e em transformá-las através de ações, símbolos e palavras. Ideologia no sentido que eu proponho e discutir aqui, é uma parte integrante desta luta; é uma característica criativa e constitutiva da vida social que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de ações e interações, as quais incluem a troca contínua de formas simbólicas. (THOMPSON, 2002, p. 19).

Portanto, ao se considerar a relação entre memória coletiva e identidade, existe a possibilidade de uma influência ideológica, posto que o próprio sentido de ideologia implica em um conjunto de imagens e ideias que refletem inadequadamente a realidade social, principalmente em termos de relações de dominação. Entre elas, as identidades sociais decorrentes do processo de opressão, através das quais é construída uma identidade do negro como criminoso, tolo, bestial, feiticeiro, serviçal, entre outras. Uma identidade social libertadora encontra-se relacionada com uma ideologia estratégica em termos de lutas pelos direitos sociais.

Entre essas ideologias de libertação, existem as que se encontram presentes em “outros discursos” através do contato com instituições do Brasil e do exterior<sup>7</sup> que mediaram o processo de reconhecimento da identidade dessa comunidade quilombola ou que contribuíram de alguma forma para sua afirmação. Essa comunidade dialoga permanentemente com os órgãos governamentais ou não, e essas instituições somam-se aos discursos dos quilombolas para que ocorram intervenções de forma positiva no cotidiano da comunidade.

Essas intervenções são seminários, oficinas, intercâmbios com estrangeiros para trocas de experiências, acadêmicos que desenvolvem pesquisas científicas, membros da Igreja Católica que fazem o trabalho das pastorais, funcionários do INCRA que vem intermediar conflitos, políticos em busca de votos e pessoas que buscam ajuda espiritual os terreiros, além da procura de rezadeiras e parteiras.

Contudo, observa-se como pressuposto inicial que a afirmação étnica dos quilombolas de Conceição das Crioulas, encontra sustentação na manutenção da memória coletiva. Este território conta com seus lugares atrelados a uma herança passada de forma oral e que, mesmo na contemporaneidade vem sofrendo influência dos aspectos hegemônicos da cultura, da imagem da sociedade global, porém não deixa de lado as suas características comunitárias.

Rompe-se, portanto, com uma prática de memória política que se baseava apenas no discurso de documentos oficiais. É preciso reconhecer que atualmente o quilombo tem adquirido diferentes significados, os quais deixam para trás o pretérito conceito de que os quilombolas eram remanescentes dos antigos quilombos.

É nessa luta organizada pelos quilombolas que a construção de suas identidades tem se fortalecido na contemporaneidade, pois as políticas de ações afirmativas como as cotas raciais entre outras, têm servido antes de tudo para a garantia de direitos sociais e principalmente a afirmação das identidades dos mesmos nos diversos cantos do país. Entende-se que as identidades são construídas por dentro e não por fora do discurso e que é preciso compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas, através de estratégias e iniciativas específicas.

---

<sup>7</sup> Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, Universidade Regional do Cariri, Universidade Estadual do Ceará-UECE, Universidade Regional do Cariri-URCA, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Universidade de Brasília-UnB/ Mestrado Profissional juntos a Povos e Territórios Tradicionais-MESPT, Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura-M\_EIA/Cabo Verde, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central-FACHUSC, Instituto Federal de Salgueiro-IF-PE, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, Escola Quilombola Águas do Velho Chico-EQAVC/Orocó/PE. Save the Children-Reino Unido, Actionaid-Brasil-, Heifer International, UNAIS- United Association International Service, União Europeia, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro- STR, CCLF - Centro de Cultura Luiz Freire Fundação Cultural Palmares

No cerne dessa discussão, a identidade étnica vem sendo construída nos processos identitários, que são “definidos pelas características culturais, dos quais são: língua, religião, tradição, costumes e sentimento de lugar, partilhados por um povo” (HALL, 2006, p.21).

Nesse sentido está se abordando a “nossa” memória em detrimento da memória “deles” e isso se caracteriza como objeto da presente dissertação que é a caracterização discursiva da memória coletiva de Conceição das Crioulas a construir uma identidade étnica. Além disso, pergunta-se de que forma as memórias e essas identidades se relacionam nesse fazer identitário em meio a essa contemporaneidade? Quais são os elementos constitutivos dessas memórias, individuais ou coletivas? Os mais velhos e algumas lideranças conseguem construir o discurso de luta e de identidade social?

Entre as várias formas de práticas discursivas, pode-se apontar a linguagem oral, haja vista que tal prática é bastante comum em sociedades não letradas como é o caso das etnias africanas no Brasil e especificamente no quilombo de Conceição das Crioulas. Sobre isso, afirma Alberti (2005, 17):

Canções, ditos populares, rezas, mitos etc. não são, digamos produtos intactos disponíveis em uma prateleira, os quais podem escolher. Como sua forma de transmissão é oral, para que se atualizem e se manifestem, precisam do momento, da contingência, que irá influir na sua manifestação, pois é o momento que determina, em grande parte, para que e como é narrado.

A história oral realça a importância de memórias subterrâneas e dá voz aos integrantes das chamadas culturas minoritárias e dominadas, em oposição à memória oficial. De acordo com Pollak:

[...] uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades. [...] A clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p. 5)

Associado aos vários processos de resistência da escravidão negra no passado, e junto com a luta pelo território, pela identidade étnica racial e pelas especificidades históricas, sociais, culturais, linguísticas, políticas e econômicas, pode-se dizer que essas proposições fazem parte da tentativa de discutir a relação entre identidades étnicas e práticas discursivas.

Não há como se falar dos aspectos de um texto sem fazer referência à produção e/ou à interpretação textual, uma vez que a prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso

de acordo com os fatores sociais. De modo análogo, a prática social surge como uma articulação das circunstâncias institucionais da sociedade, nas quais as práticas discursivas na comunidade quilombola em estudo, apresentam-se como uma perspectiva de prática social dita discursiva.

Os sujeitos da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas encontram-se organizados na luta para defenderem seus direitos. Portanto, é um contexto social formado por vários atores, entre eles idosos, líderes comunitários, líderes religiosos, donas de casa, agricultores, estudantes, professores, gestores escolares e mestres da cultura local.

Através das práticas discursivas é possível observar que a história dos “negros” de Conceição das Crioulas é permeada por uma resistência cultural e política, baseada no mito da aquisição da terra. A reprodução desse discurso chega às novas gerações, das diferentes formas e de diferentes lugares, desde o seio familiar até à escola quilombola.

Tais fatos apontam a luta ideológica, como dimensão da prática discursiva, uma luta para remodelar essas práticas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação.

Convém destacar essa comunidade como afirma Silva (2012., p. 62), “É referência de autoestima valorização da identidade étnica e cultural, contribuindo para despertar e sensibilizar pessoas de outros territórios sobre a importância de se auto afirmar e de se reconhecer enquanto povo negro quilombola”. Assim, os discursos em Conceição das Crioulas ganham notoriedade, na reconstituição de suas histórias de autenticidade negra, a ressaltar o sentimento de pertença ao grupo e na narrativa da história do território.

Através dessas narrativas havia o intuito de ter a liberdade de viver em um território que permitisse as pessoas compartilharem o cotidiano e se identificarem como quilombola. Silva ainda ressalta que

Diante desse contexto de busca, fuga e ao mesmo tempo de conquista da liberdade, é que as mulheres de Conceição das Crioulas construíram-se na condição de grupo. As suas propostas de afirmação foram marcadas pela indivisibilidade das mulheres em pertencer ao território, com forte protagonismo e a participação ativa em todos os momentos da história desse lugar. (SILVA, 2012, p. 20).

Contudo, essas transformações são possíveis através de várias dimensões do cotidiano desse povo, passando pela construção do documento intitulado “Carta de Princípios”, até à produção do jornal “Crioulas: A Voz da Resistência”, assim como o “Crioulas Vídeos” que produz material de audiovisual, todos formulados pela comunidade. Igualmente, foram observados os contextos e os lugares dos discursos emitidos, compreendendo os sujeitos como emissores e

receptores e sua relação com as memórias individuais e coletivas na afirmação étnica e de construção identitária.

## 2.4 FINALIZANDO: DIÁLOGO COM A ETNOMETODOLOGIA

Analisar no discurso dos quilombolas a temática “ser quilombola” é uma proposta que também se aproxima de uma abordagem etnometodológica. Este diálogo com a etnometodologia (COULON, 1995). É um dos fundamentos do método empírico que acompanhou a investigação. Trata-se de uma sociologia do senso comum, através da leitura interna dos atores sociais, ao construírem sentidos para as ações de todos os dias, tais como se comunicarem, tomarem decisões, raciocinarem, entre outras. Há uma estratégia leiga de serem visíveis através das narrativas em torno do prático e não do teórico. Devem haver uma lógica e uma semântica que são índices relativos a uma determinada realidade sociocultural, assim como o processo de comportamento verbal e não verbal do ator se fazer membro de um determinado grupo (COULON, 1995).

São muitos os termos e conceitos trabalhados pelos etnometodólogos e que delineiam um perfil teórico dessa corrente, porém ressaltam-se nessa dissertação apenas cinco tópicos, considerando-os mais importantes, a saber baseados nos estudos de (COULON, 1995):

1º Situação: Não existe um fato social como uma coisa dada, mas uma construção dinâmica e denominada situação e que se caracteriza por interações sociais mediadas, construídas e constituídas pela linguagem. No caso dos quilombolas, umas das principais posições definidoras do “ser quilombola” é a prática de “contação de histórias” pelos atores sociais o que é transmitido de geração em geração.

2º Prática: As narrativas geralmente são construções em torno de ações práticas mais do que elucbrações teóricas, conforme a lógica do senso comum, e nessas narrativas de ações práticas existem conclusões denominadas de “moral da história” como uma síntese do ensinamento elaborado pelo relato de uma ação concreta.

3º Indicialidade: O léxico das narrativas são índices ou indicadores relacionados com determinadas situações, conjunturas ou estruturas étnicas, o que pode ser revelador, no caso, do respectivo “ser quilombola”.

4º Accountability: Termo anglófono de difícil tradução na Língua Portuguesa tem como melhor aproximação “prestação de contas”. Nesse sentido, as narrativas coletivas implicam em compromissos éticos da comunidade, algumas narrativas individuais se caracterizam por uma prestação de contas no sentido de não transgredirem as normas estabelecidas.

5º Membro: tornar-se um membro significa filiar-se a um grupo que exige o progressivo domínio da linguagem institucional comum. Uma vez ligados à coletividade, os membros não têm necessidade de se interrogar sobre o que fazem. O sujeito não nasce quilombola, torna-se quilombola. tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

No próximo item serão abordados os princípios metodológicos e estratégias de ação.

### 3 METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

Neste capítulo será apresentado o percurso metodológico da presente dissertação e a trajetória de construção e análise das informações de pesquisa, principalmente o estudo dos discursos quilombolas de Conceição das Crioulas sobre a memória e percepção da respectiva identidade étnica.

#### 3.1 TIPO DA PESQUISA

Esse estudo objetiva a uma modalidade de pesquisa que responde a questões particulares, tanto individual quanto coletivamente. “Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis matemáticas” (MINAYO, 2002, p. 21).

A Análise Crítica do Discurso, permite compreender a partir da respectiva análise os significados textuais do discurso dos sujeitos de Conceição das Crioulas, enfocando oralidade, memória e identidade social. Autores como Bogdan e Biklen (1994, p. 51), reforçam que “o processo de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dados estes não serão abordados por aqueles de uma forma neutra”. Para tanto, várias escutas ocorreram a partir de conversas informais, visitas aos locais relevantes para a memória coletiva, junto a participações em eventos ocorridos dentro dessa comunidade, o que mais uma vez destaca a memória oral com base nos discursos dos seus ancestrais, que versam sobre a identidade social quilombola.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal, analítica, utilizando dados primários e secundários. Em relação aos dados primários, os procedimentos analíticos transcorreram a partir da construção de informações oriundas dessas conversas informais e a transcrição das gravações. Em segundo lugar, os dados secundários foram construídos a partir de documentos institucionais.

Em relação à análise dos diversos gêneros discursivos, o quais são compreendidos como práticas discursivas que se caracterizam como prática social, analisa-se sobre a ótica do modelo tridimensional em Fairclough (2001, 2016). Todavia, utilizamos também o modelo de Teun Van Dijk, (2010). Tal modelo é alicerçado na Análise Cognitiva (ou sociocognitiva) do Discurso e as relações de poder. A ideias desse pesquisador relacionam-se ao papel desempenhado

por essa pesquisa, que está centralizada na desarticulação de relações de dominação, ou seja, relaciona-se a seu caráter emancipatório presente nos discursos dos Quilombolas de Conceição das Crioulas.

A opção por essa comunidade se deveu por conta do relacionamento da autora da dissertação com os estudantes quilombolas do Curso de Pedagogia, através da disciplina Educação e Cultura Afro-Brasileira, na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), em Salgueiro, Pernambuco. Inclusive há uma demanda bastante acentuada de estudantes quilombolas que cursam o ensino superior nesta instituição.

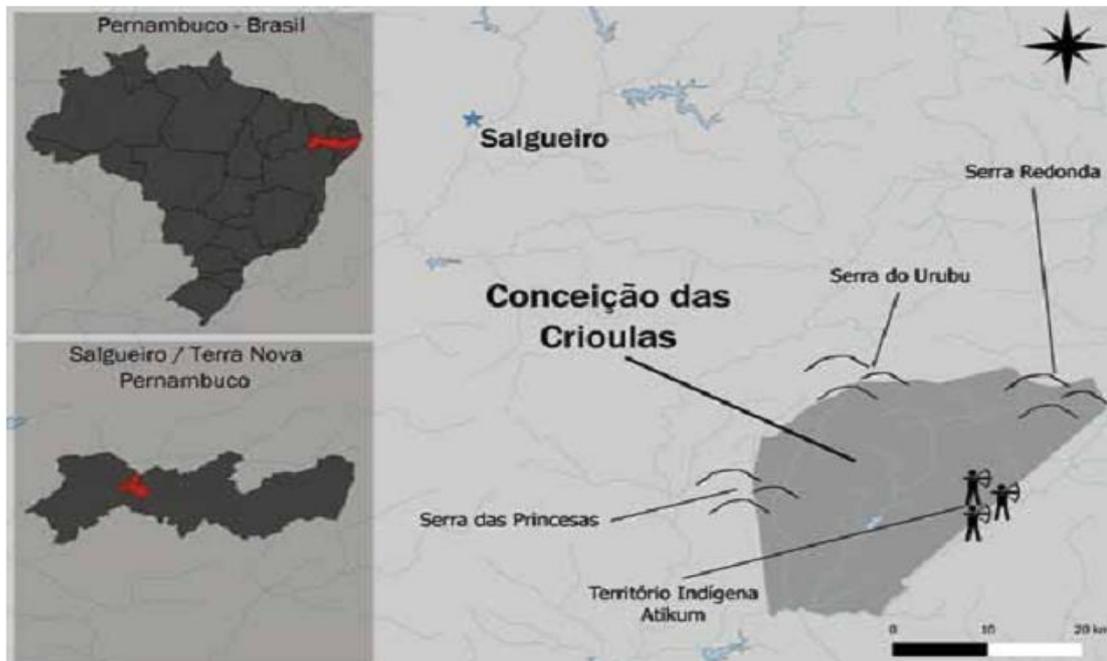
A partir da formulação do problema de pesquisa, da construção de pressupostos e a estruturação de categorias teóricas, iniciou-se a partir de um projeto de pesquisa o trabalho de estudo. Gil (2008) lembra que à medida que estas tarefas são plenamente realizadas, o trabalho de investigação assume o caráter de um sistema coordenado e coerente de conceitos e proposições que é essencial para que o problema assumo o significado científico.

### 3.2 CAMPO DE PESQUISA

O estudo de campo pode propiciar um aprofundamento das respostas para os problemas elaborados, vindo o desenrolar do estudo apresentar uma maior flexibilidade, havendo a chance de ocorrer que seus objetivos da pesquisa sejam reformulados ao longo do processo. Além disso, o estudo de campo ao focar um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, permite visualizar a dinâmica das interações de seus componentes. “Muitas vezes, o estudo de campo utiliza muitas técnicas de observação do que de interrogação” (GIL, 2008, p. 57).

Retomando sobre os lócus da pesquisa, encontra-se no município de Salgueiro, localizado no Brasil na Região Norte do Estado de Pernambuco, Mesorregião do Sertão e Microrregião Salgueiro. Em linha reta, a sede do Município está distante 468 quilômetros de Recife. Em distância rodoviária, 550 quilômetros da capital pernambucana (SALGUEIRO, 2018).

Mapa 1 Localização de Salgueiro e de Conceição das Crioulas



Fonte: INCRA/FAFICH (2016).

Neste sentido, não se pode falar da Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas, sem falar do município de Salgueiro. Este município é o principal polo do Sertão Central e é cortado pelas rodovias: BR 232 e BR 116, ligando-o a todo o país, por isso chamada também de Encruzilhada do Nordeste ou Rota do Desenvolvimento. Segundo o Portal Salgueiro (2012) esta cidade de Salgueiro limita-se ao Norte com o município de Pena Forte (CE), ao sul, com Belém de São Francisco (PE), ao leste, com Verdejante, Mirandiba e Carnaubeira da Penha (PE) e a oeste, com Cabrobó, Terra Nova, Serrita e Cedro (PE).

A área territorial de Salgueiro é de 1.733,7 km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 57.435 habitantes, ano de emancipação político em 1865. Quanto às coordenadas geográficas, sua latitude é de 8°04'27" "e longitude de 39°07'09". (SALGUEIRO, 2018). O solo de Salgueiro é arenoso, pedregoso e rochoso e a ocorrência mineral é granito. O clima é semi-árido, quente, com temperatura média anual de 25° C, a precipitação pluviométrica é de 450 a 600 milímetros por ano. O relevo apresenta uma variação de plano e montanhoso. Esse relevo e clima variado fazem com que a região seja caracterizada tanto por áreas secas com chuvas escassas e mal distribuída, vegetação xerófita e rios temporários, assim como por áreas de altitude com temperatura amena e bons índices pluviométricos (SALGUEIRO-PE, 2016).

Ressalta-se, que a cidade de Salgueiro tem como atividades econômicas predominantes, a agricultura e o comércio varejista. Os principais produtos agrícolas de Salgueiro são cebola,

tomate, algodão herbáceo, milho, banana, feijão, arroz e manga. A economia da mesorregião está voltada para a agricultura de subsistência e a agropecuária extensiva, onde se destaca a caprinocultura e a avicultura. O município de Salgueiro está no coração do Nordeste, tendo uma localização estratégica do ponto de vista logístico. Com fácil acesso e equidistante da maioria das capitais nordestinas, está ligado diretamente ao Porto de Suape em Recife, através da rota da ferrovia Transnordestina. O principal projeto instalado em Salgueiro é o canteiro central da Transnordestina, cujas obras estão paralisadas.

Em se tratando da comunidade de Conceição das Crioulas, a população é estimada em 4.000 (Quatro Mil) habitantes (SALGUEIRO, 2016). As atividades econômicas baseiam-se na agricultura de subsistência, produções artesanais, pecuária, havendo, portanto, benefícios governamentais. O território é composto por 18 sítios sendo a Vila Centro de Conceição das Crioulas a mais populosa e que concentra boa parte dos serviços públicos do território, contando com Posto de Saúde, as Escolas de Ensino Infantil, Fundamental e Ensino Médio.

Conforme já discutido, na memória oral está registrado que as seis mulheres crioulas arrendaram uma área de terra e aos poucos foram organizando o seu trabalho de produção e fiação do algodão. Elas fizeram uma promessa à Nossa Senhora da Conceição de construir uma capela, caso conseguissem se tornar donas das terras onde trabalhavam. Alcançaram a “graça” e ergueram a capela, onde colocaram a imagem da santa homônima, que Francisco José de Sá havia trazido na viagem. Em homenagem à santa, a comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas dando origem ao povoado (LEITE, 2010, p. 141).

Nesse itinerário, as celebrações representativas da comunidade são a Festa de Nossa Senhora da Assunção, em 15 de agosto, considerada a grande festa e marcada pelas apresentações de bandas de pífanos e pela Dança do Trancelim. A Festa de Nossa Senhora da Conceição, em 08 dezembro, quando ocorrem novenas, missas e procissões, sendo importantes tanto para a religiosidade como para a socialização. A Festa dos Concluintes, acontece ao final de dezembro, na qual se comemora a luta pelo acesso à educação.

É interessante notar algo de peculiar nesses festejos e que denotam a importância da afirmação étnica desse povo. O campo religioso é também espaço de eventuais disputas entre "brancos" e "negros" em Conceição das Crioulas. Pois, a partir de 1910, com a penetração de fazendeiros brancos no território das crioulas, estes quiseram impor sua supremacia aos negros, interferindo em todos os setores organizados da comunidade, inclusive nos espaços ditos sagrados. Dessa forma:

Na tradição oral dos "brancos", no que concerne à padroeira do lugar, tudo teria começado com uma promessa feita pela esposa de um certo "fazendeiro", a Nossa Senhora da Assunção. Alcançada a "graça", a devota teria querido mudar a padroeira de Nossa Senhora da Conceição para Nossa Senhora da Assunção. Os "negros", porém, não aderiram, mas, os "brancos", resolveram contrariar a opinião daqueles, realizando uma grande festa, no mês de agosto, em homenagem a Nossa Senhora da Assunção. Diante do impasse, passou-se à realização de duas festas por ano, uma em agosto, mais destacada, e outra em dezembro (LEITE, 2012, p. 231).

Nessa perspectiva, mesmo atualmente os negros organizando a festa de Nossa Senhora da Assunção e participando ativamente, eles consideram Nossa Senhora da Conceição sua padroeira, por esta fazer parte do mito fundador da comunidade, do qual os quilombolas se apropriam para estabelecer uma relação de pertença.

A produção econômica nesse território, sempre teve o algodão como fonte principal de renda até 1987, quando houve uma praga na região, causando a extinção da cultura. Atualmente, só há a agricultura de subsistência, a venda do umbu, as pequenas criações de caprinos, bovinos e suínos, e o artesanato têm sido as principais atividades econômicas. A fibra de caroá destaca-se, para a confecção de bolsas, bonecas, jogos, e o barro, para a produção de painéis, copos, potes, colares, são as principais matérias primas utilizadas pela comunidade.

Dentre as riquezas do artesanato de Conceição, é possível destacar as bonecas que contam a história de 11 mulheres Líderes comunitárias. São elas: 1 Lurdinha, professora e artesã; 2 Mãe Magá (Margarida), parteira; 3 Madrinha Lurdes, ceramista; 4 Josefa, artesã da palha do catolé; 5 Liosa (Emília), contadora das histórias dos antepassados; 6 Antônia, 7 Ana Belo, fiadeiras de algodão; 8 Generosa, a líder política; 9 Júlia, artesã do caroá; 10 Francisca Ferreira, a fundadora; e 11 Valdeci, artesã de roupas, colares, geleias de Umbu e Dona de casa, que atualmente entrou para o rol das bonecas.

Vale salientar que o artesanato não se caracteriza apenas como reprodução material, mas também como reprodução simbólica da história da etnia, uma vez que as bonecas confeccionadas pelos artesãos e artesãs representam cada liderança feminina de grande importância na busca pelo desenvolvimento do território. Portanto elas não fazem alusão somente às seis negras presentes no mito de fundação, mas também às mulheres que as precederam e que lutaram ou continuam lutando pela garantia dos direitos à sua identidade étnica e a seu território.

Essas mulheres deixaram um legado do qual seus descendentes se orgulham e lutam para garanti-lo, e também para transformá-lo em conquistas (NASCIMENTO, 2017, p. 61). Dessa forma, o artesanato também é estimulado para geração de renda da comunidade, vindo recentemente a se apresentar com nova roupagem a partir de sugestões de pesquisadores. Por

sua vez, as peças de barro, as esteiras, sousplat<sup>8</sup> de palha e os vídeos que também reproduzem e deixam suas marcas nessa história.

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA:

Os sujeitos da pesquisa é um grupo de dez sujeitos que apresentam importantes papéis sociais em Conceição das Crioulas, formada atualmente por uma comunidade de quatro mil moradores (DA SILVA; OLIVEIRA, 2017). Convém destacar que, os sujeitos da pesquisa da comunidade de Conceição das Crioulas se encontram organizados para defenderem seus direitos à terra, educação diferenciada, protagonismo das mulheres, artesanato e tecnologias da informação e comunicação (TICs), ou seja, elementos de multimídias. O perfil desses sujeitos é de idosos, líderes comunitários, líderes religiosos, donas de casa, agricultores, estudantes, professores, gestores escolares e mestres da cultura local. Eles são, portanto, informantes-chave, havendo nesta pesquisa uma seleção criteriosa dos partícipes.

Nesse estudo a estratégia para a escolha desses sujeitos, para este intento se deu a partir do contato por telefone, seguindo-se de apresentação do projeto de pesquisa às lideranças da comunidade em um momento de reunião com lideranças locais, ocorrida em março de 2016. Na época, era uma artesã, presidenta da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC).

As sugestões dos membros da associação, para a escolha dos entrevistados, obedeceram aos seguintes critérios: serem pessoas ligadas ao movimento quilombola; que fizesse parte de uma das comissões da AQCC; ser quilombola e ter residência nessa comunidade; ter alguma atividade, seja ao nível político, educacional, religioso ou laboral; se estudou na comunidade ou se não estudou e se atua na comunidade ou ser liderança em prol da luta pela identidade quilombola e para a manutenção dos direitos dessa população.

Assim sendo, os convidados concordaram voluntariamente em participar da pesquisa. Seguiu-se agendar via telefone a visita ao Quilombo, objetivando apresentar o projeto para a comunidade e membros da AQCC, depois discussão com representantes sobre a seleção dos sujeitos entrevistados. A partir das referências dos próprios quilombolas, em seguida o trabalho de campo na comunidade, duas vezes por semana. Apresentamos a diante o perfil dos sujeitos da pesquisa:

---

8 O Sousplat nada mais é do que um item que deve ser usado abaixo do prato. Pode ter uma função decorativa ou regra em respeito à etiqueta.

**Quadro 1 Perfil dos Sujeitos da Pesquisa**

<b>ATIVIDADE QUE EXERCE NA COMUNIDADE</b>	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>REPRESENTAÇÃO NUMÉRICA</b>
Membro da Comissão de Educação	38 anos	Gestora/Professora	Especialização em Psicopedagogia	E1
Mestre de Cultura	36 anos	Mestre de Cultura e Gestor	Especialização em Educ. Intercultural no Pensamento Decolonial	E2
Liderança na Comunidade	58 anos	Agricultor	Ensino Fundamental	E3
Contador de Histórias	64 anos	Coordenador da Comissão de Patrimônio e Agricultor	Sem Escolaridade	E4
Líder Religioso	40 anos	Presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais	Ensino Médio	E5
Mestra no Artesanato,	49 anos	Presidente da AQCC	Especialista em Psicopedagogia	E6
Coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR)	56 anos	Auxiliar de Enfermagem/ Dona de Casa	Ensino Fundamental	E7
Líder da Comunidade	49 anos	Professora/Estudante	Doutoranda em Sociologia pela UNB	E8
Membro do MMTR	52 anos	Coordenadora da AQCC, Artesã e dona de Casa	Ensino Fundamental	E9
Produtora de Vídeos	30 anos	Professora	Graduação em História	E10

**Fonte:** Elaborada pela autora

### 3.4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

A imersão da autora na comunidade ocorreu através da observação semiparticipante (na qual o pesquisador não convive todo o dia e durante muitos dias junto à comunidade enfocada) e de entrevistas semiestruturadas, realizadas em momentos oportunos de acordo com a agenda diária dos quilombolas. O método de observação tem uma raiz antropológica, constituindo-se no chamado método etnográfico, fundamentando-se em estudar um grupo de sujeitos a partir da inserção dos pesquisadores no contexto cultural do mesmo. Sobre isso, afirma Oliveira (1998, p. 24):

Tal interação na realização de uma etnografia envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de "observação participante", o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação.

Logo, pretende-se uma aproximação ao cotidiano dos sujeitos de Conceição das Crioulas, para se apreender a realidade vívida por eles e que servirá de base para a visualização do cenário no qual os atores interagem através da construção discursiva. Torna-se fundamental a utilização de um Diário de Campo, podendo-se registrar todo o processo de interação social e

discursiva, e assim, selecionar os informantes, estratégicos para o registro e análise dos discursos acerca do cotidiano das pessoas de Conceição das Crioulas. Oliveira (1998, p. 34) ainda evidencia o seguinte:

Nesse sentido, os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar, isto é, peculiar à antropologia, por meio da qual o pesquisador busca interpretar ou compreender a sociedade e a cultura do outro "de dentro", em sua verdadeira interioridade. Ao penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração; ao do texto, uma vez que essa vivência só é assegurada pela observação participante "estando lá" passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso dos sujeitos.

Conhecendo a perspectiva interna do grupo, aproximada daquilo denominado por Geertz (1989) de abordagem êmica, através da qual há uma possibilidade de compreensão interna da cultura do outro, e não apenas na visão de mundo do grupo de origem de quem estuda, inclusive dos respectivos usos da linguagem. Ao contrário, a abordagem ética, segundo o antropólogo semiótico norte-americano, ela se pauta por uma postura explicativa, externa ao grupo e fundamentalmente teórica (GEERTZ, 1989).

As observações na Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), nas práticas religiosas como a Novena de Nossa Senhora da Conceição (29 de novembro à 8 de dezembro), e nos locais de referências da comunidade, tais com: o cemitério, a igreja, o açude, o Centro de Cultura Luís Freire, o Centro de Artesanato Francisca Ferreira, a Biblioteca Afro-indígena e as escolas. Destacam-se nesses cenários, os espaços de contação de histórias.

Importante ferramenta do método de observação é a elaboração de um Diário de Bordo, para o registro de tudo que suscitava a história do povo quilombola de Conceição das Crioulas em Salgueiro PE.

Em se tratando da análise documental, existem textos já construídos como a Carta de Princípios, o jornal "Crioulas: A Voz da Resistência", o livro "Nosso Território", cujos discursos foram igualmente analisados. Inclusive, o material do "Crioulas Vídeos" que em parceria com a produtora de vídeo "Tankalé" de Recife produz textos em forma de filmagens que é consumido por toda comunidade interna e externa.

A partir da observação semiparticipante, podem ser escolhidos os informantes-chaves, chamados de sujeitos da pesquisa. Desse modo, foi realizada uma entrevista semidiretiva, que segundo Triviños (1987, p. 152) apresenta as seguintes características:

Tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Dessa forma, com as entrevistas foram enfocados temas “a priori”, a partir de um roteiro de perguntas prévias, vindo a ser elaboradas novas perguntas a partir de dúvidas, hesitações, ambiguidade, construindo-se novos temas “a posteriori”, a partir das circunstâncias momentâneas da entrevista.

Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2017, com uso de gravador de voz. Dessa forma as perguntas estavam assim organizadas:

1. Você é Quilombola de Conceição das Crioulas?
2. Por que você se considera ou não se considera quilombola de Conceição das Crioulas?
3. Você conhece alguma história que os mais velhos contam sobre Conceição das Crioulas? Poderia me contar essa história?
4. Você poderia me contar essa ou essas histórias por inteiro?
5. Essas histórias são contadas em quais lugares de Conceição das Crioulas? Onde? Quando? Quem conta? Para quem contam? Essas histórias ajudam ou não ajudam o povo quilombola? Em que elas ajudam? Responda por quê?
6. Quais foram os elementos que contribuíram para a formação da identidade do ser Quilombola em Conceição das Crioulas?

É pertinente ressaltar que essas perguntas são apenas indagações geradores do diálogo. Portanto, muitas outras interpelações surgiram no momento das entrevistas. Em sequência ocorreu a transcrição das entrevistas. O que fora extraído de mais valioso consta na análise dos discursos proferidos. Ao mesmo tempo, foi-se fotografando pessoas, paisagens, objetos, eventos que contam as histórias dessa gente, caracterizando-se pelo pertencimento de comungar com os mesmos ideais.

### 3.6 CATEGORIAS ANALÍTICAS

As categorias de análise do discurso quilombola fundamentaram-se no Modelo Tridimensional de Fairclough (2016). Existe uma articulação dialética entre o texto, seja o discurso

transcrito ou vivido entre os quilombolas, definidos ao mesmo tempo como prática discursiva e prática social. Com isso, são construídas determinadas categoriais analíticas, conforme apontam Resende e Ramalho (2006, p. 29), a saber:

Quadro 2. Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

<b>TEXTO</b>	<b>PRÁTICA DISCURSIVA</b>	<b>PRÁTICA SOCIAL</b>
Vocabulário	Produção	Ideologia
Gramática	Distribuição	Sentidos
Coesão	Consumo	Pressuposições
Estrutura Textual	Contexto	Metáfora
	Força	Hegemonia
	Coerência	Orientações Econômicas
	Intertextualidade	Políticas, Culturais, ideológicas

Fonte: (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 29).

As discussões em torno das práticas discursivas são mediadoras entre o texto e a prática social. Nesse trabalho, todas as categorias são igualmente importantes, mas aqui se defende as “práticas discursivas” como forma de dialogar com as atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo do texto, bem como, as categorias força, coerência e intertextualidade, assim como a prática social. Nesse sentido, Fairclough (2001) enfatiza a relação entre discurso e função identitária, relação esta que permite uma construção do ser individual e social através da prática discursiva, que pode ser reprodutora ou transformadora de mudança social.

### 3.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa da presente dissertação foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), conforme Número do Parecer 1.930.801 (ANEXO A). Após a aprovação deste comitê, iniciou-se o trabalho de campo. Nele, os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO B). Com o TCLE, os participantes assinaram a permissão em fazer parte da pesquisa, podendo se desligar a qualquer momento que se fizesse necessário.

No capítulo que se segue serão apresentadas as análises desses discursos, havendo discursos reveladores de diferentes momentos de fala, bem como, as análises dos silêncios, das

emoções, dos sonhos e até dos sentimentos. São memórias que estão ligadas à rotina de vivências nesse quilombo e, portanto, reveladores de sentimentos que dificilmente a Grande Narrativa Ocidental, os expressaria.

## 4 GÊNEROS DISCURSIVOS EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS.

### 4.1 ORALIDADE

O trabalho nesta proposta, dos gêneros textuais falados, os quais fazem parte de uma área em que os estudos não são abundantes, inclusive os estudos da classificação das interações verbais orais, é bem mais recente e menos sistemáticas que a classificação dos textos escritos, como bem lembra (MARCUSCHI, 2008).

Dessa forma, diz respeito a distribuição dos gêneros na sociedade, pelas práticas sociais, desenvolvidas nos diversos contextos, os quais dependem do comportamento dos cidadãos para que se tenha um domínio discursivo adequado. Ainda se pode constatar em Antunes (2003) que há no trabalho com a oralidade “Uma concentração de atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada; nesse contexto, predominam os registros coloquiais, como a “conversa”, “a troca de ideias”, “a explicação para o colega vizinho” e similares. [...] o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais, sem que se promova uma análise mais consistente de como a conversação acontece. Esse fenômeno ocorre principalmente em sociedades tipicamente orais, como é o caso de Conceição das Crioulas.

Citando um dos maiores pensadores africanos do século XX, Amadou Hampâté Bâ<sup>9</sup>, Bonvini (2001, p. 40) escreve o seguinte: “Na África, quando um velho morre, é uma biblioteca que queima”. Evidentemente, a assertiva reflete a condição de transmissão cultural das etnias africanas transplantadas para o Brasil, haja vista toda a carga de história e memória composta nas oralidades dos respectivos descendentes que foram escravizados quando do processo da diáspora africana para a Colônia Portuguesa. A conservação da tradição oral permitiu aos negros brasileiros sobreviverem e se posicionarem em relação a outras culturas, como a dos indígenas e a dos conquistadores Portugueses, desde o período colonial.

Essa diáspora caracterizou-se como um fenômeno histórico e social da imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Trata-se de um processo marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África. (BONVINI, 2001).

---

<sup>9</sup> Hampâté Bâ (1900-91) expressa a importância da transmissão oral no continente e a sensação de ouvir um sábio africano relatar suas experiências. Participou da elaboração dos primeiros estudos que usam as fontes orais de maneira sistemática, como em "História Geral da África", publicada pela Unesco em 1980.

Esses gêneros não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sócio interativos. (MARCUSCHI, 2008). A oralidade, portanto, também implica resistência cultural do povo quilombola, marcada pelo encontro de memórias individuais e uma memória dos outros, sendo fundamental esse encontro entre as duas memórias abordadas para a construção e consolidação das identidades coletivas (POLLAK, 1992, p. 5).

A ausência de registros escritos referentes à história das “seis negras”, estimulou a população de Conceição das Crioulas a construir oralmente registros que possibilitassem a reconstituição do caminho percorrido por aquelas e por seus descendentes mais imediatos. Tem-se, assim, uma história que traz nas suas origens as marcas da repressão, fuga, trabalho e religiosidade, cujos personagens principais são mulheres negras. (LEITE, 2012). Para a consolidação da memória coletiva existe a participação de (re)produtores simbólicos, a personagem dos contadores de histórias. Segundo Rondelli (1993), este agente social é protagonista de uma das mais importantes práticas discursivas junto às comunidades orais: o ato de contar histórias. Trata-se de um processo pelo qual não se transmite apenas mensagens, mas se desenvolve uma socialização através da convivência na qual existem trocas de experiências entre os participantes.

Para tanto, não se tem uma noção muito clara de como se organiza cada um desses saberes, mas é certo que eles não agem de forma sucessiva e sim interativamente. Mas eles não são uma espécie de “depósito de conhecimentos” do qual os falantes lançam mão. São processadores que operam como mecanismos que ativam a produção. (MARCUSCHI, 2008). Veja o que assevera a Coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais<sup>10</sup>, ao mesmo tempo enfermeira e dona de casa:

Essas histórias, elas eram contadas pelas pessoas que a gente chama de historiadores da comunidade, as pessoas mais velhas que receberam essas informações através da oralidade pelos pais, pelos avós, a exemplo de Andreli Negrão, de tia Liosa, de tia Maria. Enfim, de tia Ana Belo, que também contava muito e infelizmente já não está mais aqui. Então assim, uma série de pessoas dentro da comunidade, que quando a gente procura as pessoas mais velhas da comunidade, elas conseguem ainda reviver e remontar essa história através da sua memória. Essas histórias eram contadas em todo canto. Às “vez” a gente catava algodão na roça e ia escutando nosso pai ou mãe ou um parente mais velho, contando a história. Como viviam nossos ancestrais. Aí nós “ia” aprendendo a história e o modo de vida deles. As “vez” quando não tinha nada pra fazer, se juntava um monte de “menino” debaixo de um pé de pau pra contar as mesmas histórias que os pais contavam. Tinha umas que “dava” até medo. Não tinha outro divertimento. Uma coisa ninguém pode negar, nós aprendemos muita coisa com eles, o que eles diziam era muito certo e hoje a gente conta “pros” netos, apesar de já ter outras histórias mais interessantes pra eles “vê” e aprender, como a história da terra que eles vivem e como foi desde o começo, pra aprender e dar valor a história do

---

<sup>10</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 7.

nosso povo e ter orgulho de ser um remanescente de quilombo. Hoje nós “somo” livre e não “temo” mais medo do branco fazendeiro.

Uma característica crucial dos contadores de história é eles serem mais idosos na comunidade, condição que permite um evidente maior acúmulo de memória individual e coletiva. Outra característica é haver uma distribuição extensa dos lugares de contação de histórias na comunidade. Para se expressar o fato, é utilizado uma forma pronominal de adjetivo: as “histórias contadas em todos os cantos” significa que qualquer que seja o lugar, ele é propício para o ato de contação.

Duas práticas sociais são lembradas, no discurso da Coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, como propícias para a contação de histórias: o trabalho das crianças na colheita do algodão e o lazer das crianças, no tempo livre. Entre o trabalho e o lazer, os contadores de histórias eram responsáveis por um processo pedagógico, valorizador da etnia quilombola e fortalecedor do empoderamento comunitário.

No discurso de uma Professora/Gestora,<sup>11</sup> Membro da Comissão de Educação, existem outros temas recorrentes:

Essas histórias, elas são contadas em vários lugares, mas essa história muitas pessoas que hoje, por exemplo, que terminaram o Ensino Médio, que estudaram aqui desde 95, elas aprenderam essas histórias na escola, mas elas aprenderam em casa também, na comunidade, nas reuniões da Associação Quilombola Conceição das Crioulas. Inclusive, o meu artigo de especialização, que eu terminei o ano passado em Floresta, tem como nome “Educação em Espaços Outros: Histórias e Concepções Quilombolas”. Aí eu falo justamente desses espaços outros, na casa do avô, na roça, nos caldeirões, na Associação Quilombola Conceição das Crioulas, na praça, na rua, em qualquer espaço a gente “tá” aprendendo. Então eu falo justamente desses espaços outros de contação, que as pessoas estão aprendendo também, né? Quem conta são, a gente já teve infelizmente assim, com um tempo as pessoas acabam morrendo, né? Mas assim, a gente já teve muitas pessoas que contam essas histórias, inclusive os idosos, né? Tem é... Eu fico impressionada com uma das moradoras daqui, que é umas das que mais contou, eu acho, sobre a história de Conceição que é, uns chamam de Maria Emília, mas o apelido é dona Liosa, ela tem acho que uns oitenta anos. Ela conta essas histórias com uma facilidade que a gente fica assim impressionada. Ela conta: “Essas Crioulas andavam assim, faziam assim, foram pra Flores, voltaram...” Mas assim, com um detalhe assim que eu fico só escutando, digo: “Meu Deus!” Mas é assim... É. Isso era contado, né? Pra os filhos, pra os netos em casa e hoje ela é contada não só em casa, mas ela é contada dentro da escola, pra o universo dos alunados, dentro da comunidade e é como eu falei também pra outras pessoas de fora, através das ferramentas de audiovisual, de jornal e também de material científico hoje, pois são os artigos, dissertações, teses e tudo que tem servido como base também pra os pesquisadores, que a gente tem contando a nossa história e pra outras pessoas que tinha interesse em pesquisar sobre Conceição sobre a importância da população negra no país.

---

<sup>11</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 1.

Dois aspectos intertextuais são encontrados na narrativa da gestora: o papel dos idosos, principalmente Maria Emília, chamada de Dona Liosa e o caráter onipresente dos lugares de contação de histórias, sejam eles nos espaços domésticos da família nuclear ou dos antecessores, na reunião da Associação Quilombola Conceição das Crioulas, na roça, nos caldeirões de pedra<sup>12</sup>, na praça, nas ruas, inclusive dentro das escolas. E é exatamente, por conta do lugar da instituição de ensino formal na comunidade de onde muitos membros vão concluir graduação e pós-graduação universitárias em cidades vizinhas, que essa formação contribuiu para a produção de uma memória escrita, através de monografias, dissertações, teses, livros, artigos e vídeos. Destaca-se o papel da Associação Quilombola Conceição das Crioulas nesse processo de organização e de registro.

Dessa forma, existe uma articulação entre duas formas de práticas discursivas: a oral e a escrita, o que pode ser considerado dois modos distintos e complementares de práticas de produção, distribuição e consumo textual.

Apesar da brutalidade do processo de escravidão, a resistência à mesma perpassa a organização política, mas também através do que Bonvini (2001, p. 40) define como “palavras organizadas”, sejam fórmulas rituais, rezas, cantos, contos, provérbios ou adivinhações. Entre essas palavras, as histórias contadas, conforme pontua o entrevistado Agricultor:<sup>13</sup>

Eu conheço algumas histórias e principalmente a que constitui toda identidade da nossa história. Porque eu tive assim a felicidade de crescer com minhas “bisa”, minhas “vó” contando pra mim porque era, quem éramos nós. De onde era que a gente tinha vindo? De onde era, qual era a nossa identidade? Quem era nosso povo? E Conceição das Crioulas é esse ambiente onde é... Os mais antigos, que isso era um grande valor do povo negro que era passar a história de pai pra filho. Então, tanto da nossa geração como as histórias de luta, como foi conquistado esse território, é... As batalhas travadas, as intrusões dos “terceiro” que entraram por aqui. Então elas... Eu nasci como se elas tivessem me preparando pra ser o próximo líder da história, né?

O discurso presente nas histórias é responsável por um conhecimento constitutivo da identidade da etnia quilombola Conceição das Crioulas. Para isso contribuiu uma genealogia discursiva que se inicia, no relato do líder comunitário, a partir de uma bisavó.

A origem do povo implicou em compreender quem era esse povo. Destaca-se o tema luta pela terra, sendo, igualmente, uma pedagogia de formação de uma liderança comunitária. Nesse ponto, a oralidade e as histórias contadas funcionam como ação legitimadora da demarcação do território, entre essas narrativas se encontram as Histórias de Barnabé:

<sup>12</sup> São formações rochosas que seguram a água da chuva, formando uma espécie de reservatórios naturais de água.

<sup>13</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 3.

Dizem que Barnabé e um primo dele trabalhavam na serra das crioulas e o outro na Serra do urubu. Eles trabalhavam e brincavam jogando peteca. Fizeram uma peteca muito grande, ali ele jogava a peteca de lá ... a peteca se mandava nesse meio de mundo aí... tchum...E ele ficava lá trabalhando. Quando ela chegava lá, quando ia chegando perto aí o vento vinha, aí o cabra dizia “a peteca já vem”, aí se preparava cá e abarcava de novo, quando a peteca chegava em (Barnabé) ele já tinha tirado uma tarefa de mato e deslocado uma mandioca. Quando ela chegava lá até o cara de volta, ele tirado outra tarefa de mato... E assim trabalhavam dias e anos e essa peteca rolando pra lá e pra cá. A peteca era feita de dois carros de boi e as penas eram uma copa de catolé. (AQCC, 2011, p. 14).

Todavia em vários dos discursos proferidos pelos entrevistados, assim como está na produção das escolas e nos materiais da AQCC: Barnabé é representado como um homem que dizem ter existido, em épocas passadas. Foi atribuído a ele, forças sobrenaturais, entre as várias narrativas sobre seus feitos que se apresentam de forma predominante entre os entrevistados é a seguinte:

A história oral registra que Barnabé de Oliveira, foi um historiador. Onde grande parte da comunidade é descendente dele. Foi um contador de histórias, que divertia as pessoas, mas também, histórias que faziam relação com o cotidiano do território. Conforme relata a entrevistada E 1. Uma dessas histórias que é do conhecimento de todos que residem no quilombo, a qual faz parte do acervo sociocultural de narrativas históricas desse lugar:

[...] a história da peteca, onde ele ficava na serra grande, que havia há uns seis quilômetros e o outro ficava na serra do urubu que é daqui há uns 8 ou 10 quilômetros, que era um primo dele, e um jogava a peteca de lá e ia limpando a roça, jogava a peteca...e aí ficava nesse jogo de peteca durante tempos, trabalhando e brincando de jogar peteca. E as pessoas dizem que essa história é verdadeira? Tem condições de uma peteca ficar de uma serra pra outra? Mas assim, é uma história pra distrair também, mas ao mesmo tempo, uma história que tem ligação com os contos que fazem referência ao território, que é a Serra Grande e a Serra do Urubu. A história em si você olhando, você diz, acho isso é só uma história, mas quando você vai pra os contos, dois dos contos que fazem limite do território quilombola. Então tem essas histórias de Barnabé que são várias né?

Percebe-se ainda a importância das Histórias de Barnabé no discurso proferido por outra entrevistada mestra do artesanato<sup>14</sup>:

[...] então as pessoas mais velhas contam muitas histórias. Nossa comunidade ela é muito recheada de histórias, e que retratam realmente de onde é, que faz o limite de Conceição das Crioulas, o que fica realmente dentro do Quilombo, localidades, áreas que fica dentro do Quilombo, então tem um contador de história chamado Barnabé de Oliveira que ele é parente de nós também daqui, dos Oliveira, que ele conta várias histórias, e uma delas, ele conta a história de uma peteca né? Que era feita de couro...muito grande e que no lugar da pena, era colocado a copa de coqueiro, (sabe as palhas de coqueiro?) e ele jogava junto com os primos dele, os parentes dele jogava a peteca de uma serra para outra, da Serra Grande, ou Serra das Crioulas como a gente chama a Serra das Crioulas, a Serra do Urubu, que são uma área que fica dentro do

<sup>14</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 6.

Quilombo né? Isso ele falava na história dele, retratando que realmente aqui é uma localidade que faz parte do Quilombo né? Então ele dizia também nessa contação de história dele, que as pessoas trabalhavam muito de roça né?...e que quando as pessoas que estavam lá jogando peteca, enquanto a peteca chegava na mão do outro que estava na outra Serra, ele já tinha tirado uma tarefa de terra limpando né? limpando o legume. Então mostrava que realmente Conceição das Crioulas é uma área de agricultura que as pessoas tinham muito isso né.

Observa-se que de acordo com as categorias analíticas da proposta tridimensional de Fairclough (2016) em Resende e Ramalho (2006) os textos apresentados fazem alusão a estrutura textual da narrativa, a qual se apropria do conto para discorrer sobre as histórias de Barnabé de Oliveira.

Em relação a “*Dimensão Texto*” encontramos nos discursos das três (3) citações aqui apresentadas a categoria analítica do *vocabulário*, em uma linguagem coloquial, dotada de elementos advindos da oralidade, ou seja, língua falada, e baseado em ações do mito e de metáforas, relacionado aos feitos mágicos de Barnabé. Contudo, ressalta-se que a citação 1, fora transcrita de uma publicação textual organizada pela AQCC e utilizada como recurso didático nas escolas quilombolas. Devido a essa peculiaridade, a partir das dimensões “Prática Discursiva” e “Prática Social”, analisaremos a Citação 1 em separado, para depois retomarmos a análise das citações 2 e 3 juntas.

O discurso, representado na citação **1**, contém elementos na dimensão: “Prática Discursiva” nas seguintes categorias analíticas faircloughtianas: O discurso proferido faz parte de uma narrativa, que por meio de um interlocutor, se anuncia uma história oral presente nos discursos dos quilombolas, dessa forma a categoria *Produção*, é representada por um sujeito coletivo de Conceição das Crioulas. Em relação à categoria *Distribuição*, pode-se perceber, não somente no discurso proferido na cartilha, mas pelo correspondente a tiragem (800 exemplares) que o destino dessa produção teria uma abrangência maior do que simplesmente o território de Conceição, assim como as suas escolas. Já quando analisamos a partir da categoria *Consumo*, percebemos que tanto podem ter características coletivas como individuais, haja vista que, sua forma ou tipo de discurso em texto escrito e publicado, pode atingir um público específico (Pessoas letradas). Porém, seus produtores não terão controle sobre o processo de interpretação e transformação do texto.

Analisando a categoria *Intertextualidade*, discute-se o processo de mudança do tipo de discurso, o qual passa de uma fala popular (oral) para ser transcrito em um documento oficial. Isso se dá, para introduzir o discurso do povo quilombola de Conceição das Crioulas em gêneros discursivos da academia, ou do uso para pessoas letradas. As mudanças da fala para a escrita,

podem ter tido seu apogeu; os valores culturais contemporâneos atribuem alto valor à informalidade, e a mudança predominante está ligada a formas que lembram a fala na escrita. Fairclough (2001, p.253). Compreende-se assim, que essa mudança discursiva se configura como estratégia de levar a história e cultura de Conceição ao ambiente escolar, principalmente dos Quilombolas. Servindo assim, como um evento discursivo que contesta as práticas hegemônicas que historicamente mantiveram a ideologia dominante (Eurocêntrica) nos livros e manuais didáticos.

A produção escrita de uma revista ilustrada a partir das narrativas orais de Conceição das Crioulas representa enquanto prática social o resultado de todo esforço empreendido pela manutenção da memória por meio das narrativas, transmitidas de forma oral entre as gerações. Essa memória é carregada de significados, que trazem à tona os conflitos entre a história dos sujeitos escravizados no Brasil e os homens brancos, possuidores de estratégias que mantêm a sua ideologia homogeneizante, mantendo latente toda a carga histórica de direitos negados aos homens e mulheres negras.

Analisa-se a partir de agora os discursos proferidos por E1 e E6. Para isso nos deteremos às dimensões da “Prática Discursiva e da Prática Social”.

Como vemos, E6 afirma: “ele conta a história de uma peteca né? Que era feita de couro...muito grande e que no lugar da pena, era colocado a copa de coqueiro, (sabe as palhas de coqueiro?)”. É interessante notar que a dimensão da Peteca demonstra que o território é de veras grande e que suas divisas vão para além do que se avistava. Isso é fortalecido pela fala de E1 “ele ficava na serra grande, que havia há uns seis quilômetros e o outro ficava na serra do urubu que é daqui há uns 8 ou 10 quilômetros, um jogava a peteca de lá e ia limpando a roça.” E6 afirma também: “e ele jogava junto com os primos dele, os parentes dele jogava a peteca de uma serra para outra, da Serra Grande, ou Serra das Crioulas como a gente chama a Serra das Crioulas, a Serra do Urubu, que são uma área que fica dentro do Quilombo né?” Existe aqui uma forte tentativa de mostrar como o território é extenso principalmente. Temos ainda presentes nesses discursos, a ideia de pertencimento do lugar e do parentesco dos moradores. Demonstrando que esses sujeitos já ocupavam essas terras a muito tempo. Uma outra forma de demonstrar a ancestralidade e os laços com o lugar é na afirmação do trabalho que era realizado. Pois E1 afirma: “E aí ficava nesse jogo de peteca durante tempos, trabalhando e brincando de jogar peteca” e E6 completa dizendo “Enquanto a peteca chegava na mão do outro que estava na outra Serra, ele já tinha tirado uma tarefa de terra limpando né? limpando o legume. Então mostrava que realmente Conceição das Crioulas é uma área de agricultura que as pessoas tinham muito isso né?” Afirmação das atividades laborais desses moradores, como lavradores da

terra, está presente em toda a narrativa dessa história de Barnabé. E6 “isso ele falava na história dele, retratando que realmente aqui é uma localidade que faz parte do Quilombo né? Então ele dizia também nessa contação de história dele, que as pessoas trabalhavam muito de roça né?”

Temos, portanto, por meio do mito presente na narrativa de Barnabé aqui apresentada, uma prática discursiva que estrutura a afirmação dos sujeitos pertencentes a esse território e ligados por uma ancestralidade e uma relação de parentesco, um período longo de ocupação desse lugar. Delimitação espacial de onde se acontecem os fatos narrados e a relação simbiótica com a terra. Nisso, o trabalho na agricultura servindo como agente afirmativo do uso comum da terra e da relação de dependência entre terra e trabalho como atividade garantidora da vida nesse ambiente. Como nos lembra E6: “Nossa comunidade ela é muito recheada de histórias, e que retratam realmente de onde é, que faz o limite de Conceição das Crioulas, o que fica realmente dentro do Quilombo”.

A relação presente no jogo da peteca de um lado para o outro, traz em si a dimensão da prática social ao confrontar a ideologia dominante dos fazendeiros, pois é por meio do mito do jogo da peteca que o povo de Conceição delimita o seu território legitimando o seu discurso de pertença ao lugar de moradia. Vale ressaltar que o tempo presente no mito não é o tempo cronológico como pensamos. Aqui a dimensão do tempo demonstra uma longa duração deixando latente que aquelas terras já eram ocupadas pelos quilombolas. Nisso devemos compreender que o tempo mítico se distingue do tempo histórico, da relação do tempo ritual com os ciclos da natureza.

É importante notar que o discurso aqui é mantido e estruturado servindo como uma prática social de mudança nas estruturas de poder, os quais vem negando o direito desse povo e que os próprios sujeitos reconhecem nesses contos o valor simbólico para a luta pelo seu território, distinguindo, o mito enquanto explicação de um dado momento histórico e as lutas históricas e políticas que eles devem travar na contemporaneidade.

Esse nível de consciência, encontra-se aqui na fala de E1: “tem condições de uma peteca ficar de uma serra pra outra? Mas assim, é uma história pra distrair também, mas ao mesmo tempo, uma história que tem ligação com os contos que fazem referência ao território, que é a Serra Grande e a Serra do Urubu”. O entrevistado ainda acrescenta: “A história em si você olhando, você diz, acho isso é só uma história, mas quando você vai pra os contos, dois dos contos que fazem limite do território quilombola”.

Esse mito sustenta o trabalho ideológico contra hegemônico dos Quilombolas, ao passo que oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e con-

tribui principalmente para a defesa da identidade e a reprodução social para os sujeitos do território. As transformações da prática discursiva refletem transformações da prática social, uma vez que aquela é mediadora entre esta e o texto (FAIRCLOUGH, 2001).

Assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93). E é aí que se encontra a principal contribuição de Fairclough para a análise dos discursos dos Quilombolas de Conceição das Crioulas. Até que ponto a linguagem presente nesses discursos tem ajudado a promover as mudanças sociais contra a hegemonia presente nos discursos das elites em detrimento ao grupo social que pleiteia o exercício dos direitos à cidadania, começando pelo direito à terra? Historicamente sabemos que existe a segregação de etnias, gênero social e mesmo a linguagem escrita, que, no senso comum ideológico, separa os indivíduos em letrados e analfabetos, valorizando os primeiros.

Um Mestre de Cultura e Gestor<sup>15</sup>, aborda que na relação entre a auto definição étnica e a constituição da identidade quilombola, está presente o papel fundador da simbologia presente nas narrativas fundadoras. Trata-se de uma definição do ser quilombola que tem implicações nas delimitações da terra quilombola. Os limites das histórias se sobrepõem aos limites da terra, através de estratégias antropológicas e legais, presentes em relatórios oficiais. É esse o relato:

O processo é de auto definição e a aquisição da identidade. Isso ajuda porque, com certeza, se a gente não soubesse dessas histórias, desses mitos fundadores de fundação e de continuidade do território, a gente não estaria se auto definindo como a gente se auto define atualmente. Então, isso tem sido importante pra questão da auto definição, enquanto identidade, inclusive para definição da delimitação do território também. Porque a partir do momento que as histórias são contadas e que elas mostram os limites do território, elas são fundamentais pra que a gente tenha em mente isso e pra que a gente inclusive recorra a meios legais pra lutar pelo nosso território, que foram essas histórias inclusive que deram embasamento pra que fosse montado um relatório antropológico da comunidade pelo INCRA.

No discurso do Mestre de Cultura, as narrativas fundadoras permitem a delimitação do ser quilombola, e essa delimitação se projeta enquanto limites de um espaço vital, ou seja, as narrativas permitem o que ele denomina de “continuidade do território”.

Nesse sentido, a mediação entre a “delimitação” de características identitárias com as linhas geográficas pode ser exercida pelos chamados “meios legais” que contam com um diálogo de proximidade entre o Direito e a Antropologia. Materialmente, trata-se dos “relatórios antropológicos” que legalizaram a identidade do povo.

---

<sup>15</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 2.

Revisitando, existe um consenso social, cultural e político conduzido pelas classes dirigentes naquela região sertaneja de Pernambuco. O domínio social do grupo conta com um braço autoritário, entretanto as estratégias consensuais explicitam a capacidade argumentativa do grupo. Dessa forma, as ações engendradas pelos quilombolas são geradoras de lutas, por conta de vetores de instabilidade no consenso.

O empoderamento étnico quilombola surge em função de uma necessidade de se reverter o fosso social existente entre as elites e os grupos subordinados. Além disso, essa possibilidade de luta expressa os calcanhares de Aquiles do processo de hegemonia, pois, segundo Fairclough (2001), ela é um equilíbrio instável propiciador de conflitos a partir dos acordos entre os grupos dirigentes e subordinados.

Na fala do Mestre de Cultura, os grupos dominantes agem de forma material e simbólica para dificultar o processo de auto definição dos quilombolas, segundo se pode compreender a seguir: “Essa questão da definição é um processo, que não é fácil. Infelizmente muitas forças existem para evitar que a gente se auto defina enquanto negros, nos auto defina, enquanto quilombolas.”

Justificar a ausência de direito em democratizar o latifúndio, pode se encontrar em uma lógica de abuso de poder pelos grupos dominantes em relação às classes trabalhadoras ou minorias étnicas. Segundo Dijk (2010), a violação dos direitos civis e a manipulação midiática podem representar uma violação do direito de ser bem informado ou bem formado. Nisso compreende-se que a afirmação identitária tem contribuído cada vez mais para o engendramento da luta desse povo, o que tem provocado mudanças na prática social bastante significativa como veremos adiante.

#### **4.1.1 Narrativas sobre o Ser Quilombola**

A narrativa das raízes étnicas é uma das principais estratégias discursivas de construção da identidade social. Além disso, entre os quilombolas de Conceição das Crioulas, há uma estratégia política, posto que na luta pela terra existe o entrave da falta de registros escritos. Portanto, é lançada mão dos recursos da oralidade para se reconstruir a trajetória histórica dos antepassados e compor sua identidade quilombola. Por isso, as pessoas mais velhas da comunidade sempre foram ouvidas com mais atenção, porque os seus discursos dão sentido às singularidades comunitárias.

A discussão em torno da identidade quilombola é apresentada na narrativa de uma Professora e Produtora de Vídeos<sup>16</sup>:

Há muito tempo a gente vem lutando, pessoas vêm não de agora, mas de muito tempo. As pessoas acham assim, ah!... Esse negócio de quilombola é uma coisa nova. Não é, né? A gente sabe que o nome quilombo, quilombola, antigamente como a gente vê até no dicionário mesmo, o termo quilombo ele já não é o mesmo, ele já não cabe para a gente hoje, porque o processo de formação de quilombos no século XXI já é diferente do que aconteceu no século XVIII e século XIX. A gente não tem mais aquela estrutura de quilombo que tinha antigamente. Então, as pessoas acham que é novo, mas não é, né? E a formação dos quilombos hoje, ela também se dá diferente do que se dava há algum tempo atrás. Então, a gente vê que as pessoas ainda, na nossa comunidade dizendo ...Ah! Não sou quilombola, posso até ser negra, mas quilombola... Muitas vezes, eles remetem à questão do nome “quilombo” à escravidão, coisa que não é verdade não. É assim, não é? Então, é o que era passado, então as pessoas ainda resistem ao termo quilombo, porque ainda é mal visto por uma sociedade, pela nossa sociedade, pelo que as pessoas dizem do quilombo.

Na narrativa acima, é precisada de uma cronologia de dois séculos de luta da comunidade pela posse da terra e colocada uma importante problemática. A estrutura de quilombo se transforma historicamente, não se podendo comparar uma estrutura do século XIX com uma estrutura do século XXI no contexto de uma sociedade mundial globalizada. Esta discussão engendra um embate entre ser negro e/ou ser quilombola.

Esta afirmação identitária põe em conflitos as categorias: *ser ou não ser quilombola* versus *ser ou não ser negro*. Para a resolução do problema, é trazida à tona as memórias por meio da oralidade dos idosos do quilombo. Autores como Pollak (1992) defendem que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, havendo uma ligação próxima entre a memória e o sentimento de identidade.

Segundo Le Goff (1990), em todas as sociedades existe um mito fundador. Através dele, narra-se a constituição de uma comunidade e os respectivos laços identitários. É relevante que tanto para as chamadas sociedades letradas, no que tange à maior parte da sociedade brasileira de origem europeia, como para as sociedades de origem ameríndia ou africana - esta trazida para o Brasil como escrava, ainda no período colonial, há relevância para o mito fundador. Ele tem um caráter universal, entretanto destaca-se mais ainda naqueles grupos sociais onde existe uma forte tradição cultural baseada na oralidade.

Ainda para Le Goff (1990), a Grande História deveria escutar o imaginário das fábulas, dos mitos, dos sonhos, ou seja, de coisas falsas que poderão ajudar os seres humanos a compreenderem o funcionamento das crenças humanas. A partir de uma suposta “irrealidade” pode se

---

<sup>16</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E10.

chegar com precisão a uma análise racional da mentalidade presente na memória coletiva, temas importantes que formam a substância da história.

As narrativas quilombolas de Conceição das Crioulas são predominantemente orais e foram compartilhadas entre ancestrais e contemporâneos que nasceram, cresceram, viveram e morreram intercambiando contações de histórias registradas na memória de seus habitantes.

Essas vozes relatam que foi "no tempo dos reis" que chegaram a essa região seis negras vindas de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão por volta do final do século XVIII. Elas se associaram a Francisco José, o qual trazia uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. As crioulas arrendaram "três léguas em quadra" de terras aos "representantes do rei". O pagamento seria resultante do próprio trabalho dessas mulheres. Autores como Leite (2010, p.64) comentam o seguinte:

Assim, diz-se que as crioulas iniciaram ali um plantio do algodão, cujas fibras eram transformadas em fio, produto vendido na cidade de Flores, distante cento e cinquenta quilômetros. Com esse dinheiro teriam pago a renda e se tornado donas de uma vasta extensão de terra, ainda em 1802, cuja escritura teria dezesseis selos, seria carimbada com o "carimbo da Torre" e teria sido feita pelo escrivão Pedro José Delgado e registrada no "livro do tombo".

Este relato é complementado por um contador de histórias, Coordenador da Comissão de Patrimônio e Agricultor<sup>17</sup>:

Elas chegaram aqui, diz que vinham dum lugar é... com o nome Panelas D'água, que é aí pra baixo, perto de "Alagoa". É aí depois de Floresta, essa tal de Panelas D'água. E se refugiaram aqui, começaram... Se veio o homem, a gente não sabe, mas veio as mulheres e começaram a se organizar aqui, e montaram, fizeram casas de taipa, esses negócio aí e foram ficando e entrando em contato com os padres, tinha.... Ela já tinha uma tendência pro catolicismo e com os padres elas conseguiram comprar uma área de três léguas ao quadrado de terra e em 1802 como eu já falei, elas já tava era recebendo o título dessa terra. E de lá pra cá, elas eram negras e todos que vieram também se assumiram como negro. Meu pai que morreu com 83 anos em 1998, ele também dizia: - Não, nós somos negros, não temos pra onde nós fugir.

No discurso, o tema das seis negras que chegaram no século XVIII se torna recorrente com outros discursos, ou seja, intertextual. Igualmente relevante é a aliança entre a Igreja e as fundadoras, como estratégia de dupla salvação: espiritual e fundiária. E por fim, a antinomia: Estavam presos a uma terra para continuarem livres, pois não tinham para onde fugir. A memória coletiva é um cenário no qual se desenrolam lugares, acontecimentos e personagens.

---

<sup>17</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 4.

Sendo coletiva, pode não seguir estritamente a cronologia da memória individual. É este o comentário de Pollak (1992, p.3):

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.

Trata-se nas narrativas mnêmicas, de uma articulação entre lugares, acontecimentos e personagens. Entre o individual e o coletivo, destacam-se eventos da história pessoal ao contrário de eventos públicos na história coletiva. Em termos dos personagens, a memória individual enfoca as gerações mais recentes, enquanto a memória coletiva, as gerações mais remotas, e até mesmo os fundadores de uma saga.

É importante considerar que os relatos orais são legitimados como evidência histórica por trabalhos acadêmicos. Andrade (2005) afirma que em meados do século XVIII, o algodão foi causa de uma verdadeira “revolução agrícola” no Agreste e Sertão Pernambucano. Entre os anos de 1750 a 1940, a alva fibra foi um dos principais produtos agrícolas nordestinos, sendo o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito na disputa pelas terras. À época, os grandes centros tanto de produção, quanto de comercialização em Pernambuco, eram Garanhuns, Brejo da Madre de Deus e Flores. Andrade (2005, p.160) ainda comenta:

O algodão era por sua natureza uma cultura mais democrática que a cana-de-açúcar não só os grandes proprietários utilizando mão-de-obra escrava e assalariados cultivavam, como também pequenos proprietários foreiros e moradores.[...] Muitos descarregadores de algodão funcionaram e muitas pessoas de poucos recursos enriqueceram e ascenderam socialmente, passando a conviver em igualdade de condições com orgulhosos senhores de Engenho, as pessoas de cor que conseguiram essa ascensão e poucos anos foram chamados em certas áreas os brancos do algodão.

Andrade (2005) igualmente analisa que a decadência da cultura do algodão findou por auxiliar a gradativa substituição do trabalho escravo por mão de obra livre e pagamento correspondente de salários. Esse processo histórico também foi registrado em relatos orais presentes na presente dissertação. Em Conceição das Crioulas, não apenas o cultivo do algodão mostrou-se importante, mas também o do milho e do feijão, vindo os lucros, ao longo dos anos ter auxiliado na compra de sucessivos lotes de terra. Os custos da produção eram pequenos, assim como as despesas, sendo o maior investimento a respectiva compra das terras.

Como se pode constatar, a tradição oral afro-brasileira longe de se enfraquecer em razão do dilaceramento operado pela escravidão e pelas condições particularmente desfavoráveis para a sua manutenção, soube guardar uma vitalidade extraordinária. (BONVINI, 2001, p. 42). Pode-se portando afirmar que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Um movimento atento às novas gerações, marcado pelo desejo de se manter os sentidos e significados das respectivas tradições, formando as identidades coletivas, seja família ou nação, marcadas pelo sentimento de unidade, continuidade e de coerência (POLLAK, 1992, p. 5). Considerando a intersecção entre oralidade e narrativas fundadoras, não se pode deixar de abordar a relação dessa intersecção com a identidade social, conforme indica Leite (2010, p.65):

Essas histórias, elaboradas a partir da memória oral, são de fundamental importância na construção da identidade dos “quilombolas”, habitantes de Conceição das Crioulas. Aqueles que acreditam no mito e se sentem descendentes das seis crioulas fazem parte da representação de um grupo, por eles mesmos definidos de várias formas: “nós”, os “negros”, os “morenos”, os “pretos”, os “remanescentes” ou os “quilombolas” como, também, costumam se definir. Dessa forma, percebe-se que a identidade de “quilombolas”, habitantes de Conceição das Crioulas, não está sendo construída a partir de uma história de resistência negra à escravidão, mas a partir do mito de uma fundação, cujo marco primeiro seria a aquisição da terra. Na interpretação dos “remanescentes”, essa passa a ser o principal fato, e a partir dele, ganha corpo e significado a ideia de uma comunidade negra, que luta pela posse da terra e por uma identidade étnica, baseadas em fatos que julgam verdadeiros.

Evidencia-se o processo que leva à fundação da comunidade de Conceição das Crioulas, mesmo diante da ausência de consenso em relação à procedência e condições de suas fundadoras por parte da sociedade. Segundo Leite (2012), os quilombolas acreditam que as seis negras não chegaram ali na condição de escravas. No entanto, da maneira como o mito de fundação vem sendo contado e recontado, há mais uma indicação de uma estratégia de resistência dos negros. Dessa forma, a entrevistada E 1 gestora de uma escola quilombola na comunidade relatou o seguinte:

Eu sou quilombola porque nasci aqui, cresci aqui sou descendente das seis Crioulas que deram origem a Conceição das Crioulas. Então é não só por ter nascido aqui, mas também por pertencer a essa comunidade, por ser descendente, por pertencer a essas mulheres que deram origem, né? A toda essa história de Conceição das Crioulas que a gente conhece hoje. Então, uma relação de parentesco, uma relação cultural, é uma relação familiar. Então, se a gente for olhar hoje, acho que 99% das pessoas que moram, que vivem aqui em Conceição são descendentes dessas seis primeiras negras que estiveram aqui, que deram origem. Então, isso é não só morar, não só estar, mas fazer parte dessa história, ter relação de parentesco com essas mulheres. Isso é que nos faz pertencer a essa comunidade. Então, eu saber quem são meus parentes, seja de pri-

meira geração, segunda ou terceira. Mas qual é a relação que eu tenho com essas pessoas mais velhas? Acredito em ter condições de dizer: “Não só de defender a causa, mas de defender a identidade. Eu sou quilombola porque eu sou parente de Barnabé. Eu sou porque eu sou parente de Francisca Ferreira, de Mendencha, de todas essas mulheres que fizeram parte da história de Conceição.

No texto, a professora enfatiza o verbo ser de identidade quilombola, utilizando-se conectivos explicativos, através de um processo de argumentos crescentes com maior impacto de significado: nascer na comunidade é menos significativo do que pertencer a essa comunidade e este pertencimento é menos ainda relevante do que “pertencer” a essas mulheres que deram origem à comunidade. Existe um uso metafórico do verbo pertencer, como sendo herdar um patrimônio ao mesmo tempo genético e cultural. Além do mais, este pertencimento não implica apenas em morar, ou mesmo ser descendente das seis negras, mas desenvolver continuamente uma prática social de luta.

Lutar não implica apenas em defender a materialidade da terra, mas a simbologia de uma prática discursiva de realimentação histórica da memória do povo. Esse pressuposto encontra-se presente no discurso do entrevistado E 3:

Eu sou quilombola de Conceição das Crioulas. Porque eu sou bisneto dos nossos ancestrais que constituíram toda essa história das primeiras mulheres que chegaram por aqui e que conquistaram espaço, moraram, criaram filhos, produziram, compraram. Então, eu sou a sexta geração dessas mulheres. Tenho os mesmos costumes dos meus antepassados e acredito nas mesmas coisas que eles acreditavam [...]As pessoas que perdem a sua identidade, ele perde o seu rumo. Então, falar da nossa história é muito emocionante (entrevistado se emociona), porque traz pra gente a presença viva dos nossos ancestrais que lutaram, que viveram, que sofreram, mas também trouxeram para nós, a esperança da liberdade. Isso é importante e não é uma coisa que vai, que entra de fora pra dentro, é uma coisa que a gente traz no sangue, é uma coisa que sai de dentro da gente. Então, é por isso que ajuda a criar os militantes, mas ajuda, sobretudo, a garantir aos guerreiros que não abrem mão da luta, mas não abra mão também do seu povo. (Entrevistado chora).

No discurso relatado, igualmente é enfatizado o verbo ser quilombola, mais uma vez inserindo-o em uma genealogia: fazer parte da sexta geração que conquistou um espaço que não é apenas fundiário, mas cultural: compartilhar valores, costumes, enfim, uma identidade social. Enfim, na prática discursiva encontram-se temas intertextuais: ser quilombola, perfil dos ancestrais, ocupação do espaço, a importância das lutas pela liberdade. Esta sequência narrativa conclui com o pressuposto de haver uma preparação para se tornar um líder comunitário.

Existe, portanto, na trama da intertextualidade, um movimento transversal, enquanto recorrência narrativa no tempo presente, e por outro lado um movimento longitudinal porque implica em uma reprodução narrativa de um tempo pretérito. Este discurso pretérito associa-se com o sentido de memórias sociais. Elas são construídas coletivamente, entretanto contribuem

para um determinado olhar individual da realidade, engendrando uma construção de identidade pessoal e também comunitária (POLLAK, 1992).

Esses temas de intertextualidade na prática discursiva quilombola também se encontram presentes no discurso de um Contador de Histórias e Líder da Comissão de Patrimônio em Conceição das Crioulas doravante denominado E 4:

Sou quilombola de Conceição porque eu nasci e me criei aqui e sempre os meus pais passavam pra nós, que nós “era” uma família quilombola, né? Então, eu me considero quilombola daqui mesmo de Conceição das Crioulas. Eu me considero como quilombola, porque segundo o meu pai falava, que nós “era” duma família negra. Vieram as primeiras seis negras pra cá, e essas seis negras vieram aí por “miados” de mil setecentos e pouco, foi entre 1700 e 1800. Foi nessa época, porque em 1802, as negras já tinham conseguido o título da terra de Conceição, né? As primeiras negras que vieram. Sim, ele também se considerava negro, por isso eu simplesmente dei a sequência daquilo que ele já falava. Quer dizer, nós como “negro”, a nossa cor é de negro, nosso rosto é de negro, nosso cabelo também, nós não temos pra onde fugir, né? Nós somos quilombolas também, e eu quero continuar sendo quilombola, “num” é conversinha bonita, “num” sei o que, ou oferecer vantagens, que vai me fazer eu seguir o meu rumo. Meu rumo é esse. Eu sou quilombola e tô aí.

No discurso do contador de histórias estão presentes do mesmo modo: explicação de ser quilombola: local do nascimento, de criação, tradição oral, pertencimento a uma família negra, a narrativa fundadora. Destaca-se, novamente, o século XVIII como o de chegada das seis negras e o ano de 1802 (dez anos após a morte de Tiradentes – 1792 -; seis anos antes da Chegada da Família Real – 1808 -; quinze anos antes da Revolução Pernambucana – 1817 -; vinte anos antes da Independência do Brasil – 1822 -; vinte e dois anos antes da Confederação do Equador – 1824 -; oitenta e seis anos antes da Abolição da Escravidão – 1888 -), como ano de posse da terra.

Ainda no discurso do contador de histórias, há uma associação entre identidade quilombola e características fenotípicas de uma etnia africana e uma afirmação categórica: “Nós não temos para onde fugir”. Ou seja: para estarem livres, precisam estar presos à terra, porque a problemática da escravidão parece continuar em todas os movimentos sociais excludentes na sociedade brasileira diante daqueles que não fazem parte das suas “elites”.

Na memória coletiva dos quilombolas, estão presentes os chamados “acontecimentos vividos por tabela”, a intertextualidade longitudinal reproduzindo o discurso dos ancestrais, destacando a luta pela terra. Trata-se de uma socialização política na qual existe uma identificação com determinado passado, que reforça o poder dessa memória coletiva. (POLLAK, 1992). Em termos da prática discursiva, existem novos temas que representam a complexidade da trama narrativa, expressando vicissitudes individuais que se mesclam à memória coletiva.

Pode-se ler a narrativa de uma Liderança na Comunidade, Professora e Doutoranda<sup>18</sup> da etnia quilombola:

É, sou quilombola, o meu nome é [...] Eu nasci e me criei aqui em Conceição, não necessariamente aqui nesse povoado, mas em um dos núcleos do território, chamado Mulungu. Lá fica a seis quilômetros daqui, mas o território de Conceição, ele é composto por vários núcleos que em outras linguagens chamam de sítios, chamam de comunidade. Mas nós somos uma grande comunidade dividida em blocos, ou núcleos como a gente queira chamar. E eu moro no sítio, no núcleo ou sítio Mulungu, nascida e criada lá. E foi lá, também que iniciei minha carreira é... De professora das séries iniciais, inclusive com classes multisseriadas. Então, a minha mãe é descendente direta dessas seis mulheres e o meu pai, e como em Conceição, as mulheres não construíram essa história sozinha, elas foram construindo suas histórias juntamente com outras pessoas, e o povo indígena Atikum que é nosso vizinho, nosso parente também. É um povo que nós somos muito misturados. Então meu pai é descendente de Atikum com descendência das crioulas e minha mãe, descendente das crioulas. Com todo esse caldeirão de cultura, identidade e pertencimento, eu sempre me auto defino como mulher negra quilombola, não desconheço que tenho meu parentesco com o povo indígena, não desconheço isso, mas minha identidade é de uma mulher negra quilombola.

Novamente, encontra-se o verbo ser e o predicado quilombola, entretanto estão presentes novos temas discursivos. Inicialmente, expressar que a comunidade é única e múltipla, repartida entre diferentes núcleos e sítios. Junto a isso, no movimento entre o semelhante e o diferente, interpreta-se no discurso que existem os quilombolas filhos de quilombolas e os quilombolas filhos de quilombolas e de etnias indígenas, no caso os Atikum. Trata-se de um processo de reconstrução das identidades étnicas, que segundo Mauro (2011) ao lado da imagem que a sociedade brasileira idealiza sobre o “ser indígena” – o que também pode incluir a população de origem africana e também os casamentos interétnicos -, existe uma importância fundamental da autoimagem do povo, em detrimento das representações estereotipadas dessas populações no imaginário nacional.

Trata-se de um fenômeno bem enfatizado pela professora através da metáfora “caldeirão de cultura”, apesar do qual ela se define pelo substantivo “mulher” e o duplo adjetivo “negra quilombola”, mesmo tendo um “passado indígena”. É necessário compreender que a delimitação e o convívio no território têm grande influência no processo de etnicidade os quais estão submetidos tanto os Atikuns quanto os quilombolas, como nos mostra João Pacheco de oliveira ao tratar da temática em uma de suas publicações, este autor trabalha as relações de etnicidade ao discutir a ideia de índios misturados:

---

<sup>18</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma :E 8.

A etnicidade supõe, necessariamente, uma trajetória (que é histórica e determinada por múltiplos fatores) e uma origem (que é uma experiência primária, individual, mas que também está traduzida em saberes e narrativas aos quais vem a se acoplar). O que seria próprio das identidades étnicas é que nelas a atualização histórica não anula o sentimento de referência à origem, mas até mesmo o reforça. É da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da etnicidade. (OLIVEIRA, 1998, p. 64).

A partir dessa ideia é importante refletir mais detidamente sobre o contexto Inter societário no qual se constituem os grupos étnicos principalmente as fronteiras políticas que a contemporaneidade imprime, haja vista, as lutas políticas travadas pelo direito ao território, como destaca Pacheco de oliveira:

Antes do final do século XIX já não se falava mais em povos e culturas indígenas no Nordeste. Destituídos de seus antigos territórios, não são mais reconhecidos como coletividades, mas referidos individualmente como “remanescentes” ou “descendentes”. São os “índios misturados” de que falam as autoridades, a população regional e eles próprios, os registros de suas festas e crenças sendo realizados sob o título de “tradições populares”. (OLIVEIRA, 1998, p. 58)

Em se tratando da “mulher”, Rondelli (1993) arrola três constituintes fundamentais de uma memória narrativa: os lugares, os acontecimentos e as pessoas. Os três elementos se encontram interconectados pois os lugares podem estar localizados no espaço subjetivo da memória pessoal e não no espaço objetivo do lugar propriamente dito. Em relação aos acontecimentos, podem ser pessoais ou serem coletivos, ambos podem sofrer a distorção de interesses ideológicos ou inconscientes. Por fim, as pessoas. Essas parecem ser a mais importante referência narrativa e no caso de Conceição das Crioulas destacam-se as seis negras.

#### 4.2 A ESCRITA E A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS (AQCC)

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) tem um papel fundamental no processo de auto reconhecimento enquanto povo. Atualmente, a instituição é a maior impulsionadora da legitimação dos discursos da comunidade. Antes da organização da mesma, os moradores de Conceição já engendravam algumas lutas, entretanto sem a tonalidade étnica. É esta a narrativa de um líder comunitário e Agricultor aqui também denominado de E 3:

Nos finais dos anos 80, para o início dos anos 90, nós começamos a fazer uma mobilização popular aqui dentro, né? Quem provocou a gente dar uma visitada nessa nossa história e nós começamos as reflexões nas Comunidades Eclesiais de Base. Mas e aí essas reflexões parecem que “acendeu” ou “motivou” a gente “dá” uma olhada pra fora e dizer que nós tínhamos uma responsabilidade de fazer uma releitura da história.

Trata-se de um período histórico contemporâneo à redemocratização do Brasil, ao final dos anos oitenta, contando com a participação das Comunidades Eclesiais de Base, movimento da Igreja Católica na América Latina, vinculado à Teologia da Libertação, cujo fundamento ideológico era uma atenção diferenciada para com os mais pobres. Continuando, esse entrevistado E 3 relata:

E aí foi indo oportuno e necessário, que a gente pudesse “tá” se articulando com outros grupos de movimentos negros, né? Que já fazia a reflexão da identidade, né? E aí por incrível que pareça, aí nós começamos a ler a história, comparando com outras realidades e outros fatos que “tenha” acontecido em outros cantos, né? E aí foi quando nós viemos a ter a consciência mais clara que na verdade aqui tinha todo vestígio de quilombo, porque esse povo que vieram pra cá, longe de uma sociedade que escravizava ou dominadora, então aqui era um lugar propício de se viver a liberdade. Mesmo que tivesse passado por toda essa negação de direito, mas uma coisa era bem clara e evidente: que seria o espaço onde acolhesse o povo aqui dentro. Isso era um valor pra gente, né?

No texto do líder comunitário, ressaltam-se duas metáforas. A primeira, o sentido de “articulação” com outros grupos. Em um sentido denotativo, a palavra articulação é um substantivo feminino que remete a um significado biológico, anatômico ou fisiológico (HOUAISS, 2011) e em um sentido conotativo, a organização social.

A segunda, o sentido de “consciência clara”. Em um sentido denotativo, clara é um substantivo feminino que remete à matéria transparente e albuminosa de um ovo, o “clarus” do latim. (HOUAISS, 2011). Entretanto, ao ser um adjetivante metafórico, implica em condição ou situação de transparência ou de evidência. Portanto, remete ao significado de consciência aberta. O contato com outras realidades comunitárias permitiu uma abertura da consciência que facilitou uma adequada organização social.

Por fim, conclui a liderança:

Nessa releitura da história não bastava só resgatar a nossa identidade, mas também resgatar o direito à cidadania, o reconhecimento, o descaso da sociedade para com esse povo daqui a negação política das políticas públicas ao longo do tempo, né? Então tudo isso ele foi aparecendo nesse resgate da história.

Para além do resgate do sentido identitário, o representante do povo quilombola trazia à tona no discurso a negligência do Estado e dos grupos dominantes que lhes cerceavam as garantias de direitos em diversas políticas públicas, sendo uma forma de tolhimento da cidadania dos quilombolas.

A AQCC tem representado de forma coletiva os interesses da comunidade, em especial o direito à posse da terra com vistas a uma forma produtiva e sustentável de ocupação. Nesse processo de regularização fundiária e afirmação da identidade, igualmente há estímulos para a

produção artesanal, de manifestações culturais, de uma educação diferenciada fundamentada em uma pedagogia crioula, essa pedagogia, é embasada no pensamento de uma educação escolar que se firma no fortalecimento da história e da identidade do povo de Conceição das Crioulas a mesma segue as seguintes práticas e princípios:

- Compreensão da escola enquanto instrumento de luta por direitos, sobretudo, o direito ao território desintrusado;
- Uma educação com a missão de descolonizar as práticas e as mentes;
- Uma escola que reafirme a história e a cultura, que valorize a organização social, a identidade étnica e a relação com a natureza como elementos de sustentabilidade;
- Valorização das práticas e saberes tradicionais e dos conhecimentos próprios através da presença das pessoas mais velhas na escola;
- Produção de materiais didáticos específicos que contem a nossa história a partir do próprio olhar quilombola;
- Ter o professor e a professora da própria comunidade engajado nas lutas;
- Currículo elaborado pela própria comunidade;
- O professor e a professora precisam ser educadores-pesquisadores;
- Uso da oralidade como elemento de transmissão de valores culturais;
- Calendário escolar que se articula com o calendário sociocultural da comunidade;
- Uma educação que valorize e utilize os ensinamentos ancestrais sobre os tempos no quilombo.
- Utilização de materiais produzidos na própria comunidade;
- Reconhecimento e apropriação de outros espaços fora da escola que fazem parte do currículo como espaços de aprendizagens e transmissão de saberes comunitários. (NASCIMENTO, 2017, p. 153)

As práticas sociais têm suas características específicas tanto na fala como na escrita. Daí dizer-se que os gêneros são modelos comunicativos que servem, muitas vezes, para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para determinada reação. Operam prospectivamente preparando o caminho da compreensão, como muito bem frisou Bakhtin (1979 apud MARCUSCHI, 2008). Todavia, a AQCC dispõe de várias comissões que se organizam desde a Comissão de Cultura até à Comissão de Desenvolvimento Sustentável, isso sem falar nas parcerias com outras instituições que ajudam no fortalecimento da identidade quilombola. O entrevistado E 4, relembra a fundação da AQCC:

A Fundação Cultural de Palmares mandou uma antropóloga que veio fazer um trabalho e ela confirmou que aqui realmente era um quilombo. Então quando, realmente, nós fomos confirmados como quilombola, aí a ênfase desse levantamento, confirmou, delimitou a área. Então, foi sugerido, agora pra vocês trabalhar, vocês têm que ter uma associação, aí foi que veio a ideia da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, que é a AQCC. Ela foi fundada no dia 17 de julho de 2000. Então, ela já está velhinha também.

Em nome da AQCC, o Governo Federal, cumprindo o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, titulou as terras reivindicadas pelos quilombolas, no ano de 2000 (LEITE, 2012, p. 190). Antes, havia associações com outras finalidades, cuja síntese culminou com a AQCC. A narrativa de mais um líder comunitário E 3, aponta para o seguinte:

A gente antes tinha uma associação de produtores rurais da comunidade, mas que também passou a fomentar essa questão e juntou com a casa das comunidades... Casa comunitária que juntava pessoas de várias comunidades e isso foi sendo fomentado. Inclusive despertando a questão de formação de liderança em cada comunidade e hoje a associação que representa a comunidade, inclusive legalmente é a AQCC e aí ela teve a partir de 2000. Foi que ela foi fundada em 2000. A partir de 2000 é que ela passa a ter uma importância muito grande pra comunidade. Por ser a associação que legalmente responde enquanto o território quilombola, a gente pode ter mil associações dentro do território, mas a que responde pelo território é a AQCC. Então, ela é que tem essa função de... Elemento fundamental.

Antes da AQCC, as associações comunitárias tinham interesses principalmente agrícolas e também de lideranças comunitárias. Entretanto, a AQCC distingue-se por ser o braço legal da identidade étnica, alimentada pelo discurso das narrativas fundadoras, do pertencimento geracional, da luta pela liberdade e posse da terra. Trata-se de uma complementaridade entre prática discursiva e prática social. Corroborando Fairclough (2001, p. 91), o autor inglês pontua que os discursos têm contribuído objetivamente e subjetivamente para que os grupos sociais (re)signifiquem seus mundos, construindo as suas respectivas identidades sociais.

Uma das principais estratégias de resistência da AQCC materializa-se através de uma publicação trimestral, intitulada “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência”. O impresso conta com uma tiragem de três mil exemplares, tendo sido lançado em maio de 2003, na abertura do II Encontro das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, em Salgueiro. Seu último exemplar impresso foi distribuído em 2009.

De acordo com Silva (2012, p.137), o sentido dessa prática discursiva era o seguinte:

Cumprir duas funções de extrema importância: retratar positivamente a comunidade de forma escrita, já que os meios de comunicação, quando apresentam a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, o mais comum é negatizar as suas ações e sua identidade, ou mesmo silenciar os avanços e conquistas. Outra função era levar para as escolas locais e da região a história quilombola não encontrada nos livros didáticos e, além disso, contar a história a partir de sua própria visão.

A característica de resistência do jornal se expressa em duas funções. A primeira é de contrapor o discurso conservador da Mídia tradicional, haja vista que esta interpreta de forma negativa as ações, a identidade, os avanços e as conquistas da comunidade quilombola. Como subentendido, esta Mídia tradicional encontra-se aliada politicamente aos grupos poderosos no Estado, o que envolve a classe política propriamente dita, os grandes fazendeiros, entre outros setores. Fairclough (2001) comenta que esta Mídia tradicional efetiva um trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder de uma forma disfarçada e oculta. A segunda característica, tornar escrita uma memória oral, para que seja material de apoio pedagógico nas escolas e deixe documentada a memória daquele povo.

A importância dos documentos escritos é apontada por um Mestre de Cultura e Gestor:

As histórias de Conceição eram contadas, né? Pra os filhos, pra os netos em casa e hoje ela é contada não só em casa, mas ela é contada dentro da escola, pra o universo dos alunados dentro da comunidade e é como eu falei também pra outras pessoas de fora, através das ferramentas de áudio visual, de jornal e também de material científico hoje, pois são os artigos, dissertações, teses e tudo que tem servido como base também pra os pesquisadores que a gente tem contado a nossa história e pra outras pessoas que “tinha” interesse em pesquisar sobre Conceição, sobre a importância da população negra no país.

Existe uma importância política na estratégia da propaganda, podendo se utilizar de meios jornalísticos, científicos, artísticos, entre outros. A hegemonia, no conceito de Gramsci; Joll, (1979), implica a constituição de um consenso, não a partir da força da repressão policial, mas do consentimento através da manipulação dos argumentos. Trata-se de uma estratégia utilizada pela Mídia tradicional e também pelas escolas e produção literária, cinematográfica, entre outras, sendo hegemônico quem está no poder, o que não é o caso quilombola. Utilizar-se dessas mídias, entretanto com uma perspectiva ideológica contrária à da dominação de classe, da dominação étnica, da dominação de gênero, pode ser considerada uma estratégia contra hegemônica (JOLL, 1979). Na interpretação, essa foi a estratégia do “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência”, cuja forma impressa permaneceu entre 2003 a 2009. Nesse interim, ao lembrar o que nos afirma Marcuschi (2008, p. 191):

Essa questão diz respeito também à distribuição dos gêneros na sociedade de. Tal como frisava Bakhtin (1979), os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como membros de alguma comunidade. Nesse caso, os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas. Sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. É assim que em centros urbanos sofisticados são quase desconhecidos gêneros como os cantos de guerra indígenas, os cantos medicinais dos pajés ou as benzeções das rezadeiras, os lamentos das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, tal como o editorial de um jornal diário ou uma bula de remédio em nossas sociedades.

Contudo, isso permite afirmar que a comunidade não está alheia às chamadas estratégias de dominação social, e as utiliza, não para reprodução do controle tradicional, mas para atender às suas necessidades e produzir conteúdo denominado libertador. Importante ressaltar o encontro entre ideologia e representação, posto que o modo como as pessoas transmitem as notícias está condicionado aos valores do que merece ou não merece ser transmitido de acordo com os significados dessas comunidades (FAIRCLOUGH, 2001).

Finalizando o discurso do Mestre de Cultura e gestor:

Porque assim como antes as histórias eram feitas mais na base oral, então... e não se tinham as tecnologias que se tem hoje, não se tinham essas possibilidades e infelizmente antes a nossa população ela vivia à base da questão da oralidade. Porque nos

foi negado por muito tempo essa questão do acesso a caderno, ao estudo e tudo mais, e a partir do momento que a gente começa a se apropriar desses temas, tanto das tecnologias como da escrita, isso facilitou pra que a gente pudesse produzir materiais pra que pudesse chegar a outras pessoas também, né? Inclusive que não tava diretamente ligada à comunidade. Tanto que hoje a gente tem um jornal que foi produzido pela associação e um livro que é chamado “Nosso Território”, onde esse livro, ele conta o processo da história da comunidade. Ele conta como é organizado socialmente o território de Conceição das Crioulas. - E os vídeos também contam? Isso, os vídeos que através da equipe de vídeos que a gente tem na comunidade, que é chamado de “Crioulas Vídeos”, que através desses vídeos a gente conta a história de Conceição e conta alguns acontecimentos, os eventos que acontecem na comunidade. Então isso é fundamental para propagar o que a gente vivencia a nossa Cultura, a nossa forma de vida dentro da Comunidade.

No discurso aludido, há o contraste entre as narrativas orais e as narrativas tecnológicas e estas últimas surgem como uma contingência histórica que modifica o perfil nas interações discursivas na comunidade. São quilombolas, entretanto inseridos em um século diferenciado daquele da fundação do grupo. Além disso, a escrita é uma resposta a uma comunidade a quem foi negado pelo Estado, o caderno, o lápis e o livro. Atualmente, são produzidos vídeos e escrito livros que contam essas histórias e a importância de uma memória que possibilite a demarcação de limites de um território mais visível, do que apenas a oralidade dos mais velhos. Novos tempos, novas mídias e novos registros para a consolidação dos quilombolas de Conceição das Crioulas no século XXI. São estratégias para que a comunidade tenha acesso aos discursos hegemônicos, tipificados por Dijk (2010) nos seguintes termos: debates parlamentares, propaganda política, livros didáticos, interação em sala de aula, discursos jurídicos, discurso científico, discurso burocrático, entre outros. Na próxima figura, é vista a capa da primeira edição impressa: “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência”, distribuído no ano de 2003.

Figura 1. Primeira edição do “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência”



Fonte: (AQCC, 2003)

Na capa, destaca-se em close-up a imagem de uma mulher quilombola com características traços fenotípicos e um lenço que se mostra emblemático da condição de entrecruzamento cultural, haja vista que o adereço é utilizado pelas mulheres que são devotas do chamado Catolicismo Popular. O sorriso é a marca da serenidade e do bem-estar com a vida.

No Editorial, o título expressivo: “AQCC Conquista a sua Sede”.

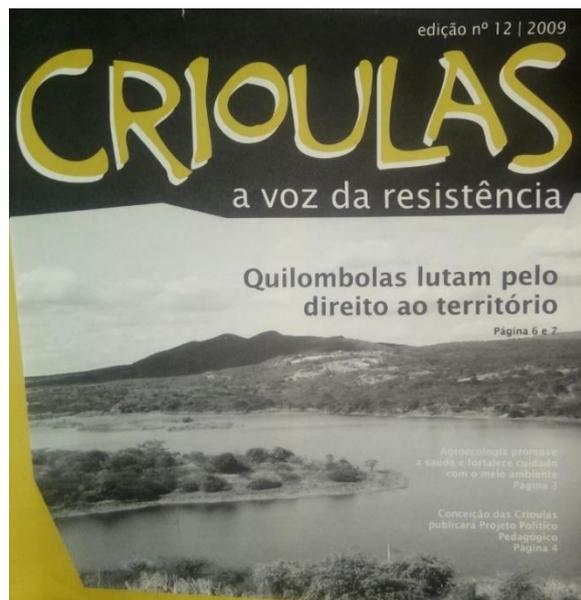
A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) tem agora sede própria. A aquisição da casa, localizada na rua do Campo, na Vila de Conceição das Crioulas, foi possível graças à conquista do I Prêmio Banco Mundial de Cidadania no Encontro Nacional de Experiências Sociais Inovadoras realizado em Brasília, em maio de 2002. O prêmio, no valor de cinco mil dólares, foi concedido à comunidade em reconhecimento ao projeto de valorização do artesanato desenvolvido, desde 2001, pela AQCC em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Cultura Luiz Freire, Prefeitura Municipal de Salgueiro, Sebrae (PE) e outras instituições. O novo espaço da AQCC, com 10 cômodos, será utilizado no desenvolvimento de projetos voltados para o bem comum de todos os moradores de Conceição das Crioulas. A sede da AQCC está aberta de domingo a domingo. (AQCC, 2003, p. 2)

O caráter informativo do editorial enfatiza prêmio nacional que a AQCC ganhou em função de projeto de valorização do artesanato local, junto com instituições universitária e de pesquisa social aplicada. Entre os títulos dos artigos na capa, são encontrados os seguintes: 1º “Moradores de Conceição cursam o Ensino Médio na própria comunidade”; 2º “AQCC lança campanha para preservação das águas dos caldeirões e açudes”; 3º II Encontros das Comunidades Quilombolas de Pernambuco acontece em Salgueiro”.

Na primeira manchete, o modalizador ôntico, ou seja, de fato, ao enfatizar que os moradores de Conceição cursam no Ensino Médio na “própria” comunidade, ou seja, conota o desenvolvimento social e educativo de Conceição das Crioulas. Na segunda manchete, a personalização da AQCC como sujeito coletivo que “lança” uma campanha de preservação hídrica para uma comunidade localizada na Mesorregião do Sertão Pernambucano. Por fim, a última manchete destaca o encontro das comunidades quilombolas de Pernambuco no qual foi lançado o jornal impresso.

No ano de 2009, foi publicada a última edição do Jornal Crioulas com a edição de nº 12. Essa última publicação manteve o perfil editorial anterior, com foco na luta pelos direitos quilombolas, conforme pode se observar na capa exposta na próxima figura.

Figura 2 Última edição do “Jornal Crioulas: A Voz da Resistência.”



Fonte: AQCC

Na capa, uma imagem do território quilombola enquanto expressão do lugar físico, social e cultural onde os sujeitos compartilham o Mundo da Vida. O título sintetiza todas as interpretações elaboradas na presente dissertação: “Quilombolas lutam pelo direito ao território”. Entre os títulos dos artigos na capa, são encontrados os seguintes: 1º “Agroecologia promove a saúde e fortalece o cuidado com o meio ambiente”; 2º “Conceição das Crioulas publicará projeto político pedagógico”.

Na primeira manchete, um texto que argumenta sobre a capacidade do desenvolvimento sustentável de promover uma saúde coletiva e ambiental. Na segunda, uma outra informação relacionada à vinculação entre educação e política em termos da realidade quilombola. Nesse sentido, o objetivo contra hegemônico do impresso está presente, haja vista ser o oposto do que pode ser denominado de mídia de massa, assim definida por Fairclough (2001, p.143):

A mídia de notícias tem mudado largamente nessa direção e é preciso se considerar por quê. Em um nível, isso reflete o que tem sido identificado como uma importante dimensão do consumismo: uma mudança, ou mudança aparente, no poder dos produtores para os consumidores. A mídia de notícias está no negócio competitivo de recrutar leitores, telespectadores e ouvintes em um contexto de mercado no qual suas vendas ou seus índices são decisivos para a sobrevivência.

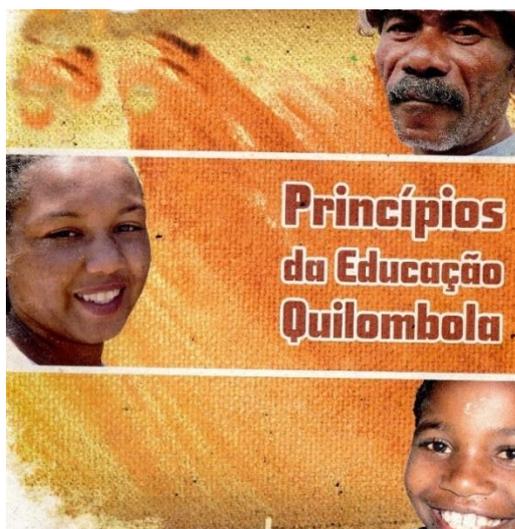
Ideologicamente, a cultura de consumo não se pauta como um valor social de primeira linha entre as lideranças, gestores e educadores quilombolas. Há um movimento de luta que implica em um esforço de tornar a comunidade cada vez mais consciente da dinâmica social e política, e dos riscos e dos custos do desafio individual ou coletivo na resistência contra as coerções sociais, visando dar segmento e ampliação a um processo de emancipação que tem

como importante aliado as práticas discursivas. Entre os desafios, o próprio Fairclough (2001) comenta que o processo emancipatório também envolve a consciência da variedade linguística: consciência histórica dos processos hegemônicos de padronização da linguagem, e os interesses que residem por trás deles, desafiando um determinado padrão hegemônico.

#### 4.2.1. A Escrita e a Educação Quilombola

Na próxima figura, será representada a imagem de uma cartilha quilombola;

Figura 3 Cartilha: “Princípios da Educação Quilombola.”

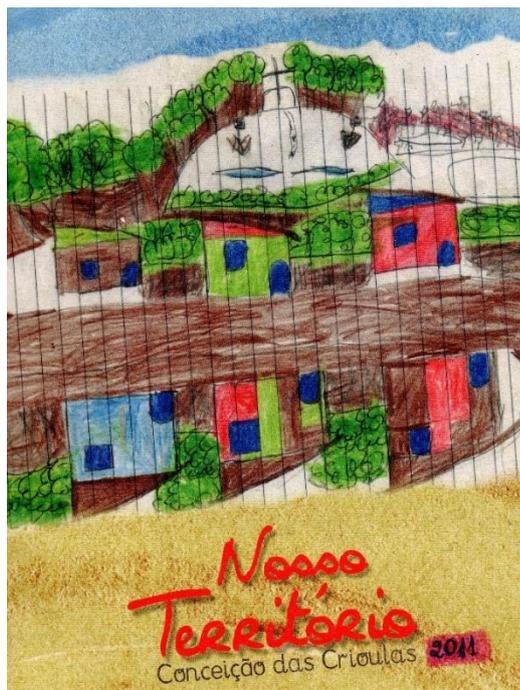


Fonte: AQCC

O texto visual da cartilha na figura 3 apresenta uma cor marrom que pode representar o barro relevante para as atividades de artesanato, e os rostos de três gerações e os dois gêneros na comunidade quilombola: idoso, adulta e criança. O idoso mostra-se atento e a adulta e a criança, sorridentes. Enquanto conotação, a proposta de universalidade da educação quilombola.

Na figura seguinte, a representação de outra cartilha.

Figura 4 Cartilha: “Nosso Território: Conceição das Crioulas”.



Fonte: AQCC

É justamente pelas distintas práticas sociais desenvolvidas, nos diversos domínios discursivos que sabemos que nosso comportamento que nossa produção textual na universidade e numa revista de variedades não será a mesma. (MARCUSCHI, 2008).

No texto visual da figura 4, apresenta-se uma imagem de um desenho infantil com temas relacionados à comunidade quilombola, no qual estão desenhadas casas, matas e serras. O texto verbal é indicativo do sentimento coletivo de pertença: “O nosso território: Conceição das Crioulas”.

## 4.2.2 Relações Interinstitucionais

Na próxima figura, será apresentada a Fanpage com a comemoração dos 17 anos da AQCC.

Figura 5 Atividade de Comemoração dos 17 anos da AQCC



Fonte: Página oficial do Facebook da AQCC [<https://www.facebook.com/conceicaodascrioulas/>]

Figura 6 Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Página oficial do Facebook da AQCC [<https://www.facebook.com/conceicaodascrioulas/>]

No ano de 2017, a comunidade quilombola Conceição das Crioulas completou 17 anos. Foi elaborada uma parceria entre a AQCC e diversas instituições de ensino fundamental, médio e superior para a realização do evento: “Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas”.

As instituições envolvidas foram as seguintes: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Regional do Cariri, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Regional do Cariri (URCA), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade de Brasília (UnB/ Mestrado Profissional juntos a Povos e Territórios Tradicionais-MESPT), Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura-M\_EIA/Cabo Verde, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), Instituto Federal de Salgueiro-IF-PE, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia(UFRB), Escola Quilombola Águas do Velho Chico-EQAVC/Orocó/PE e demais escolas locais.

Existe um importante nível de organização societário, o qual o quilombo de Conceição das Crioulas atingiu. Hoje no Brasil, figura como referência, haja vista as conquistas que obteve através das lutas de valorização das suas raízes culturais, as artes e saberes, pela restituição da terra, por uma educação diferenciada, e por melhores condições de vida. Um reconhecimento da sua história, de seus direitos e principalmente da sua identidade.

Trata-se, portanto, de uma direção oposta à das elites, ou mesmo de outros segmentos populacionais, nas quais existem cognições dominantes que influenciam discursos e práticas sociais negativas, no caso em relação à população quilombola, fundamentando a reprodução do racismo no discurso público (DIJK, 2010, 154).

Ao se abordar o fenômeno da reprodução do racismo por parte das elites, este ocorre, principalmente, através de recursos discursivos que definem o capital simbólico de um grupo social. Trata-se do emprego “natural” do advérbio “apesar” para iniciar um sintagma que terá contrariada uma expectativa a partir do segundo sintagma. Como ilustração: “‘Apesar’ de negro, ele é um homem educado”.

Dessa forma, os líderes ideológicos da sociedade contribuem para formação de crenças e valores que se tornam consensuais, entre eles o racismo. A partir de uma análise crítica do discurso, é possível “desnaturalizar” esse consenso e a partir da reconstrução discursiva engendrar mudanças sociais necessárias, em termos de relações étnicas, raciais, de gênero, de classe, entre outras.

### 4.3 LINGUAGEM MULTIMODAL E RESISTÊNCIA CULTURAL

#### 4.3.1 Linguagem Multimodal e Tecnologias da Informação e Comunicação

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) consistem em todos os meios técnicos utilizados para lidar com informações e facilitar as comunicações, incluindo os equipamentos de computadores e redes, bem como os programas necessários. Em outras palavras, as TICs envolvem a telefonia, as mídias de transmissão e todos os tipos de processamento e transmissão de áudio e vídeo.

É enfatizado o papel das comunicações (linhas de telefones e sinais sem fio) nessa moderna tecnologia (CAROLYN, 2013). Sendo assim, a expansão tecnológica tem propiciado o surgimento de novas estruturas textuais, as quais são compostas por elementos oriundos das múltiplas formas da linguagem como a escrita, oral e visual. No discurso de um Mestre de Cultura e Gestor<sup>19</sup>, tematiza-se a importância dessas tecnologias:

Antes essas histórias, elas eram assim, eram contadas mais em rodas de conversas familiares. É das pessoas da comunidade. É que graças a Deus, isso foi se mantendo de geração em geração. Hoje, a gente consegue além de dentro das famílias. Mas hoje, a história mesmo da comunidade ela é mais propagada e mais trabalhada dentro das próprias escolas. As escolas de Conceição, que conseqüentemente também a gente além de dentro das escolas, a gente consegue trabalhar através de pesquisas, e hoje a gente consegue expandir essa história por outros meios, que é através da produção de áudio visual na comunidade com vídeos e divulgada através de ações feitas dentro das redes sociais, Facebook, no YouTube.

Desse modo, ao se referir à multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais. Conseqüentemente, recursos visuais e verbais precisam ser vistos como um todo, no processamento dos gêneros textuais. (DIONISIO, 2007).

A comunidade criou, por meio da Associação Quilombola, uma Fanpage na rede social virtual Facebook. O sentido de fanpages é amplo, pois sendo, originalmente, uma página de fãs, pode englobar ações sociais na sociedade de consumo (fãs de empresas, marcas ou produtos), assim como ações sociais mais amplas, que podem ou não incluir o debate étnico e/ou político (fãs de associações, sindicatos, autônomos, organizações, entre outros). Dessa forma, essa fanpage tornou-se importante veículo de divulgação das ações políticas em Conceição das Crioulas, conforme pode se observar na próxima figura.

---

<sup>19</sup> A partir de agora todas as menções no texto do referido (a) entrevistado(a) poderão também ser representadas da seguinte forma: E 2.

Figura 7. Fanpage da AQCC no Facebook



Fonte: AQCC (2017). <https://www.facebook.com/faceAQCC/>

Na página inicial da AQCC, há uma imagem similar da capa do primeiro número impresso do “Jornal Crioulas” representando uma mulher negra, sorridente, com um lenço na cabeça. A imagem remete a uma das seis primeiras mulheres fundadoras da comunidade. A logomarca aponta para o décimo quinto ano de luta e resistência, tendo algumas letras e um traçado que sublinha a frase colorido com verde, vermelho, amarelo e marrom, que são cores que representam a maioria das atuais bandeiras dos países africanos (falta o azul). No painel da referida página, observa-se a divulgação de um convite relacionado à comemoração dos quinze anos de constituição da AQCC, conforme exposto na figura seguinte:

Figura 8 Convite da Fanpage Conceição das Crioulas: 15 Anos de Luta e Resistência



Fonte: AQCC

O texto é iniciado como uma assertiva do educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997), a saber: “Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”. Enfim, não se utiliza o gênero “homem” como encapsulador semântico de “mulher”, mas “mulheres e homens”, o que representa uma ética de gênero. Em seguida, os verbos são apresentados em um crescente de sentidos de valor: fazer, ensinar e aprender. Mais uma vez, reitera-se a dialética existente entre a prática discursiva e a prática social, haja vista que a prática genérica do fazer implica em uma prática de ensinar, e que a prática do ensinar, por sua vez, implica em uma prática do aprendizado também para quem ensina. Trata-se de um todo um processo mediado pela linguagem.

A AQCC é uma instituição através da qual a comunidade tem conseguido dialogar e debater sobre as necessidades e a manutenção da respectiva autonomia. Desse modo, o convite apresenta atividades que contribuem discursivamente com esse processo, entre eles: apresentação de vídeos/documentários com resgate histórico da AQCC; exposição fotográfica; exposição de materiais para agroecologia e gerenciamento do território; efetivação da lei 10.639/2003; luta por uma educação diferenciada e avanços e conquistas nestes 15 anos de AQCC.

A comunidade Conceição das Crioulas, no contexto de uma sociedade mundial globalizada, utiliza-se de uma rede social virtual sincronizada com as crenças e valores de uma sociedade hegemonicamente capitalista, e a utiliza de forma contra hegemônica. As redes sociais são um meio de informação e de entretenimento que foi colonizada pelos interesses do capitalismo internacional, e a comunidade se apropria dessa mídia não tradicional visando divulgar e conscientizar não apenas a comunidade quilombola, mas todos os cidadãos que procurem se aproximar desse grupo visando alguma forma de desenvolvimento social. Conforme já comentado, trata-se de um processo contra hegemônico. Segundo Moraes (2010, p. 73-74) é esta a análise:

Um dos desafios centrais para o pensamento contra hegemônico consiste em alargar a visibilidade pública de enfoques ideológicos que contribuam para a reorganização de repertórios, princípios, e variáveis de identificação e coesão, com vistas à alteração gradual e permanente das relações sociais e de poder. Para isso, são fundamentais campanhas, mobilizações e pressões sociais por legislações que detenham a forte concentração do setor nas mãos de um reduzido número de corporações multimídias. Cabe às políticas públicas estabelecer mecanismos consistentes de descentralização dos sistemas de comunicação, tanto para democratizar o regime de concessões de canais de rádio e televisão, quanto para incentivar meios comunitários e locais, a produção audiovisual independente, a criação cultural não mercantilizada e a aplicação de tecnologias digitais nos processos educacionais e científicos.

Apesar das controvérsias acerca do termo “contra hegemonia” ter ou não, ter sido criado por Antônio Gramsci, apenas hegemonia, a estratégia da comunidade quilombola Conceição das Crioulas utiliza-se de um meio virtual, de onde surgiu o termo inglês “mídia” originado do latim “médium”, para veicular um conteúdo divergente do discurso ideológico dominante. Dessa forma, há um obstáculo operacional na tentativa de ampliar a transparência ao nível público dos princípios ideológicos que permitam reorganizar o acervo, as convicções e os critérios para identificar o ser quilombola e os motivos que impulsionem as respectivas uniões.

Não se precisa de tantas mobilizações pontuais, basta o uso diário e “doméstico” das mídias virtuais que penetram nos lares brasileiros e quilombolas com uma forma simbólica inigualável. As mídias sociais não inegavelmente democráticas, pois englobam difusores que não passam pelas concessões políticas de rádios e de televisões, assim como estimula comunidades com baixo poder aquisitivo a produzir conteúdo midiático que podem ter grandes impactos sociais.

Os tipos de conteúdo que são postos por meio de inúmeros canais de televisão e estações de rádio, de jornais, de telefones celulares, de acesso e uso da internet, de livros, de bibliotecas, de cartazes e de videogames, contribuem para a aprendizagem de diversos temas. Enquanto cidadãos, os sujeitos precisam desenvolver competências e habilidades para implementarem

práticas sociais, entre elas políticas e de governança. De acordo com Carolyn (2013, p.193), essas novas mídias apresentam algumas funções:

Prover acesso rápido a fontes de informação sem qualquer restrição de raça, sexo, ocupação ou religião; as bibliotecas públicas, em particular, proveem acesso gratuito; Proteger a privacidade e a confidencialidade dos leitores em termos de conteúdos consultados nos seus veículos ou online;

Prover acesso a fontes de informação diversificadas e plurais, de maneira profissional e sem qualquer viés político, religioso ou moral;

Coletar e preservar a informação para as futuras gerações.

Prover acesso rápido a fontes de informação sem qualquer restrição de raça, sexo, ocupação ou religião; as bibliotecas públicas, em particular, proveem acesso gratuito; Proteger a privacidade e a confidencialidade dos leitores em termos de conteúdos consultados nos seus veículos ou online;

Prover acesso a fontes de informação diversificadas e plurais, de maneira profissional e sem qualquer viés político, religioso ou moral;

Coletar e preservar a informação para as futuras gerações.

Aborda-se a relevância da velocidade da informação de modo democrático, a garantia do anonimato dos leitores em relação aos conteúdos consultados — o que se mostra polêmico ao se tratar dos crimes da Internet —, garantir acesso a diversas fontes de conhecimento e registrar uma memória para as gerações vindouras. Esse acesso das minorias às mídias não tradicionais contribui para uma maior visibilidade da definição pública de sua situação social, compensando a falta de acesso aos serviços educacionais e de comunicação, que se caracteriza como uma das propriedades mais agudas da dominação simbólica das elites. (DIJK, 2010).

Existem situações “mecânicas” ou mesmo “automáticas”, nas quais os sujeitos participantes das práticas discursivas engajadas em um processo de resistência podem não estar plenamente conscientes dos aspectos ideológicos envolvidos. Isso permite a defesa de uma educação discursiva que enfatize a consciência crítica, para que os atores sociais possam compreender a relação entre prática social e os referidos aspectos ideológicos. (FAIRCLOUGH, 2001).

À medida que os produtores e intérpretes interagem discursivamente, novos temas e códigos surgem de modo inovador, vindo, então, a partir da transformação discursiva é que ocorrem transformações sociais. Ainda segundo Fairclough (2001), a desarticulação de ordens de discursos existentes e a rearticulação de novas ordens, apresentam desdobramentos institucionais o que pode atingir a estrutura social mais ampla.

Importante lembrar que o discurso molda e é restringido pela estrutura social, o que envolve classes e relações sociais específicas, nas quais estão presentes o campo do Direito e da Educação, englobando sistemas de classificação, normas e convenções sociais, sempre na interface dialética entre a natureza discursiva e não discursiva. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128)

O acesso às TICs ou às novas tecnologias é igualmente importante para o empoderamento de homens, mulheres, deficientes e outros grupos alijados das esferas centrais da sociedade, como minorias étnicas e autóctones, bem como de pessoas que vivem em comunidades isoladas. O poder que se constitui a partir dos discursos poderá contribuir para um reposicionamento social desses grupos.

#### **4.3.1.1 Crioulas Vídeos**

Uma outra estratégia discursiva utilizada pela comunidade Conceição das Crioulas no processo de resistência étnica é um projeto intitulado “Crioulas Vídeos”. Trata-se da primeira produtora quilombola de audiovisual do país, criada em 2005. A equipe é formada por moradores locais que produzem seu próprio conteúdo midiático.

A parceria entre a AQCC e as escolas tem proporcionado que a história e memória do lugar possam ser passadas para as gerações seguintes. Os produtos vêm sendo distribuídos como atividades pedagógicas nas escolas e nos meios de comunicações de massa. Os jovens participam desse processo de construção de novas narrativas a respeito da história desse lugar, como relata, o entrevistado E 2 :

Os vídeos são produzidos a partir das necessidades da comunidade, seja relacionada a conflitos ou problemas sociais e estruturais, mas principalmente são vídeos feitos a partir das questões culturais da Comunidade, como forma de registrar e manter a história da Comunidade e também manter as novas gerações interligadas às questões das raízes culturais que criaram o lugar.

Dois temas no discurso se sobressaem: necessidades e registro. Não apenas estruturar em uma narrativa quais são as demandas sociais da comunidade, mas também a manutenção de uma memória étnica e cultural complementar à tradicional transmissão oral. O oral associado ao audiovisual.

O discurso do produtor de vídeos, Gestor/Professor e Mestre da Cultura é um atestado de resistência social e cultural, haja vista que ao se analisar o processo de globalização nas últimas décadas, considera-se que a presença de novas mídias e tecnologias iriam “sufocar” a diversidade étnica do planeta, o que envolve valores culturais, língua, religião, costumes, sentimentos de “lugar”, tradições, entre outros. Autores como Hall (2006) abordam esse processo de subjugação, entretanto a estratégia quilombola de Conceição das Crioulas ilustra a relevância do processo contra hegemônico como estratégia dialética de assimilação e de resistência.

Ainda de acordo com o Mestre de Cultura, a comunidade tem se preocupado em manter viva a memória do lugar, inclusive para fins pedagógicos. Para isso, “a equipe se organiza para elaborar um roteiro e assim vamos com a câmera para fazer o registro, depois a edição e a finalização do vídeo, procuramos um foco para que ele possa ser trabalhado na escola”.

Para que esse trabalho audiovisual pedagógico seja relevante é necessário que a memória não traga apenas os seus testemunhos, mas que ela se beneficie da memória dos outros, ou seja, “que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem, possa ser reconstruída sobre uma base comum.” (POLLAK, 1989, p.2).

É nesse contexto de afirmação de uma “base comum” que Conceição das Crioulas procura autonomizar o seu currículo escolar. Buscando sempre enfatizar sua história e a identidade étnica de seu povo como instrumento de luta e pertença ao território a partir de uma pedagogia crioula. O capital social e organizativo, sobretudo da juventude, e a forma de organização da comunidade, sustentam o processo de auto definição do “ser quilombola” na comunidade de Conceição, como observamos no discurso do Entrevistado E 2:

Nossa equipe é composta por um pedagogo que sou eu, temos uma historiadora, temos uma professora de Letras e um professor de Matemática. Então, assim, a gente procura construir um vídeo sempre no fortalecimento da identidade quilombola que é o foco principal.

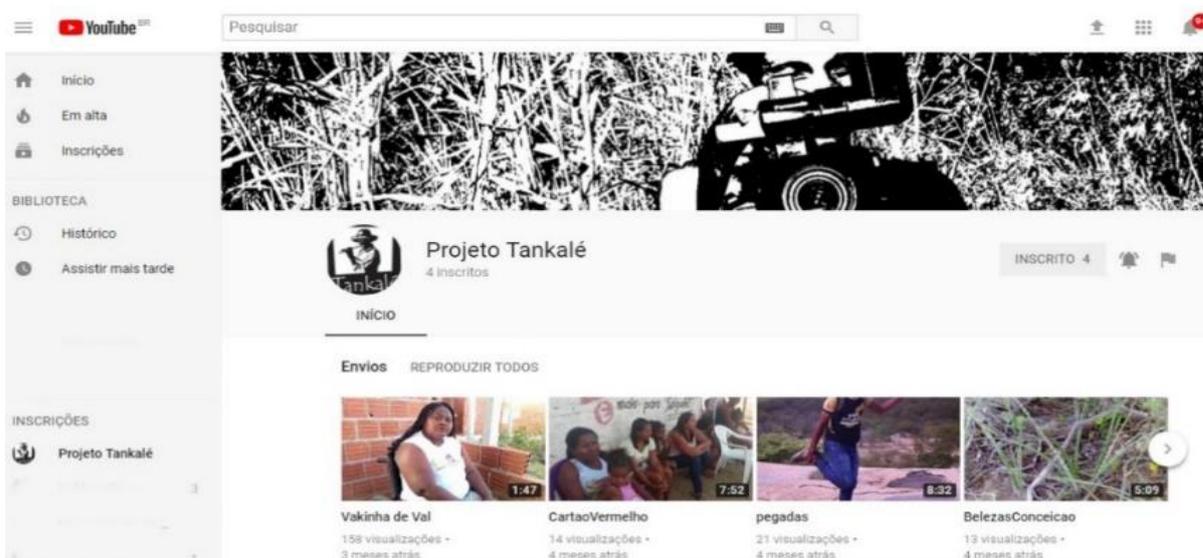
As práticas desenvolvidas em uma comunidade podem contribuir para a afirmação da identidade de um grupo ou mesmo negar essa identidade, diminuindo para os estudantes as possibilidades de ascensão às oportunidades mais promissoras. Dessa forma, Castells e Cardoso (2005) alegam que tão importante como a História em si, é a história que a comunidade é capaz de transmitir aos seus novos membros: a história de mitos e de crenças, elaboradas como elemento de coesão social. Além disso, a importância de que os membros de uma comunidade se sintam protagonistas das narrativas sobre a história do lugar, e não se coloquem apenas como meros espectadores. Se a afirmação é correta, enseja-se concordar com a importância e a influência dos meios de comunicação na construção de um discurso comum e de uma representação coletiva. Essa análise coaduna-se com o discurso do E 2:

A produção de vídeo para uso na escola é uma forma de contribuir com as aulas para que elas sejam mais dinâmicas de forma que as pessoas e os estudantes primeiro tomem conhecimento dos fatos da comunidade para depois tomar conhecimento dos fatos históricos de outras regiões, sem falar que muitas vezes pela escola não ter tanto tempo, e ficar limitado com as questões de infraestrutura, isso faz com que a gente leve essa história da Comunidade e das próprias pessoas da comunidade para dentro da escola e com essa preocupação também da questão do auto registro das pessoas,

pois a partir do momento que a gente faz esse auto registro eleva a autoestima das pessoas e reforça o sentimento de pertença.

Existe uma parceria da produção dos vídeos em Conceição das Crioulas com o Projeto Tankalé. Tankalé, na língua iorubá-nagô, significa “*contar para todo o mundo*”. Este projeto também publicou uma Fanpage dedicada ao compartilhamento de vídeos e informações sobre o povo quilombola.

Figura 9. Imagem do canal no YouTube do Projeto Tankalé



Fonte: Projeto Tankalé [<https://www.facebook.com/search/top/?q=Projeto%20Tankal%C3%A9>]

Na imagem, observa-se a justaposição entre o antigo, no caso a mata que se encontra ao fundo da foto e um provável morador da comunidade registrando imagens em movimento através de uma câmera de vídeo. Na logomarca, em menor tamanho é visível um homem com chapéu de palha tocando pífano, outro elemento cultural do Sertão e do Agreste nordestino.

Figura 10 Página no Facebook do Projeto Tankalé



Fonte: Projeto Tankalé [<https://www.facebook.com/search/top/?q=Projeto%20Tankal%C3%A9>]

Na outra imagem, a divulgação de que uma “loiceira” da comunidade foi homenageada na 18ª Feira Nacional de Negócios e Artesanato (Fenearte), realizada em 2017. Novamente, observa-se o diálogo entre o tradicional, o artesanato de barro, e o moderno do empreendedorismo dos negócios. A arte do barro é uma arte acima de tudo, e como tal implica em expressão estética, de funcionalidade prática, como também renda familiar.

A seguir serão mostradas outras figuras com imagens relacionadas com a produção dos vídeos pela “Crioula Vídeos”.

Figura 11 Reunião de planejamento de produção do Crioulas Vídeo



Fonte: Canal no YouTube do Projeto Tankalé [<https://www.youtube.com/channel/UCwt8Ov8aHpkgxbB-40CjCcQ>]

Trata-se de uma imagem publicizada pela plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube. Ela mostra a comunidade reunida fora das dependências da AQCC em distribuição circular de cadeiras, com a presença de jovens de ambos os sexos, atentos ao tema que se encontra em discussão. Uma das jovens traz ao colo um recém-nascido, pressupondo uma divisão de tarefas domésticas com a participação no projeto de vídeos. Mais uma vez, ressalta-se a distinção entre ser protagonista ou ser expectador das narrativas históricas.

Figura 12 Imagem de Abertura de um curta do “Crioulas Vídeo”.



Fonte: Canal no YouTube do Crioulas Vídeo.

A imagem de abertura apresenta como pano de fundo a textura de uma parede de casa de taipa, também conhecida como pau a pique, que é o produto de uma técnica de construção tradicional, consistindo no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, amarradas entre si por cipós, originando um painel cujos vãos são preenchidos com barro. Trata-se de uma construção histórica e emblemática da realidade das zonas rurais do Brasil e daquelas mais pobres entre as áreas urbanas do País. (WIKIPEDIA,2018).

Figura 13 Equipe do “Crioulas Vídeo” gravando.



Fonte: Canal no YouTube do Projeto Tankalé [<https://www.youtube.com/user/crioulasvideo>]

Figura 14 Equipe do “Crioulas Vídeo” gravando.



Fonte: Canal no YouTube do Projeto Tankalé [<https://www.youtube.com/user/crioulasvideo>]

As figuras 13 e 14, apresentam semelhanças temáticas. Em ambas, uma jovem quilombola, trajando um vestido azul, está registrando imagens. Encontra-se de frente permitindo a percepção da seriedade da sua expressão facial. Em ambos os casos, são filmados jovens em frente ou dentro de unidades domésticas de alvenaria em Conceição das Crioulas. São espaços da vida privada, onde transcorre a intimidade do Mundo da Vida. Esses elementos pautam-se por uma intertextualidade visual envolvendo temas como juventude e local de moradia.

Figura 15 Equipe do Crioulas Vídeos gravando curtas



Fonte: Canal no YouTube do Projeto Tankalé [<https://www.facebook.com/search/top/?q=projeto%20tankale>]

Na figura 15, um jovem filma uma “loiceira”. No caso, uma mulher que se encontra fazendo manualmente instrumentos de barro na forma de um pequeno vaso. Trata-se de uma

importante atividade na comunidade quilombola, enquanto produtora de bens simbólicos e materiais. Outros temas desenvolvidos abordam a importância do açude, os problemas de abastecimento de água, a valorização do ambiente natural que cerca a comunidade, entre outros. São temas pensados estrategicamente, cujo trabalho audiovisual é desenvolvido por membros da comunidade, sendo dirigido tanto interna, como externamente à comunidade. Por fim, o Mestre da Cultura, Professor e Gestor, ainda relata:

Então a equipe do Crioulas Vídeos produz desde a escolha do roteiro, passando pela questão de edição, captação de imagem, é tudo feito por ela, dentro da escola, mas também externamente na comunidade. Foi feito oficina de vídeo com alunos da Escola José Mendes, com alunos da Escola Rosa Doralina. Nós temos um trabalho com adolescentes e jovens de todas as idades. Só ainda não trabalhamos com as crianças. As oficinas da parte de edição são feitas na sede da associação.

Nesse sentido, a produção de vídeos a partir da perspectiva dos moradores do quilombo Conceição das Crioulas não é apenas uma prática de comunicação, ou mesmo apenas pedagógica. Trata-se de uma prática política e ideológica. Entender o texto audiovisual como um discurso político, implica entendê-lo como uma estratégia de mudança nas relações simbólicas e de poder.

Entretanto, ainda abordando Fairclough (2001), existe no autor inglês uma consideração de que a ideologia pode transformar as relações de poder, haja vista que discurso se relaciona com ideologia, assim como ideologia relaciona-se com o exercício de poder. Essas mesmas práticas discursivas, portanto, ainda podem amortizar ou estimular a luta pelo poder. Sobre isso, é dito o seguinte:

Mas é o discurso como modo de prática política e ideológica que está mais como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica: não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

É necessário compreender que a luta pela hegemonia discursiva pode ser vista como disputa pela sustentação de um status universal para determinadas representações particulares, do mundo material, mental e social (Fairclough, 2001, p.144). Nessa perspectiva, uma vez que o poder depende da conquista do consenso, e não apenas dos recursos para o uso da força, a ideologia tem importância na sustentação de relações de poder

#### 4.4 O ACESSO À EDUCAÇÃO FORMAL

O engajamento das ações e atividades do movimento quilombola no mundo acadêmico permite ampliar a respectiva capacidade de levar adiante o discurso legitimador das suas identidades, ou seja, discutir com essa comunidade formas de resistência, garantia de direitos e manutenção das suas identidades étnicas, inclusive apropriando-se dos discursos acadêmicos.

Conforme aludido, as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante. E à medida que os seres humanos são capazes de transformar tais sociedades, são capazes de transformar a ideologia, e vice e versa (FAIRCLOUGH, 2001).

Entabulando um diálogo com a academia, novas formas de luta e de garantia de seus direitos podem ser engendradas. De um modo geral, as minorias étnicas têm pouco acesso às universidades e muito menos ao conteúdo ativo de discurso acadêmico, mesmo nos estudos étnicos que versam sobre eles. Nesse sentido, as elites dominantes se articulam para impedir o acesso à base hegemônica do poder, aquela do conhecimento das regras e da fabricação do consenso. (DIJK, 2010).

Aos habitantes da comunidade de Conceição das Crioulas, o acesso à educação formal durante muito tempo lhes foi negado pelas autoridades constituídas. As primeiras escolas foram construídas por parte dos fazendeiros, mas elas estavam atreladas a esse grupo hegemônico. Rodrigues (2017, p. 27) comenta esse fato:

Durante muito tempo, as professoras numa condição “naturalizada” eram as esposas, filhas ou noras dos fazendeiros. E, em último caso, a função era cedida às filhas de moradores, desde que essas fossem escolhidas pelos patrões ou por representantes da política local. Sendo assim, nas escolas se ensinava, exclusivamente, aquilo que seria útil aos interesses dos “donos” das terras. (RODRIGUES, 2017, p. 27).

Percebe-se como essa postura do grupo dominante em relação ao direito à educação do povo quilombola, representa a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 171). A partir de tal fato enseja-se nessa luta contra hegemônica a construção da Escola Professor José Mendes em 1995 – escola esta, que homenageou o primeiro professor negro da comunidade – tem possibilitado o povo de Conceição viver novos tempos.

No início a comunidade sofreu com a inconstância de profissionais da educação, pois Conceição das Crioulas na época tinha pouca estrutura para acomodar os docentes que vinham da sede em Salgueiro. Além do mais, a distância e a precariedade da estrada dificultavam a vinda dos mesmos. Deste modo, muitos profissionais abandonavam os cargos, causando grandes problemas educacionais ao povo quilombola. Durante vários dias no ano ficavam sem a oferta regular de aulas.

Destarte, no ano 2003, ocorreu a construção do Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola (PPPTQ), instrumento que direciona a educação escolar no quilombo. Essa comunidade passou a desenvolver no seu cotidiano ações que reafirmam a importância da construção de um “projeto de educação que desconstrua estereótipos sobre a história dos quilombolas, já que foi, ao longo dos tempos, contada e escrita de maneira contraditória” (NASCIMENTO, 2017, p. 28).

O Projeto Político Pedagógico da comunidade de Conceição das Crioulas traz na essência uma discussão, dentre outras atividades, um projeto de vida coletiva como direciona o PPPTQ.

[...] A escola quilombola de Conceição das Crioulas vem ao longo de sua história trabalhando para desconstruir conceitos e concepções colonizadoras impostas há anos pelos sistemas de ensino no Brasil. Para nossa comunidade a escola é importante para reafirmar nossa história, nossa cultura, valorizar nossa organização e nossa identidade étnica, fortalecer nossos conhecimentos próprios e o cuidado com o nosso território e com a Natureza. Entendemos que a partir dos conhecimentos das pessoas mais velhas da comunidade e da história de luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas é possível descolonizar as mentes e as práticas, reavivando os valores presentes no modo de viver em coletividade.[...] É importante também que a escola ensine a ler, escrever, contar e interpretar bem, de forma que esse tipo de conhecimentos possa contribuir para o empoderamento dos alunos e alunas no enfrentamento de todas as formas de injustiças e que, sobretudo, fortaleça o projeto de vida coletiva das pessoas que vivem nesse território. (AQCC., 2008/2014/2015/2016).

As escolas têm desenvolvido um trabalho baseado no fortalecimento da identidade com foco nas pessoas que pertencem ao território, inclusive na perspectiva de garantir aos mais jovens, o prosseguimento das lutas. Dessa vez, o desejo era de afirmar uma história em que prevaleceu a luta, a coragem, a persistência e a resistência. (NASCIMENTO, 2017, p. 53) ainda afirma: “Substituiríamos o período da subalternização, do coronelismo, do colonialismo por uma era de liberdade, coletividade e protagonismo quilombola”.

Segundo Leite (2012, p. 281), existe a visibilidade da maturação de um discurso social libertador a partir das escolas:

Na construção do movimento, a educação escolar tem papel fundamental, por proporcionar, além do aprendizado dos conteúdos curriculares, a formação política dos sujeitos. O movimento tem nas escolas, nas associações, no Jornal Crioulas e nos espaços ocupados pelos quilombolas fora da comunidade, os principais campos políticos de atuação dos quilombolas; é nesses campos políticos que ocorrem a vivência da política, o aprendizado dos direitos e formação de lideranças. Na luta pelos direitos, o movimento quilombola estabelece fortes relações com o Estado e entidades da sociedade civil. Novos temas e ações são incorporados à luta quilombola com o propósito de cobrar do Estado a efetivação dos direitos (especialmente o direito à terra), ou a instituição de novos direitos como, por exemplo, a implementação de uma política efetiva de geração de renda, a partir da terra.

Por isso, as lideranças preocupadas com a contextualização étnica e social do ensino, reivindicaram junto ao governo municipal, na época da então Prefeita Cleuza Pereira<sup>20</sup> do PSB-PE, a inclusão no edital de concurso público, a ocupação do cargo de professor na escola quilombola. Esse candidato deveria obrigatoriamente ser quilombola de Conceição das Crioulas, possuir residência fixa na comunidade e se posicionar afirmativamente diante de um projeto que defendesse uma educação diferenciada no quilombo.

Através da Lei nº 1.813/2011, criaram-se editais para concursos em 2012 e 2016 de Professor Quilombola da Educação Infantil e Ensino Fundamental com uma proposta vinculada a educação e a política. Autores como Antunes (2016, p. 232) frisam o seguinte:

A proposta de educação diferenciada, que vincula educação escolar com atuação política, se reflete nos vínculos entre a comissão de educação da AQCC e as escolas do território localizadas na Vila Centro e no Sítio Paula, tendo um dos exemplos dessa vinculação a implementação da pesquisa sobre — o território que temos, o território que queremos — pelas professoras e professores, em parceria com a coordenação executiva e política da AQCC, assim como a participação de representantes de turmas ou de turmas inteiras em atividades promovidas pela AQCC, como dia letivo, ou ainda os eventos de Culminância de meses que incluem datas comemorativas consideradas relevantes: dia do índio; dia da mulher; e dia da consciência negra.

Atendidos no pleito, conseguiram avançar e hoje a comunidade possui quatro escolas, sendo duas pertencentes à Rede Estadual e duas à Rede Municipal. A concepção de educação escolar quilombola, atualmente com a nomenclatura de Educação Quilombola, foi em 2010 instituída como Modalidade de Ensino através da resolução nº 4 do CNE/CEB/ MEC. No ano 2012, foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ). De acordo com uma gestora e membro da Comissão de Educação, é discursado o seguinte:

Hoje tem diversos professores que são formados em diferentes áreas e que estão contribuindo para a educação aqui na comunidade. Essa oportunidade surgiu a partir de Givania Silva, no seu primeiro mandato para vereadora em Salgueiro e sua irmã Maria Diva, para que a gente chegasse até aqui.

---

<sup>20</sup> Cleusa Pereira do Nascimento (PSB/PE), que administrou o Município Salgueiro de 1993 a 1996 e de 2001 a 2008.

Pode-se observar que nas narrativas de instauração de processos, lugares e acontecimentos compartilham relevância junto a pessoas, o que no caso representa-se pelo nome de Givânia Silva<sup>21</sup>. Continuando, a escola dispunha apenas do Ensino Fundamental, hoje oferece também o Ensino Médio com formação para professores e professoras na própria comunidade.

No discurso de um agricultor e liderança comunitária, percebe-se a consciência de uma educação etnicamente contextualizada:

A educação além de valorizar nós, nos faz perguntar quem somos nós que estamos fazendo aqui. O que é que nós temos pra fazer? E o que é que vamos fazer? E aí nós fomos lutar por educação, que é a primeira coisa, né? Porque até os anos 93 e 94 aqui, com a primeira quinta série daqui, foi em 94. Mesmo a gente tendo aula de primeira à quarta série e de alfabetização desde 1958, por aí assim, ou até antes disso, mas não era. Era uma educação, mas que não atingia todo mundo. Era uma pequena minoria que ia pra escola, que aprendia a maioria, os filhos dos fazendeiros que tava por aqui. Os negros poucos tinha acesso à escola, né? E aí, eu fui um dos que tive acesso a partir dos anos de 1970 e tanto, e os demais, e fiz a quarta série, né? Terminou a quarta série, passou um tempão pra poder voltar fazer a quinta série, né? E aí depois de 1994, nós no governo municipal de Cleusa Pereira, nós conseguimos abrir a sala de aula aqui e foi engraçado porque quando nós pensávamos numa sala de aula, a gente já pensava que a sala de aula fosse esse espaço que desse a possibilidade do diferencial, que a gente queria que fosse das demais escolas. Nós “queria” que essa escola fizesse uma abrangência bem geral e trouxesse pra dentro dela todo um compromisso social, étnico e quilombola que não tivesse vergonha de falar disso na escola e que a gente também iria lutar por o máximo que a gente pudesse, pra além da gente trazer os nossos filhos pra dentro dessas salas de aula, pra ele ser os possíveis profissionais. A gente ainda tá lutando junto para que eles pudessem, mesmo sabendo que lá nós temos uma faculdade que é comum pra todo mundo que desconhece essa temática, que desconhecia tudo, mas que também a gente tivesse lutando pra estar com eles. Lá dentro, para dar essa possibilidade da gente poder tá equiparando a igualdade do nosso povo aos demais, que estivesse em outro canto. E aí nessa parte quilombola da identidade, a gente busca que ela continue na nossa escola, mas que a nossa luta fosse até esses outros espaços.

Considerando a narrativa, o sujeito narrador, como outros informantes da presente dissertação na comunidade quilombola, apresentam uma intertextualidade em relação ao tema “quem somos nós”. Este é associado como um valor positivo que pode estar atrelado ao processo educacional: destacando os verbos ser e fazer. Outro verbo intertextual exaustivamente vinculado a fazer é lutar. Justificando as causas e os efeitos dessa luta, o narrador constrói uma

---

<sup>21</sup> Foi a primeira de sua comunidade a cursar a faculdade, graduando-se em Letras, apesar das dificuldades de morar na zona rural, com pouco dinheiro e enfrentando as mazelas do racismo. Foi ainda a primeira diretora da Escola Professor José Mendes, criada no quilombo de Conceição das Crioulas. Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade de Brasília, com concentração na área de relações raciais, ela luta pela visibilidade nacional e internacional na luta pela promoção da igualdade racial. e atualmente cursa o Doutorado em Sociologia na UNB. Foi Vereadora na cidade de Salgueiro por dois mandatos de 2000 a 2008. Uma das fundadoras da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Givânia é uma das principais representantes das comunidades tradicionais de quilombos. Reconhecida pelo Governo do Presidente Lula, assumiu a Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (Subcom), na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), para a qual levou importante contribuição no sentido de gerir a política de promoção da igualdade racial.

linha cronológica que data desde ao final dos anos cinquenta e na qual existe a memória de haver uma educação que não se caracterizava como isonomia social, principalmente com exclusão dos “negros”. No discurso, destaca-se a personagem de Cleusa Pereira que fora prefeita de Salgueiro e quando da sua gestão os quilombolas de Conceição obtiveram sucesso em algumas reivindicações, principalmente em relação ao concurso público para professor quilombola para atuar nas escolas do território de Conceição. Dessa forma, propiciou a abertura de caminho para um processo de transformação no padrão pedagógico na comunidade.

Portanto, para que o processo educacional se efetivasse na prática, foram vários os enfrentamentos e desafios, chegando até as lideranças a sofrerem ameaças de morte, por diversas vezes. É este o testemunho de uma Professora/Estudante que se encontra fazendo Doutorado:

Isso nunca diminuiu minha energia, minha paixão, minha coragem é de lutar. Então, eu digo que a educação ao garantir que a gente desse continuidade ao processo educacional, nós transformamos a escola nesse campo de afirmação da identidade, da garantia da memória, do cuidado com a memória, da construção e reafirmação da identidade. E essa escola, foi a mesma escola que se transformou no espaço de luta e resistência pelos direitos do povo quilombola, que hoje nós conseguimos as Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola, elas nasceram aqui nesse território, depois elas viram documentos... Chamado de Carta de Princípio para Educação Escolar Quilombola e depois esse documento é analisado na Conferência Nacional de Educação em 2010 que se transforma em Educação Escolar Quilombola como modalidade de ensino.

No discurso da professora estão presentes dois temas intertextuais: a relação entre memória e identidade e a necessidade do processo de luta e resistência, Educação encontra-se associada com memória e memória com identidade. Temas esses consolidados em uma carta de princípios com as diretrizes de uma educação etnicamente dirigida.

O sentido das práticas sociais vivenciadas pelos quilombolas encontra-se dirigida para o rompimento das amarras sociais, impostas pelos senhores das fazendas e das cidades. As identidades étnicas de professores e estudantes foram determinantes para a promoção da consistência dos discursos nas relações intra e extra comunidade, garantindo a reprodução do que pode ser chamado de discurso quilombola. Trata-se de um discurso onipresente não apenas nos espaços da escola, sejam sala de aula, no parquinho, na sala dos professores, no debate educacional, mas distribuído em todo o território. Isso ilustra a concepção de que a mudança discursiva contribui para a mudança social (FAIRCLOUGH, 2001).

São documentos norteadores da educação quilombola, produzidos pela própria comunidade. Reitera-se a afirmação de que as práticas discursivas podem estabelecer, reproduzir ou transformar as relações de poder entre entidades coletivas, sejam classes, blocos, comunidades, grupos sociais, entre outros. (FAIRCLOUGH, 2001).

Vale ressaltar que a partir do momento que os quilombolas enfrentam os poderes constituintes e lutam por uma educação que signifique a vida do quilombo, acabam por estruturar um evento discursivo que tem como finalidade o rompimento com a reprodução ideológica tradicional de um grupo dominante. Isso se dá principalmente quando a comunidade leva para a escola temas problematizadores como o acesso e o direito à posse da terra.

Sobre eventos discursivos, Fairclough (2001, p.126):

Um evento discursivo pode ser a contribuição para a transformação dessas relações mediante a luta hegemônica; dessa forma, tentando resolver os dilemas pela inovação. Os próprios eventos discursivos têm efeitos cumulativos sobre as contradições sociais e sobre as lutas ao seu redor. Assim, para resumir, os processos sociocognitivos serão ou não inovadores e contribuirão ou não para a mudança discursiva. Dependendo da natureza da prática social.

No modelo tridimensional de Norman Fairclough existe uma relação dialética entre texto, prática discursiva e prática social. Portanto, a “natureza” da prática social poderá interferir nos sentidos da prática discursiva e vice e versa. A prática do discurso entre professores e alunos poderá se configurar em prática social de reprodução ou de transformação, conforme ilustra E 8:

[...] porque a todos nós até então, era ensinado a ler e escrever para tirar o título pra votar ou ir pra São Paulo, e nós passamos a dizer “não”. nós não queremos aprender a ler pra isso. Nós queremos aprender a ler. Se quisermos ir pra São Paulo vamos. Votar é obrigatório? É, mas nós queremos que a educação seja pra nós um instrumento de luta. E é isso que a gente vem fazendo, é por isso que a gente vem lutando e é nisso que a gente acredita.

Essa liderança comunitária, Professora/estudante elabora o seu depoimento sobre a importância da educação no contexto quilombola:

Continuo estudando porque eu acho que eu mostro pra essas meninas que elas também podem, entendeu? Eu gosto muito de quando Obama fez a campanha, que ganhou e foi presidente dos EUA. Ele tinha uma frase muito simples: “Sim, nós podemos”. Sim, e nós queremos dizer: “Sim, nós podemos”. Então eu muitas vezes digo para as meninas que eu me esforço pra estudar, pra elas perceberem que nós podemos. Então, é por esse caminho. Não tem outro na minha perspectiva que não seja por meio da educação. (Entrevista em 12/04/2017).

Continuando esse discurso, um Líder Comunitário e Agricultor evidencia sobre esse respectivo relato:

É o nível mais elevado do conhecimento, né? que nós temos. Inclusive a associação tem apoiado, tem atestado no que pode atestar, porque eu entendo que também faz parte da nossa conquista. Começou com uma e já tem mais duas e eu acho que vai vir mais, né? Porque não é fácil, não. Tu sabe que não é fácil, né? Você ser uma mulher, você ser uma mulher negra, você ser da classe popular, você ser do quilombo e você conseguir um diploma de mestrado. Isso não é fácil. Então considero uma grande conquista e parabeno a quem tem a coragem de fazer isso. Os quilombolas são assim muito atrevido né? pra querer fazer isso (risos).

Enquanto síntese temática das três últimas narrativas, houve uma mudança da prática discursiva pedagógica reprodutora para uma prática pedagógica de empoderamento comunitário. Não apenas se alfabetizar para votar nos currais eleitorais ou migrar para o Sul, mas aprender a leitura da realidade social. Com essa leitura, surgiu a ousadia de alguns membros comunitários chegarem a cursar Pós-Graduação. Destacam-se, portanto, dois temas intertextuais: Acreditar na mudança e no empoderamento conquistado através da educação.

Nos discursos aludidos, está presente um adequado nível de consciência social do grupo, haja vista serem distintos acima reproduzido, observa-se o nível de consciência de um grupo que está disposto a ir na contramão do discurso vigente e dominante. Esse movimento discursivo é fundamental para a consolidação das respectivas “identidades sociais” e “posições de sujeitos” para os outros “sujeitos sociais” e os “tipos de eu”. Enfim, com os discursos não apenas se representa o mundo, mas também o transforma (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Em Conceição das Crioulas, muitos membros da comunidade, têm cursado o ensino superior. A partir do momento que a comunidade tem se aproximado cada vez mais da academia, constitui-se como um fator importante de conscientização do povo quilombola das possibilidades de adentrar ao mundo Acadêmico. Um exemplo disso é que atualmente em Conceição das Crioulas, há muitas pessoas cursando o ensino superior em especial na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC) em Salgueiro. Outros membros da comunidade cursaram Mestrado, ou estão cursando doutorado. Em outras instituições, como a Universidade de Brasília-UnB.

Portanto, a comunidade tem propagado o discurso quilombola no meio acadêmico, divulgando a história da luta pela terra e luta pela dignidade, principalmente, da afirmação identitária e étnica do povo quilombola de Conceição das Crioulas. Esta inserção teve importância na consolidação de uma educação diferenciada na comunidade, também chamada de Pedagogia Crioula.

A falta de acesso às políticas públicas para o povo quilombola não é meramente definido em tempos de exclusão social, e sim, também, pela falta de acesso a uma boa educação, emprego, capital atrelada a classe social. Então, a luta da educação quilombola consiste justamente uma luta pelo direito de possuir agenda nos espaços públicos, garantindo o acesso baseado nos direitos de cidadania.

#### 4.5 OCUPAÇÃO DA TERRA

Uma Professora e Produtora de vídeos na comunidade quilombola Conceição das Crioulas relatou o seguinte:

Sei que isso e também a gente vê a questão da discriminação racial, que eu acredito que era mais forte naquele tempo que a maioria das pessoas que chegavam aqui que tinham. Eram grandes fazendeiros que tinham mais posses. Eram brancos. Então ainda eu penso que ainda existe a questão da superioridade. Naquele tempo das pessoas acharem que os brancos eram melhores que os negros. Aí, aqui a gente sabe que muitos dos nossos parentes negros davam os filhos para serem padrinhos e daí começava a essas terras serem mais apropriadas, passou a se apropriar mais dessas terras, né? E então sei que com o passar do tempo nossas terras, elas foram invadidas e foram, é... Ficaram na mão de fazendeiros e de posseiros.

O texto da professora é iniciado com um tema relevante para a Análise Crítica do Discurso: a discriminação racial. Há, nessa relação de poder, uma interpretação de que o racismo seria mais agudo em um momento pretérito, denominado de forma indefinida: “Naquele tempo”. Entretanto, a professora se corrige afirmando que pensa que ainda existe a “questão da superioridade”. Era praticado, principalmente, pelos representantes patriarcais da Casa Grande, os “grandes fazendeiros”. Uma estratégia para se conseguir proteção social era “entregar” os filhos para que esses senhores se tornassem padrinhos. Houve um efeito reverso, posto que em vez das garantias fundiárias, as terras quilombolas passaram a ser invadidas de modo progressivo por esses mesmos senhores.

No Brasil, atualmente, os quilombolas estão categorizados como Povos e Comunidades Tradicionais, como consta no Artigo 3º do Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a saber:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

O mesmo ato regulamentador dispõe ainda sobre os Territórios ocupados por esses grupos:

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem o art. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; (BRASIL, 2007)

Em tal cenário, existe a presença de lutas endógenas e exógenas. Em relação às primeiras, há um conflito social por conta da assunção do poder interno marcado pela figura e influências dos fazendeiros. Em relação aos segundos (quilombolas), circulam práticas discursivas de pertencimento e empoderamento relacionadas às demandas comunitárias por políticas públicas municipais, estaduais e federais.

Existem os conflitos internos e externos, momentos do não reconhecimento entre si (o eu e o outro), e o fenômeno da etnogênese<sup>22</sup>, mais conhecido por um ressurgimento de etnias que engendram conflitos com os fazendeiros locais. Junto a isso, há o apoio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC).

A partir do laudo antropológico realizado pela antropóloga da Universidade de Pernambuco, Dra. Vânia Fialho e Souza, em junho de 1998, com base nas exigências feitas pela Fundação Cultural Palmares, a comunidade foi reconhecida como remanescente de quilombo, sendo elaborada uma certidão cartorial que deu o título das terras, pelo Decreto nº. 4.887 em 20/11/2003 (ANTUNES, 2016)

Nesse sentido, Dra. Vânia Fialho e Souza em seu relatório analisa historicamente o papel das precursoras, com base nos discursos orais e escritos da AQCC, que foram deixados pelos ancestrais às novas gerações em forma de registro. Era sabido da existência de uma espécie de escritura, enquanto documento de compra e venda das terras de Conceição das Crioulas, guardado por Agostinha Cabocla, uma das crioulas. A antropóloga reforça que só se tem posse daquilo que se tem registro, e detalha o seguinte em seu relatório sobre a ocupação realizada pelas negras fundadoras:

A ocupação das terras de Conceição das Crioulas, sinaliza para diversos momentos. Um quando após o pagamento da venda pelas crioulas que deram origem a comunidade, a terra tinha um sentido comunal. Caracterizado pela apropriação das terras pelos brancos, que adquiriram de forma ilícita. O terceiro momento, quando perceberam a necessidade de legitimar a ocupação das terras através de documentos reconhecidos por quem tem o poder de definir categorias de direito e começam a readquirir as terras através da compra. O quarto momento é o que hoje se encontram, quando tentam recuperar suas terras, através da categoria de “terra remanescente de quilombo”. (SOUZA, 1998, p. 11).

---

29 Etnogênese ou etnogénesis (do grego *ethnos*, "grupo de pessoas" ou "nação", e *genesis*, "origem, nascimento") é um conceito antropológico que pretende dar conta do processo de emergência de novas identidades étnicas ou de ressurgimento de etnias já reconhecidas, pelo qual um grupo humano começa a ver-se a si ... É um conceito antropológico que pretende dar conta do processo de emergência de novas identidades étnicas bem como o ressurgimento de etnias já reconhecidas. A (re)construção dessas identidades perpassa, na maioria das vezes, a elaboração de uma autoimagem sincronizada com o retrato estereotipado que a sociedade brasileira idealiza sobre o “ser indígena”. Representações estereotipadas do índio na consciência nacional. No imaginário brasileiro, de modo geral, podemos observar dois tipos de representação da imagem do índio que são mais recorrentes. (MAURO, 2011; 2013).

O relatório detalha o contexto geográfico, histórico, posturas políticas, posições econômicas, culturais, o forte protagonismo das mulheres, as religiosidades, a ocupação territorial, grandes conflitos entre quilombolas e fazendeiros, conflitos com policiais por causa do tráfico de maconha, conflitos com os indígenas Atikum, histórias míticas a respeito de uma figura popular chamado Barnabé de Oliveira, a organização social e a identidade quilombola.

Pode-se comentar que a abolição do regime escravagista jogou a população negra em uma condição de desamparo social, haja vista ter deixado de ser mercadoria de ganhos comerciais e força de trabalho sem salário. Sobre isso, Leite (2001, p.66) faz o seguinte comentário:

Os negros foram excluídos, também, do acesso à terra, que seria praticamente, o único meio de produção viável para a sua subsistência, uma vez que não eram qualificados para outro tipo de trabalho. Na verdade, o sistema de acesso à terra no Brasil – disciplinado ao longo de três séculos de Colônia pela instituição das Sesmarias, e, mais tarde, pela Lei de Terras de 1850, associadas a um conjunto de outros mecanismos legais ou consuetudinários – sempre favoreceu a criação de grandes latifúndios e dificultou a formação de pequenas propriedades, onde as classes dominadas, incluindo os negros (que aí se concentram), pudessem sobreviver.

A luta pela terra é o núcleo central da constituição de Conceição das Crioulas, pois no Brasil, a desconcentração fundiária e a luta pela reforma agrária fazem parte de lutas históricas em prol da emancipação de grupos minoritários, principalmente entre aqueles com raízes no campo. Uma Professora/Gestora, membro da Comissão de Educação faz o seguinte comentário:

E aí tem a história das seis negras, a história eu acho que é uma das mais importantes, não que as outras não sejam. Mas é a história que dá origem à história de Conceição das Crioulas, das seis negras que chegaram, por volta de 1802. Já tinham esse documento da posse da terra, que vendiam o algodão na cidade de Flores, que fiavam esse algodão, vendiam lá. Conseguiram esse documento, né?, assinado no cartório de Flores. E aí tem todo esse território que a gente mora nele hoje, que são aproximadamente 17.000 hectares.

O tema “preservação do documento” mostra-se fundamental nesse processo. A falta ou desaparecimento desse documento, que provaria a compra das terras, pelas crioulas, é um dos fatores que contribuiu para apropriação das terras por parte de grileiros e fazendeiros brancos. Todavia, os quilombolas tiveram que lutar pela garantia de seus direitos à terra, principalmente contra as famílias brancas que tinham grande influência e com os poderes constituídos como relata um Gestor e Mestre de Cultura:

A gente tem algumas histórias que são contadas, tipo guerra dos Urias. A guerra dos Urias, que foi segundo os nossos historiadores, uma guerra que teve da família dos negros dos Simão contra os Urias, que era uma família de branco. Esses Urias que vieram para aqui, pra a comunidade com o apoio da família dos Alencar, que era uma família de portugueses, que foram trazidos pela Coroa Portuguesa aqui pra o Brasil, apoiado inclusive por Fernão Dias e que adentraram o nosso território e passaram a

usar terras. Pediram um logradouro pra fazer um curralzinho e tudo e um certo momento com o avançar, eles tiveram um conflito com os Simão, liderado por Januário Simão.

Nesse ponto é necessário destacar que existe de fato um laço de manutenção do status quo entre as famílias tradicionais brancas, uma ligação entre a família dos Urias que ainda estavam se instalando no lugar, mas com o apoio dos Alencar que por sua vez tinham grande influência com Fernão Dias, primeiro donatário da terra.

Apenas a título de análise do discurso aqui proferido, não pretendemos cometer aqui um anacronismo, transpondo situações de um tempo e contexto histórico passado para situações contemporâneas, mas a fala do entrevistado serve para entendimento do sentimento de longa duração e permanência de ações e comportamentos excludente remanescente do período colonial que se destaca, dessa forma o Agricultor e Liderança na Comunidade afirma:

Dentro desse contexto teve várias batalhas né? Do povo se contestando, brigando e às vezes até brigando por isso né? Lá no ano dos mil e novecentos e... Início de 1900 né, houve uma batalha aqui já com os Urias né? Uma família chamada Urias, que terminou por eles vencendo essa batalha, mas aí como as negras e negros só tinham a força pra lutar, elas não tinham o acesso a lei, nem a lei ficava do lado dos negros, dos pequenos como até hoje ainda faz né? Elas terminavam por perder todas as causas que brigavam aqui dentro né, eu sou testemunha ainda do meu tempo, eu sou de 1958 né? 59, aliás, eu ainda sou de um tempo que eu alcancei elas passando gente daqui de Conceição pra ir resolver questões agrárias na cidade de Salgueiro, o juiz chamava por conta de conflitos internos que tinha aqui né.

A partir do lugar de fala do entrevistado pode-se apreender como se dava o acesso ao discurso e quanto esse acesso é uma medida de poder, dessa forma a análise crítica do discurso se torna uma ferramenta de diagnóstico importante para a avaliação da dominância social e política. O seguinte trecho faz com que se perceba como o sentimento de injustiça ainda impera na memória e no cotidiano do povo quilombola de Conceição das Crioulas: “Uma família chamada Urias, que terminou por eles vencendo essa batalha, mas aí como as negras e negros só tinham a força pra lutar, elas não tinham o acesso a lei, nem a lei ficava do lado dos negros, dos pequenos como até hoje ainda faz né?”. Tal sentimento vai de encontro com o que lega Dijk, (2010, p. 97) que a maioria das elites de poder é branca e seu poder implica, acesso preferencial aos meios de comunicação de massa, aos discursos de tomada de decisão, aos discursos da burocracia e ao sistema legal.

Em meio a toda essa análise, os entrevistados relatam fatos que denotam um processo gradual de perda do seu território para famílias não quilombolas que ali se instalavam, como é o caso dos Urias, o interessante é notar a estratégia que foi sendo utilizada para de forma sutil ir ampliando suas propriedades e solapando a dos quilombolas de Conceição das Crioulas, como

vemos no discurso de um dos quilombolas, Coordenador da Comissão de Patrimônio e Contador de Histórias:

E os brancos foram chegando mais esperto, tinha estudo né, foram chegando, e chegaram, por exemplo, tinha uns parentes da gente que tinha ali pra cima aí chegava: Seu José Simão, eu to vindo aí, sou da Floresta ou de qualquer outro lugar aí, e eu to com o gado passando fome, o senhor me arruma um lugarzinho pra eu fazer um logradouro pra eu botar meus bezerro, as vaca vão comendo ali por perto e os bezerro tão preso, e de noite eu tiro e prendo no outro dia eu tiro o leite pra fazer uns queijo e aí pode até se dá também uns queijinho pra vocês. Seu José Simão que era, era aquele leitor, ele tinha uma leiturinha, ele lia as palavras, mais num sabia como hoje a gente lê e sabe o que tá falando, o que tá fazendo, José Simão só ia passando, não tinha uma formação da consciência do que queria dizer certas palavras. Ele concordou, aí o homem fez um logradouro, botava os bezerros ali durante o dia, de noite separava, botava naquele logradouro e os bezerros pra fora, no outro dia cedo ele tirava o leite. Aí nisso o branco ele já foi fazendo uma casa de taipa, e o tempo foi passando e ele sempre dava um queijinho de agrado, por exemplo, a seu Zé Simão que era tio da minha mãe, e daí a pouco a casa que era de taipa, já fez de tijolo, a gangorra do logradouro que era só uns paus deitado pra os bichos não passar, já passou a ser uma cerca, de repente aquela cerca foi aumentando. Sempre que ele ia reformar ele nunca passava no mesmo trilho sempre comia uma beirada, foi aí que nós fomos perdendo as nossas terras.

É importante notar como se dão esses processos, pois já não basta todas as questões históricas referentes a negação de direitos à população negra. Tem-se na presente análise a problemática de que mesmo quando da conquista da terra, posteriormente os quilombolas se veem dentro de um processo de tomada desse território. Devido a esse processo de adentramento dos brancos às terras quilombolas a comunidade foi aos poucos perdendo seu território, fato esse que provocou diversos problemas relacionados a produção da agricultura de subsistência, agora, a maior parte das terras produtivas estavam nas mãos de outros, já que não tinham em mãos um documento oficial que lhes resguardasse o direito a posse das terras, só restava então, as contações de histórias das pessoas mais velhas da comunidade e o avivamento das memórias a respeito da luta e conquista do território, que agora estava aos poucos sendo totalmente tomado pelos fazendeiros brancos:

No momento em que as relações de poder colocam em risco a reprodução de determinadas práticas culturais e ameaça o espaço territorial, a identidade de “remanescente de quilombo” adquire um significado estratégico para o grupo étnico de Conceição das Crioulas. Assim, os negros fazem do mito de origem da comunidade uma luta pelo reconhecimento do direito à propriedade da terra que ocupam. (LEITE, 2001, p. 65)

Destarte a manutenção do discurso da conquista da terra pelas seis negras faz parte da construção da identidade étnica do povo negro de Conceição das Crioulas, a qual está intimamente ligada à origem da comunidade e origem comum do grupo. Com base nos estudos de Dijk (2010, p. 97) percebe-se que à comunidade de Conceição foi negado durante muito tempo o acesso a contextos comunicativos cruciais tais como:

- Discursos governamentais legislativo de tomada de decisões informação persuasão e legitimação especialmente de nível nacional;
- Discursos burocráticos de construção e implementação de políticas de mais alto nível;
- Discurso da mídia de massa dos maiores veículos da mídia jornalística;
- Discurso acadêmico científico;

É necessário ressaltar que a negação desse acesso é algo corriqueiro quando se trata de minorias étnicas. Isso mostra como as elites brancas dominantes articuladamente formam o conluio para impedir o acesso à base hegemônica do poder, aquela do conhecimento das crenças e da fabricação do consenso (DIJK, 2010, p. 101).

O território de Conceição das Crioulas foi identificado por relatório antropológico e um mapeamento da área, feitos pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Esse material foi utilizado no reconhecimento daquele agrupamento como comunidade quilombola. Apesar de terem sido reconhecidos como quilombolas desde 1998 e possuírem o título da terra desde julho de 2000, ainda não obtiveram a posse efetiva da terra e os conflitos entre eles e os fazendeiros da região tornam-se cada dia mais acirrados. Todavia é bastante simbólico e claro o discurso proferido pela Professora, Historiadora e Produtora de Vídeos Quilombolas aqui esboçado:

Então a gente vem, tentando ao longo dessa história da gente, não só lutar pela posse definitiva das terras, que ao longo do tempo foram invadidas, mas também pra que as pessoas possam entender a importância da identidade, porque é que elas são, “quilombolas” e que no nosso caso a gente não tá diretamente ligada a uma escravidão, processo de opressão, a gente vem e percebe que as primeiras moradoras que chegaram aqui eram pessoas organizadas e a gente percebe isso, que no decorrer dos anos, mesmo com toda a pressão sofrida, essa organização ela vem sendo transmitida e vem sendo de alguma maneira também passada pra gente, chegou até os dias de hoje né?

Todavia, os discursos proferidos por essa gente, buscam o seu legado maior, a aquisição da terra por completa, mesmo sabendo que ela já lhes pertenciam em outros tempos por direitos.

#### **4.5.1 Território, Conflitos e Lugares de Memória**

Os moradores de Conceição das Crioulas valorizam alguns lugares de memória, os chamados sítios arqueológicos naturais, como: O Caldeirão dos Ossos, Pedra da mão, Pedra Preta, as Serras e Serrotes, Serra das Princesas, Serra das Crioulas, Serra do Urubu, que são lugares que estão presentes nas narrativas míticas do território. Existem ainda locais igualmente importantes que fazem parte da historia remota da comunidade e outros da história mais recente os quais são preservados pela memória coletiva, são eles: o Açude de Conceição das Crioulas, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, a sede da AQCC, o CPA (Centro de Produção Artesanal de Conceição das Crioulas), a Casa da Comunidade (Casa Francisca Ferreira) e os prédios que

foram destinados ao uso da comunidade como o prédio da antiga cadeia que deu lugar à biblioteca Afroindígena; Mercado Público; Casa da Juventude; Escolas da comunidade; Cemitério entre outros.

Tais marcos ou lugares da memória em Conceição da Crioulas corroboram com a ideia de Maurice Halbwachs (2013), o qual destaca a importância que se tem os vários pontos de referência que estruturam nossa memória e que a insere na memória da coletividade a que pertencemos. Sendo que, esses lugares da memória, são compostos por monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore, a dança do trancelim e a música ao som da banda de pífano, bem como a culinária. Dentre os lugares de memória presentes nos discursos dos quilombolas, temos o destaque dos umbuzeiros<sup>23</sup> os quais recebem o nome de várias figuras da História de Conceição das Crioulas como nos relata E 6:

Uma das coisas que vem assim a fortalecer realmente a nossa história é a luta pelo território que é muito forte na nossa comunidade, então pra se fortalecer, a contação de histórias através dos nossos umbuzeiros, vários lugares tem umbuzeiros, mas na nossa comunidade a gente sente grande diferença porque a gente valoriza o pé de umbuzeiro. E tem pé de umbuzeiro que tem o nome de uma pessoa ou tem o nome de um acontecimento daquele local. São batizados... Tem umbuzeiro que ele é batizado pelo jeito que ele é né? Tipo assim, tem um imbuzeiro que o umbu dele é cabeludinho, a pessoa chama o imbuzeiro cabeludinho, imbuzeiro que tem um toco lá perto, é o imbuzeiro do toco, o azedão que é um imbuzeiro grandão, mas ele é azedo, então azedão porquê ele é grandão, mas ele é azedo. Umbuzeiro de Tio Né, que é de uma pessoa que é o pai de (Keka). Certo, aí as pessoas sabem, “vamos lá ao imbuzeiro de Tio Né”, a pessoa já sabe. O imbuzeiro de Zé Bezerra lá na Paula, o imbuzeiro não é nem dentro da terra que é de Zé Bezerra, mas teve um acontecimento com Zé Bezerra nesse Pé de imbuzeiro que o nome ficou imbuzeiro de Zé Bezerra.

Como afirma Antunes (2016), afinal os umbuzeiros em Conceição das Crioulas têm nome em homenagem a parentes, santos de devoção e situações, além de serem uma fonte de alimento na seca, fornecem sombra e fazem a alegria das crianças. Essa imagem do espaço, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 2013).

<sup>23</sup> Intitulado por Euclides da Cunha como a “árvore sagrada do sertão”, o umbuzeiro é também conhecido como imbuzeiro (nome científico: *Spondias tuberosa*). O seu fruto é o umbu ou imbu. A palavra que lhe deu esse nome é o “ymbu”, de origem tupi-guarani, que significa “árvore que dá de beber”, uma referência a sua característica de armazenamento de água, especialmente da raiz, qualidade necessária para sobrevivência nos longos períodos de seca no seu habitat natural, a Caatinga. A planta pode alcançar sete metros, tem tronco curto e copa em forma de guarda-chuva. As flores são brancas, agrupadas, perfumadas, com néctar que é retirado pelas abelhas para se alimentarem e produzirem mel. <http://www.cerratinga.org.br/umbu/>

A religiosidade em Conceição das Crioulas é fortemente encontrada nas histórias orais que ali são contadas, estas estão mais voltadas para o mito de origem da comunidade, principalmente no que se refere à aquisição das terras pelas “seis crioulas” e posteriormente pelo processo de perda dessas terras. Leite (2012) nos lembra que é raro se ouvir algum depoimento que faça menção a alguma atividade da religiosidade de matriz africana praticada por essas crioulas ou pelos seus descendentes mais próximos. A referida autora acrescenta em outro momento a seguinte argumentação.

O que os quilombolas não abrem mão é de afirmar que elas, as crioulas, compraram a terra com o esforço de seu trabalho, e com a “ajuda” de Nossa Senhora da Conceição, para quem haviam feito uma promessa. Tem-se, assim, uma construção mitológica da origem daquela comunidade que se firma no trabalho e na religiosidade católica. (LEITE, 2012, p. 105)

Todavia, a igreja de Nossa Senhora da Conceição tem um significado especial, e faz parte da memória social dos Quilombolas. É a prova viva que representa a luta e conquista da propriedade da terra por meio do trabalho e resistência do seu povo. A santa ajudou-as a comprar a terra e ganhou o templo. Contudo, é necessário compreender as nuances que fazem parte do processo de sincretismo o qual a cultura afro-brasileira passou.

Assim como a sabedoria de lidar com as plantas nativas e com os rituais de cura, transmitidos de mães para filhos e de pais para filhas, que assumem o papel de rezadeiras(os) e benzedadeiras(os), faz parte da narrativa sobre ser quilombola de Conceição das Crioulas. Esse vínculo com o bioma para alimentação e cura também é relacionado com um conhecimento oriundo de “religiões de matriz africana” que foi oprimida e se escondeu nesse “sincretismo” com a religião católica (ANTUNES, 2016, p. 161)

Nessa perspectiva, a partir das entrevistas realizadas, percebe-se que os entrevistados não falavam de forma explícita sobre as religiões de matrizes africanas como o Candomblé, a Umbanda e outras. Elenca-se aqui, os discursos que negam a existência de outras religiões que não sejam de matriz Cristã:

“É... o que prevalece mesmo é o catolicismo e o protestantismo né? são os mais fortes”.(E 5)

No meu caso também eu me identifiquei com a doutrina espírita kardecista e no ano de 2006, comecei a frequentar, e hoje eu já tenho também auxiliado muitas pessoas que têm alguma necessidade na área espiritual, (E 5)

“Hoje tô na idade que tô, mas eu sempre era do lado católico, da igreja católica, visitar a igreja, mais já tá com 16 anos que eu sou evangélica e pra glória de Deus, eu acho bom né? porque Deus ele é um só né? Deus ele é o dono de todas as coisas, ele tá em todo lugar ao mesmo tempo”.E9

“Algumas coisas assim eu não concordo, eu não concordo com outra religião que não seja isso, eu tô falando eu sou católico” (E 5)

Portanto, pôde-se perceber que nas falas aqui apresentadas existem toda uma carga histórica que pesa sobre os ombros das comunidades quilombolas. É sensato compreender que o Estado Português quando do processo de colonização e escravização dos africanos aqui no Brasil imprimiu a sua ideologia dominante. Um dos instrumentos de afirmação dessa ideologia, é justamente a imposição do Catolicismo enquanto religião oficial do estado Português. Desta feita, o Catolicismo se estruturou juridicamente e ideologicamente como a religião hegemônica e oficial do Estado Brasileiro. A partir disso, todas as práticas que fugissem do estabelecido pela lei, estariam fadadas à marginalidade. Inclusive os negros eram reprimidos pela polícia ao tentarem cultuar seus deuses. Contudo, um dos subterfugios encontrados pelos negros aqui escravizados foi justamente a prática do sincretismo religioso. Dessa forma, os negros quando rezavam em sua língua para Santa Bárbara, estavam na verdade cultuando Iansã. Assim como usavam a representação de Nossa Senhora da Conceição, para cultuar Iemanjá. Analisou-se as falas aqui apresentadas à luz das categorias analíticas propostas no modelo tridimensional da ACD em Fairclough (2001).

Para tanto, atentou-se especificamente às dimensões da Prática Discursiva e da Prática Social. A predominância da presença de práticas culturais nos discursos supracitados, mostra-se como a prática discursiva dos quilombolas apresentam as categorias analíticas de força e coerência, pois todos os entrevistados conseguem sustentar a supressão das práticas da religiosidade afrobrasileira. Entende-se que é parte do exercício de prática social que reconhece o poder hegemônico ainda presente da religião católica e dos signos e sinais do racismo e preconceitos diversos contra as práticas dos ancestrais negros. Os gêneros discursivos aqui apresentados, corroboram com as ideias de Fairclough (2001), o qual trata essa adoção do paradigma hegemônico como uma estratégia de superação, uma verdadeira dialética e não como uma aceitação passiva, dessa estrutura hegemônica. Além disso, a adoção de um modelo hegemônico aponta para a mesma direção, levando a uma visão das ordens de discurso como equilíbrio instável, consistindo de elementos que são internamente heterogêneos, ou intertextuais em sua constituição.

Destarte, os eventos discursivos, presentes e futuros, poderão ser estruturados com vistas a uma prática social relamente transformadora. Consequentemente, devem ser abertos para serem redesenhados à medida que as ordens de discurso são desarticuladas e rearticuladas no curso da luta hegemônica. Fairclough (2001). Como historicamente as populações negras vem realizando com muita precisão.

No interdiscurso, percebe-se no diálogo, a presença dessas religiões nas consciências dos entrevistados ao tentarem negá-las, por meio de uma estratégia de distanciamento de práticas religiosas às quais de alguma forma estão presentes no território, como se vê a seguir. Analisando a prática social contida nos discursos acima proferidos, podemos enquadrá-los no que os linguístas chamam de metadiscursos.

O metadiscurso é uma forma peculiar de intertextualidade manifesta em que o(a) produtor(a) do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio texto e distancia a si próprio(a) de alguns níveis do texto, tratando o nível distanciado como se fosse um outro texto, externo (MAINGUENEAU,1987,p. 66-69 Apud FAIRCLOUGH,2001.p.157)

Há várias maneiras de conseguir manter o distanciamento do discurso proferido, uma delas é o uso de expressões evasivas como vemos nos trechos sublinhados nas entrevistas:

“Que eu saiba, que eu tenho conhecimento das religiões aqui é que às vezes tem algumas que a gente não tem conhecimento.” (E 5)

Aí assim, tem muita religião, aí pelo mundo, que a gente vê falar aí, no jornal, nas televisões, a gente assiste muitas coisas que tem aí fora, mas eu mesmo, que sei mesmo, que eu conheço é católico e a evangélica, só as duas. (E 9)

“Não sei se existe o candomblé, a gente vê falar minha fia nessas coisas aí pelo o mundo a fora, agora que eu graças a Deus eu nunca fui desse lado. (E9)

“As pessoas se identificam, eu sou católico, mas quando o negócio aperta aí corre lá no benzedor, chega, reza aqui, mas eu sou católico.” (E 5)

“Aí outros são evangélicos, a maioria é evangélico, assim são mais radical eu acho, mais radical porque às vezes na questão de não concordar com determinadas práticas prefere morrer do que seguir (...)“Mas já eu acho, que pra mim eu considero um suicida, por que haveria uma forma de talvez de aliviar algo e não procura né? Ele tá com os olhos vendados.”

“Aqui? o candomblé, não existe. Assim, algumas pessoas né? eu não posso dizer assim que é forte porque eu já vivenciei e não me identifiquei, não tem aquela frequência, não tenho aquele conhecimento mais que tem algumas pessoas têm, e tem alguns que também é, pra algumas pessoas, pra mim não. Pra mim eu não acho possível.” (E 5)

Nos próprios discursos proferidos, percebe-se que eles sabem que existem as práticas das religiões de matrizes africanas no território, porém querem deixar a entender que não tem proximidade e que não conhecem ou não participam. Posteriormente, os mesmos ratificam as religiões ditas critãs como predominantes e representativas ao seus modos de ver. Na tentativa de manter o distanciamento, algumas falas deixam evidentes que as práticas religiosas de matriz africana estão presentes nos espaços religiosos dos índios Atikum:

“Então, mais também temos aqui, o pessoal tem uma influência muito grande da cultura indígena, exatamente o benzedor como eu falei, pessoas que benzem com o raminho realmente.”(E 5)

“A cultura indígena, é bem ligada ao candomblé, tem algumas pessoas que te fazem algumas práticas, apesar que eu não tenho muita propriedade pra falar disso porque eu tenho participado muito pouco e quando a gente não participa a gente não tem conhecimento a gente não deve também de aprofundar, falar naquilo porque não tem conhecimento, e mas assim algumas práticas a gente sabe que são feitas ligadas ao candomblé, alguns rituais.”(E 5)

“Não há em Conceição essas práticas, eu ouvi dizer que tenha as danças de Toré alguns que são, se identifica como indígena que dançam Toré e tem uma associação indígena, mas assim não sei dizer realmente o que acontece lá dentro.”(E 5)

“Tenho também auxiliado muitas pessoas que têm alguma necessidade na área espiritual, não é bem assim benzedor, porque, no meu caso, eu não utilizo ramo em posição de mãos, mais que também é uma coisa semelhante e eu também eu acho que o que vale é o sentimento, independentemente de ter ramos, de ser só as mãos o que conta é o sentimento e o que a pessoa crer.(E 5)

Observa-se que, segundo Fairclough (2001), o metadiscorso implica que o (a) falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo. Nas falas dos entrevistados, é possível observar que as partes sublinhadas apresentam enunciados evasivos. Dentro da categoria analítica de texto, percebemos descontinuidade na estrutura textual, assim como falhas de coesão. Porém, ao se analisar a prática social contida nesses discursos, as sequências que se mostram evasivas se constituem enquanto pressuposições que servem como estratégia de distanciamento do sujeito interlocutor com vistas a não personificação do enunciado, haja vista que a presente entrevista daria um fruto documentado e um gênero textual que volta à comunidade. Inclusive os sujeitos aqui entrevistados estão cientes dos problemas sociais que a comunidade tem enfrentado, principalmente em relação à luta pela cidadania e a garantia do direito ao seu território. Sendo assim, as posições aqui tomadas por eles estão sintonizadas no que destaca Fairclough (2001.p.158):

Numa visão dialética da relação entre discurso e subjetividade: os sujeitos são em parte posicionados e constituídos no discurso, mas eles também se envolvem na prática que contesta e reestrutura as estruturas discursivas (ordens de discurso) que os posicionam. Isso inclui reestruturações que são motivadas por considerações polêmicas e objetivos manipulativos.

Todavia é perceptível que os espaços religiosos também se tornaram alvos de conflitos entre brancos e negros. A começar pela disputa entre a padroeira Nossa Senhora da Conceição, e Nossa Senhora da Assunção. A primeira tem forte ligação com o mito fundador e constituiu-se como marco de conquista das terras quilombolas e afirmação identitária com o lugar. Seus festejos iniciam em novembro e vão até dia 08 de dezembro. A outra, é sustentada pelos brancos

que por causa de uma promessa feita de uma graça alcançada por uma esposa de um dos fazendeiros, seria a padroeira Nossa Senhora da Assunção, com festejos realizados em agosto. Diante dessa querela, até hoje existem as duas festas. De toda forma, os negros não se deixaram subjugar e ainda hoje Nossa Senhora da Conceição continua sendo a padroeira da comunidade.

A festa de Nossa Senhora de Assunção porque, segundo pesquisas que a gente já fez, ela era uma festa que não era organizada pelas pessoas da Comunidade, pelas pessoas quilombolas né? Era uma festa organizada por alguns fazendeiros, que moravam aqui na época, então era como se dissesse: “é a festa dos brancos”, a festas dos negros é aí por conta da história de Nossa Senhora da Conceição né? Que é a mais importante pra a comunidade negra, por quê?, Porque tem a ver com a nossa história, mais ela tem menos visibilidade digamos assim.

E a festa de Nossa Senhora da Assunção é em agosto, mas é uma festa que geralmente começa dia 5 com a noite das crianças e as novenas, e aí tem as bandas, dia 14 encerra com a festa, com bandas, com comidas, com uma festa...

Mas a Padroeira é realmente é em dezembro e tem as novenas, tem o cortejo mais em termo de visibilidade a festa de agosto ela é mais visível.

Já foi muito mais, vinha gente de Belém, de Salgueiro vender aqui, de todas essas cidades próximas. Aí com tempo, com festas em todo lugar o povo foi se dispersando. A festa de agosto ainda é a festa que junta mais gente aqui, que é de Nossa Senhora de Assunção. (E 1)

No discurso do entrevistado, percebe-se que existe uma luta ideológica travada pelos fazendeiros os quais apossaram-se das terras de Conceição das Crioulas, isso fica nas entrelinhas do discurso pelo fato do investimento em transformar o festejo da Nossa Senhora da Assunção, numa festa de maior expressão. Isso se dá como forma de apagar a historicidade que tem tanto a igreja de Conceição das Crioulas quanto o próprio festejo dessa santa. Quando se pressupõe isso, não se quer afirmar que os fazendeiros têm consciência de que estão impondo sua ideologia dominante. Fairclough (2001), faz lembrar que as ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas e que os sujeitos envolvidos nesse processo nem sempre compreendem que suas práticas normalizadas a partir do consenso, teriam investimentos ideológicos específicos.

Tal fato, também se dá por parte dos quilombolas, que ao participarem dos dois festejos acabam ressignificando ambos e tornando-os naturalizados enquanto espaço do povo quilombola. Apesar desse maior investimento da Festa de Nossa Senhora da Assunção-dita inicialmente como festa dos brancos- e por conseguinte uma maior visibilidade, o que é mais importante para a comunidade é o marco da origem do nome do lugar, sentido como um lugar social, materializando o direito de permanência na terra, ou melhor, “Território de Conceição das Crioulas”, e com base nesse sentimento de pertença, reconstruir sua identidade de povo

quilombola. Segundo, Fairclough (2001), mesmo quando nossa prática pode ser interpretada como de resistência, contribuindo para a mudança ideológica, não estamos necessariamente conscientes dos detalhes de sua significação ideológica.

Mesmo sem a consciência determinista, os mesmos continuam firmes nas lutas, e o resultado disso são práticas sociais, que reforçam a identidade étnica e novos processos de emancipação quilombola. Destarte, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. Esses lugares representam a demarcação e a afirmação do território, contribuindo para o fortalecimento dos laços identitários e compondo ao seu tempo um repertório de tradições dessa comunidade, ao passo que esses gêneros discursivos fomentam a transformação e criam novos significados e novos instrumentos de luta, a partir de uma prática social que nega o discurso homogêneo e guia o povo desse território para mais experiências e conquistas contra hegemônicas.

Assim, o capítulo chega ao seu final, na certeza da incompletude desses discursos que se completarão na vez e voz aos mais novos do quilombo de Conceição das Crioulas. Mas a história da ancestralidade permanece, resistindo aos tempos de seca e sol causticante no sertão nordestino, tempos de outroras, que se fazem e refazem, na esperança de contextos reais.

Há um chamamento para a afirmação da identidade, pelo orgulho de ser negro e quilombola. Isso está posto na prática discursiva cotidiana do passado para o presente, pois aumenta o sentimento de pertencimento. Sentimento este, visível em cada discurso, quando eles utilizam um pouco da narrativa e da descrição recorrente nos textos orais, que ganham sentido a partir do momento em que circulam na contemporaneidade como força e verdade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos discursos, entre as relações do dizer/fazer, oriundas das práticas sociais nesse quilombo, pôde-se compreender que esta pesquisa teve foco na análise crítica do discurso sobre o ser quilombola de Conceição das Crioulas, sua relação com as memórias do lugar, oralidade dos ancestrais e as identidades sociais de um povo que se reconstrói ao longo da sua história. Durante esse processo investigativo, buscamos extrair através de leituras, episódios e silêncios, os discursos dessa comunidade, bem como os contextos formativos de onde e como eles emergiram. Verifica-se que essa prática discursiva ajuda a compreender melhor o contexto social, o qual eles estão inseridos.

Essa pesquisa, se insere com o advento da proposta de Mestrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, na linha de pesquisa em Processos de Organização Linguística com interface antropológica. Ressalta-se a grande importância dessa Universidade para Pernambuco, bem como para diferentes estados do Nordeste.

Diante desse contexto, o estudo contribuiu de forma significativa para as pesquisas em Linguística, Antropologia e conseqüentemente para os professores de Língua Portuguesa, bem como, áreas afins. Pois, foi a partir da proposta do curso de Mestrado, sobretudo desta linha de pesquisa, que se desenvolveu uma postura crítica de olhar a linguagem como prática social, com ênfase na inovação de narrativas direcionadas para as práticas sociais e identidades étnicas desses sujeitos.

Constata-se, a grande relevância em se fazer uma pesquisa, qualitativa, transversal, analítica que se utiliza de dados primários com enfoque Etnometodológico, articulada com a Análise Crítica do Discurso na visão tridimensional em Fairclough (2001, 2016) e ao contexto sociocultural na luta, mesmo que desafiadora, em defesa das comunidades quilombolas, especificamente ao quilombo de Conceição das Crioulas em Salgueiro-PE. Que travam batalhas aos longos dos anos, contra a opressão, da liberdade e da vida. Para uma contribuição, tanto para o meio acadêmico, como para a cidade de Salgueiro-PE. Haja vista, também para que se ganhe a visibilidade e o reconhecimento necessário, por parte da cultura deste município.

Desse modo, a linha de pesquisa que direciona esse trabalho aporta-se no processo de organização linguística, antropológica e além disso, valoriza-se além dos bens culturais, a história oral dos ancestrais, ancorados na memória dos dizeres/saberes sobre essa comunidade. Os quais, acredita-se que servirão de conteúdos para robustecer práticas sociais e direitos interculturais para o território.

Vale salientar, que o que levou a pesquisadora dessa dissertação a enveredar por esta temática, foi o fato da sua proximidade e engajamento com as comunidades quilombolas e indígena (Atikum), especificamente nas questões educacionais e dos discursos na proposta da ACD. Também por possuir no sangue a descendência negra. Bem como, por lecionar a disciplina de Educação e Cultura Afro-brasileira na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC, em Salgueiro-PE. Onde os acadêmicos são oriundos deste quilombo. Assim o trabalho de campo proporcionou maior engajamento entre as questões do cotidiano e o resgate da história, que agora passa a vislumbrar mais uma história da escrita, com esta pesquisa intitulada de Análise Crítica do Discurso Quilombola em Conceição das Crioulas: oralidade, memória e identidade social.

Nessa mesma direção, apresentou-se como objetivo geral: Analisar os discursos quilombolas a partir da memória e da oralidade enquanto prática de legitimação da identidade étnica. Assim, para atender os objetivos específicos desta pesquisa, estabeleceu-se: a). Interpretar os discursos dos sujeitos sobre a condição de ser quilombola; b) compreender os sentidos de práticas discursivas presentes em narrativas míticas e históricas relacionadas com a organização da identidade étnica quilombola, e c) Observar os usos sociais das situações de contação de histórias no cotidiano dos quilombolas de Conceição das Crioulas.

O campo que abriga o lócus investigativo para a pesquisa ocorreu em Conceição das Crioulas, 2º Distrito a 43 km da cidade de Salgueiro – PE, considerada a Encruzilhada do Nordeste. Foram designados dez interlocutores para o estudo em tela. A trajetória de vida dessas lideranças e a reconstrução das histórias, nutridas pelas memórias, amparados pela oralidade dos seus mais velhos, na busca de reafirmar suas identidades étnicas e sociais dentro do quilombo.

Para a conclusão da dinâmica problematizadora desse estudo, lançou-se como desafios, responde-las na sua plenitude, o que significa dizer que a nossa incompletude carece de outras abordagens e de outros olhares. Conforme problemática expressa a seguir: Qual a dinâmica social e simbólica envolvendo práticas e memórias discursivas na constituição do “ser” quilombola? Como é que os moradores de Conceição das Crioulas se identificam hoje? Quais elementos materiais e discursivos estiveram presentes no processo de auto reconhecimento como etnia? Qual o conteúdo lógico, temático e semântico das narrativas sobre a oralidade do povo quilombola? Quais os principais cenários de “contação” de histórias?

O estudo revelou que dos dez protagonistas entrevistados, apenas um não se identifica “ser quilombola”. Pois revela que as questões políticas partidárias têm influenciado negativamente, causando mais conflitos entre os moradores. Na opinião desse líder religioso, houvera

em um certo tempo, privilégios para uns e outros não. Que possui descendência negra e índia, mas não defende nenhuma etnia, quando esta não proporciona direitos de oportunidades igualitárias.

Os moradores afirmam que através das lutas sociais, muitas coisas mudaram. Mas que ainda é preciso muita transformação. Não depende só deles, mas de um poder governamental, que, segundo Oliveira, (2013), esse poder “se diferencia em diferentes formas, desde a modalidade da força física, até o poder simbólico”. Como relata Bourdieu (1989), “o poder de fazer ver e de fazer crer”. Nota-se que em meio aos vários tipos de coerções, incluindo a violência e o exercício do consentimento, pode obrigar esse povo a silenciar suas vozes. Acomodar e consentir, nunca foi o forte das lideranças de Conceição. Mas, resistir sempre, e manter viva a chama da ressignificação da cultura, na luta pela identidade étnica e manutenção dos bens pertencentes ao território.

Para tanto, Fairclough (2001), que apresenta um elemento de grande importância nos estudos do discurso, que é a ideologia, a qual vem balizar o entendimento de que são significações/construções da realidade do mundo físico. São construídas das formas de sentidos das práticas discursivas. Essa discussão exige cuidado por parte dos professores, lideranças e analistas de modo geral, para não naturalizar o discurso e não os influenciar a reproduzirem ideologias que não interessem a eles, e que possam ser prejudiciais as demais pessoas.

Conceição das Crioulas, prima pelos discursos que respeitem as diferenças, para que não venham legitimar preconceitos, bem como, para que se atenda com qualidade a esse segmento da sociedade. Pôde-se observar nos discursos dos mesmos, o grau de satisfação quando relatam do ontem e da superação do hoje. Alguns moradores de Conceição, não acreditavam em conquistas e superações, muitos não chegaram a ver a realização dos sonhos planejados, talvez impedidos por essa força que reprime, oprime e o obriga a viver a chamada “obediência voluntária” denunciada por Fairclough.

Mas, deixaram de herança para as futuras gerações, o exemplo de vida, o amor a comunidade e o desejo de ser reconhecidos como grupo. Com todos os direitos, sem mais, nem menos.

Observa-se que na educação houveram avanços, hoje já se tem Escola de Ensino Médio, Escola Estadual Rosa Doralina. Concurso público para quilombolas, construção do Projeto Político Pedagógico para quilombolas, aquisição da internet, a ascensão de algumas lideranças na aquisição do conhecimento no Mestrado e Doutorado. Hoje o poder de voz continua tendo o protagonismo das mulheres. Nos relatos de ontem, um dos episódios tristes, era a exploração dos fazendeiros e comerciantes para com os moradores de Conceição no tocante aos empréstimos, estes por sua vez, aponta, o Líder Religioso, que (...) pegavam empréstimo no banco pra pagar anual em torno de um e meio por cento, emprestava ao povo dessa localidade, os fregueses deles a cinco, seis por cento o mês, então isso era muito injusto.

No caso das mulheres, depois da praga que acabou com o plantio de algodão, elas serviam para trabalhar nas cozinhas, por um prato de comida, ou umas roupas usadas e alguns trocados, sem direitos nem a sábados, domingos e feriados. Muitos parentes foram embora para São Paulo em busca de melhorias de vida e por lá permaneceram, por não ter condições de volta. As leis eram feitas por aqueles que detinham o poder de barganha, fazendeiros e políticos. Não tinham a quem reclamar. Mas, um fio de esperança nascia a cada dia, como condutor de uma mudança que abarca o tripé histórico social do conhecimento, da informação e da comunicação.

Constata-se após indagar aos dez moradores da Comunidade Conceição das Crioulas, os quais se auto definem como Quilombolas: “Quem eram os contadores de histórias daquela comunidade, e onde contavam as histórias?”. A razão, do questionamento foi devido eles afirmarem que antes não tinham registro escrito, tudo era guardado na memória. Dessa forma, percebe-se que contar histórias para aquela comunidade tornou-se tradição, a história para eles, foi no passado e até atualidade a base principal da existência e resistência que define a cultura e o território marcado e demarcado pelos ancestrais.

Dos dez sujeitos questionados para embasar essa pesquisa, nove afirmam que ouvir histórias faz parte da cultura da comunidade de Conceição das Crioulas, com o objetivo de registrar a história de lutas dos antepassados, e que, essas histórias quase sempre eram contadas pelos familiares dentro da própria casa, em uma sala, no terreiro, no alpendre e até mesmo quando estavam exercendo seus trabalhos braçais na labuta do dia.

Pôde-se averiguar que existe para alguns dos entrevistados, um certo lirismo quando eles descrevem o espaço para ouvir as histórias contadas pelos parentes, cito aqui alguns lugares de memórias: o espaço em frente a capela de N. S. da Conceição, quando o entrevistado, parece reviver o cenário nostálgico no qual ele vivenciou quando criança. “A lua parecia alumiar mais”, (à capela fica localizada no centro do povoado, de frente para o nascente em um espaço

livre de pelo menos 500 m, onde nada interfere na visão da lua quando surge lá no céu), dá para entender a magia em que estas histórias eram contadas e o significado que elas representavam para aqueles ouvintes, que mais tarde dariam a eles a consciência política e identitária apoiada nas histórias de lutas e de resistências vivenciadas pelos mais velhos.

Compreende-se através das falas dos protagonistas, que as histórias contadas de geração em geração nada mais era, do que os saberes das pessoas mais velhas e os conhecimentos construídos em sintonia com a ancestralidade para que a história continuasse viva. Percebe-se ainda através das respostas dos entrevistados que a vida que eles tinham era uma vida sofrida, quando eles afirmam que não tinham luz elétrica, não tinham TV, viviam do plantio da roça, não tinham escola para eles, também não tinham acesso a outras comunidades, nem a outras culturas. Portanto, a única forma de divertimento era ouvir às histórias dos mais velhos. Enfatizando esse entendimento Cardoso de Oliveira (2009, p. 47) afirma que, “esta é uma fonte da construção da identidade naquilo que se poderia chamar de restituição de um ato contínuo”.

Pressupõe-se que, a contação contínua das mesmas histórias contadas e recontadas de geração em geração, era a forma que os pais encontraram para formar a identidade das gerações que iam surgindo, sem que os mesmos não perdessem a base da identidade de “ser um Quilombola”, embora o termo ainda não existisse, mas era através daquelas histórias de lutas pelo reconhecimento, e a correlação entre a relação a si e a relação com o outro que buscavam um perfil conceptual reconhecível” OLIVEIRA (2002, p. 33).

Através daquelas narrativas estavam o desejo de ser reconhecido pelos seus direitos, e dentre esses direitos de possuir uma identidade. Percebe-se ainda, que a discriminação era algo que machucava aquela gente quando o entrevistado afirma “hoje nós não temo mais medo de branco”, “os brancos queria expulsar nosso povo só porque era negro”. O desrespeito, o desprezo, o preconceito são fatos que se configuram como nítidos ferimentos mortais para alma de quem é ferido, não se pode negar que a identidade a qual tanto eles falam foi construída através da dor de lutar, para ser reconhecidos como cidadãos que são.

Hoje, após reconhecimento daquela comunidade e avanço dos meios tecnológicos a maneira das crianças aprenderem a história é realizada ainda dentro da família, mas a escola também é responsável pela transmissão desses saberes que vem de geração em geração; imagens mais atrativas são repassadas através de vídeos produzidos pela própria comunidade; o facebook leva até eles outras culturas, ao mesmo tempo em que divulga a deles também. Apesar de todo esse crescimento das mídias, o contador de história continua imortal ainda na pessoa do avô, do tio mais velho, dos próprios pais. Contar história é sem dúvida uma tradição que faz parte da cultura dos remanescentes de Conceição das Crioulas.

Após análise do tema “Ser Quilombola” sob a luz da teoria, no entendimento de vários autores que discorrem do assunto, faz uma análise crítica partindo da fala dos sujeitos que são protagonistas descendentes da origem da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, hoje reconhecida pela sua luta ao longo dos anos, pelo espaço que historicamente já era deles. Comunidade esta que conserva as raízes dos seus antepassados através das tradições que passa de geração a geração, como requisito único de manter viva a memória de um povo que sentiu na pele a dor da rejeição de ter nascido negro.

Pode-se perceber que dos dez sujeitos entrevistados que nove deles se identificam como negros quilombolas, descendentes das seis mulheres que deram início a esse povoado, independente do grau de parentesco que contribuiu para unir um povo que luta pelo respeito de ser tratados como homens que são, independentemente da cor que trazem, que para eles representa a cor da bravura, da coragem, a cor de quem tem coragem de trabalhar e criar uma nação, ainda que tenha sido a custa do sofrimento e do medo da morte.

A primeira pergunta questionada aos entrevistados foi se eles se consideravam Quilombolas e em que eles se baseavam para se auto definir, nove dos entrevistados se reconhecem como negros pertencentes a comunidade Quilombola de Conceição. Todos eles conservam as tradições, seja através da religiosidade, festas culturais, rituais, costumes alimentares, e repetem as mesmas histórias contadas pelos mais velhos como forma de manter viva a memória de um povo e fortalecimento de uma comunidade. Para apoiar no entendimento dessa análise, busque a compreensão de Michael Pollak quando afirma que [...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, no caso dos remanescentes de Conceição, eles se identificavam membro de uma comunidade buscando grau de parentesco com as fundadoras e respeitando a ideologia passada de geração em geração.

Para Pollak, “[...] a fonte oral que se constrói a memória de um povo é tão válida como a fonte escrita”. Dessa forma entendida todos os entrevistados se auto definem como remanescentes que são. Embora um dos entrevistados, por falta de esclarecimento sobre o que é de fato ser quilombola, nega sua própria identidade por acreditar que é uma questão política partidária. Uma vez que, alguns líderes políticos da cidade de Salgueiro, tais como: Cleuza Pereira e Marcões Libório, priorizaram a cultura daquela gente, levando-os a serem reconhecidos internacionalmente. Para a maioria, ser quilombola é questão de sentimento e não questão política, pois acreditam que, não precisam de nenhuma instância para reconhecimento, do que de fato eles são.

Pode-se constatar que durante o período que a pesquisadora esteve presente na comunidade para entrevistá-los, observou-se que aquele povo vive de maneira simples e preserva costumes ainda do tempo dos seus primórdios a exemplo de pisar milho em um pilão, lavar a roupa em açude e pôr para secá-las em galhos secos, as refeições são servidas às 10hs da manhã, às 3hs da tarde e a noite, buscar água em açudes para as atividades domésticas, em latas carregadas na cabeça, fazer uso da luz do candeeiro, (em apenas alguns sítios) varrer terreiros com vassouras de palha, reunir a família a noite para rezar o terço ou a novena, após a reza, as famílias costumam sentar para contar histórias, ainda usam cavalo como meio de transporte, só procura assistência médica depois que a benzedeira benze. Sem contar que são temerosos a alguns fenômenos da natureza, como: O rasga mortalha (pássaro de hábitos noturnos), passou cantando sobre o telhado é prenuncio de morte de alguém da família; a kauã (pássaro típico do Sertão de Pernambuco) cantou fora de hora é um ano de seca, sem chuvas; o vento soprou para o norte por mais de uma noite, o inverno vai ser bom, e tantas outras crendices que eles acreditam fielmente.

Observou-se ainda que é uma comunidade que vive o mundo deles, mas que também mantêm relações com outros mundos, sejam de outras etnias ou não. A terra para eles representa vida, pois é dela que tiram o próprio sustento. É uma prática vivenciada por esse grupo. Chama atenção pois, eles costumam trocar alimentos, uns plantam a mandioca, de uma vez que seu pedaço de terra é bom para o cultivo, outro planta o feijão e assim a comunidade se auto define como “terra dos ancestrais” terras que pertencem aos descendentes das seis crioulas que deram origem a essa comunidade, se identificam e são identificados como troncos desse lugar, comungam do mesmo sentimento de luta, que é a posse definitiva pelas suas terras.

Ao analisar os seus discursos, costumes, constata-se o que Stuart Hall afirma na sua obra a Identidade Cultural na pós – modernidade. Esse povo, se diferencia de outros grupos, quanto a cor da pele; estrutura física; a forma de falar de conviver entre eles, quanto a textura do cabelo, e suas tradições folclóricas e costumes que os define como raça, e a esta raça, a qual ao analisar-se, auto define-se como sendo “Quilombola”.

## REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, L. F. D. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALONSO, A. **O Abolicionismo como Movimento Social.** Novos estudos - CEBRAP, 2014. 115-137.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado.** 8 ed. Rio de Janeiro: Graul, 2001.
- ANDRADE, M. C. D. **A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ANTUNES, Marta de Oliveira. **A terra que volta: Gerindo territórios, memórias, conflitos e normas em Conceição das Crioulas.** Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) UFRJ, Museu Nacional, Programa de pós-graduação em antropologia social, 2016.
- ANTUNES, Irandé, **Aula de Português: encontros e interação -** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AQCC. Editorial: **AQCC conquista sua sede.** Jornal Crioulas: a voz da resistência, Salgueiro-PE, v. 1, n. 1, p. 8, abril 2003. ISSN ano 1.
- \_\_\_\_\_. **Projeto Político Pedagógico das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas.** ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS/Comissão de educação. Salgueiro-PE. 2008/2014/2015/2016.
- ARRUTI, **Quilombos.** In: SANSONE, O. Araújo. **Raça: novas perspectivas antropológicas.** 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 447.
- BATISTA, Francisca da Rocha Barros. **Um ordena, outro obedece: o poder disciplinar no discurso das teorias clássicas da administração,** p. 11-38 in: redis: Revista de Estudos do Discurso, Nº 4, Porto, Ano 2015.
- BETHELL, L. L. **A abolição do Comércio Brasileiro de Escravos.** A Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do Comércio de Escravos ,1807 - 1869. Brasília: Conselho editorial do Senado, 2002.
- BOBBIO. **Dicionário de política.** 1. ed. Brasília: UNB, 1998.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- BONVINI, E. **Tradição Oral Afro-Brasileira as razões de uma vitalidade.** Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 37-48, Junho 2001. ISSN 2176-2767.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília- DF: [s.n.], 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras dos remanescentes dos quilombos tratado no art. 68 do Ato das Disposições constitucionais transitórias.** Presidência da República. Brasília. 2003.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.** Brasília: [s.n.], 2007.

\_\_\_\_\_. **Guia de Políticas Sociais: quilombolas.** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, Etnia e estrutura Social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 302, 1958.

CAROLYN, W. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. 194p.

CARVALHO, M. J. M. D. **Rotinas e Rupturas do Escravismo no Brasil, 1822-1850.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política.** Conferência. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

COULON, A. **Etnometodologia.** Vozes: Petrópolis, 1995.

CRIOULAS, C. D. <https://ccrioulas.org/#>.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Nós, Afro-descendentes. História Africana e Afrodescendente na Cultura Brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). História da Educação do Negro e Outras histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2005.

DA SILVA, A.; OLIVEIRA. Conceição das Crioulas: Território e identidade no processo decolonial. **Revista Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, 3, 08 maio 2017. 169-183. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/viewFile/2300/1226>>. Acesso em: nov. 2018.

DIJK, T. V. **Discurso e Contexto.** Uma abordagem Sociocognitiva. Tradução Rodolfo Ilari. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Poder.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIONÍSIO, **Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita.** In: MARCUSCHI, A. Fala e escrita. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ELIAS, N. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. WODAK, R. Análisis crítico del discurso. p. 367-404. In: Norman FAIRCLOUGH e WODAK. **El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FIABANI, A. M. **Palhoça e Pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]**. São Paulo: Expressão popular, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010 (Leituras Filosóficas).

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GADELHA, R. M. D. F. A Lei de Terras (1850 ) e a abolição da Escravidão: Capitalismo e força de trabalho no Brasil do Séc XIX. **Revista de História**, São Paulo, p. 153-162, Jan/Jun 1989. ISSN 120.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978a;

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989

GIL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss conciso**. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo. Editora: Moderna. 2011.

HERSKOVITS, Melville J. **The Myth Of The Negro Past**. Osmania University: Harper And Brothers Publishers, 1941

JOLL, J. **As ideias de Gramsci**. São Paulo: Cultrix, 1979.

LACOMBE, J. **Rui Barbosa e a Queima dos Arquivos**. 1. ed. [S.l.]: Casa de Rui Barbosa, 1988.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Movimento social quilombola: processos educativos**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.

\_\_\_\_\_. **Movimento Social e Processos Educativos: A Constituição dos Sujeitos Coletivos na Luta por Direitos na Comunidade de Conceição das Crioulas**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza. 2012. (305.896).

\_\_\_\_\_. **Educação Quilombola: Um Estudo de caso na Comunidade de Conceição das Crioulas – Pernambuco**, p. 141-179. In: Josean da Silva (Org.). *Educação entre o ensino e a aprendizagem*. João Pessoa: Sal da Terra, v. 1. 2011.

\_\_\_\_\_. *Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política*. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, v. III, n. 6, p. 62- 88, Dezembro 2010.

\_\_\_\_\_. **Conceição das Crioulas: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de Pernambuco**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1962.

\_\_\_\_\_. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1963.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**; 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1968 (*Coleção: Os Pensadores*).

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAURO, Victor F. **A trajetória dos índios Krahô-Kanela: etnicidade, territorialização e reconhecimento de direitos territoriais**. 2011. 218 f. Dissertação (Mestrado em História).

MAURO, Victor F. *Etnogênese e Reelaboração da Cultura entre os Krahô-Kanela e outros Povos Indígenas*. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 37-94, jan./jun. 2013.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise crítica do discurso: um estudo sobre a representação de LGBT em jornais de Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

- MELO, Miguel A. S. de. **Representações Sociais da Violência contra Homossexuais no Judiciário**: Um estudo de caso de crime de ódio homofóbico no Estado do Ceará. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, 2017.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: A Contribuição Teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. v.4, , p. 54-77, jan.-jun 2010. ISSN n.1.
- MOURA, C. **QUILOMBOS**: Resistência ao Escravismo. 3. ed. São Paulo: Àtica, 1993.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. **Identidade nacional versus identidade negra**, 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NASCIMENTO, Márcia Jucilene do. **Por uma Pedagogia Crioula**: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE. 2017. 198 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) -Universidade de Brasília, 2017.
- O'DWYER, E. C. (Org.). **Quilombos**: Identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- OLIVEIRA, J. P. Uma Etnologia dos "Índio Misturados" Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais. **Mana**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 47-77, 1998. ISSN 0104-9313.
- OLIVEIRA, L. A. **Estudos do discurso**: Perspectivas teóricas. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**. Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo, 2006.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- POUTIGNAT, ; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: Seguindo de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 05, n. 10, 1992.
- PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo- Colônia**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- PORTAL SALGUEIRO. Conheça Salgueiro. Distritos. 2012. Disponível em: <<http://www.portalsalgueiro.com.br/>>. Acesso em: mar. 2018.

REIS, J. J. D.; SILVA, E. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, J. J.; GOMES, F. D. S. **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RESENDE, V. D. M.; RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso Crítica, do Modelo Tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 185-207, jul/dez. 2004.

RODRIGUES, M. D. **Política de Nucleação de Escolas: Uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 125. 2017. (Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento sustentável).

RONDELLI, B. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SÁ, C. P. D. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, 2007. v. 20, n. 2, p.290-295.

SANTOS, P. F. **Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição**. 2015. 144 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação, Mossoró, RN, 2015

SALGUEIRO, Prefeitura do Município de Salgueiro. Disponível em: <http://www.salgueiro.pe.gov.br/>>. Acesso em: mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Comunidade Conceição das Crioulas**. Dados do município. Disponível em: <[https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Concei%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Crioulas](https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Concei%C3%A7%C3%A3o_da_Crioulas)>. Acesso em: mar. 2018.

SILVA, G. M. D. **Educação como processo de luta Política: A experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de conceição das crioulas**. Dissertação (Mestrado).222 f. UNB, Brasília-DF: [s.n.], 2012.

SILVA, Givania Maria da; RODRIGUES, Maria Diva da Silva. Formação inicial e continuada de professores (as) e a educação no Quilombo de Conceição das Crioulas/ PE. In: **Comunicações**, Piracicaba, Ano 21, v. 21, n. 1, p. 23-38, jan.-jun. 2014.

SILVA, G. M. da. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. 2012. 222f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOARES, A. F, SELLA, A. F. COSTA-HÜBES, T. **Maingueneau**. In: OLIVEIRA, L. Amaral. Estudos do Discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. **As Mulheres, a Comunidade de Conceição das Crioulas e suas Lutas: histórias escritas no feminino**. Brasília-DF: Dissertação de mestrado Universidade de Brasília. Departamento de História, 2006.

\_\_\_\_\_. **Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE**. Laudo Antropológico. Recife, Junho de 1998. Mimeo.

SOUZA, V. R. F. D. P. (antropóloga responsável). **Projeto mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos (Conceição das Crioulas)**. FCP/ UFAL. Recife. 1998.

\_\_\_\_\_. **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Quilombolas de Conceição das Crioulas**. Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC. Brasília, p. 12. 2007. (Fascículo 6 -86037-20-6).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

THOMPSON. John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

VILELA, Ilca Suzana Lopes. **Afirmção da identidade no discurso quilombola em perspectiva semiótica: o caso das bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas**. 2014. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi: 10.11606/T.8.2014. tde-25052015-153151. Disponível em: <01. <http://www.teses.usp.br/cite.php?id=tde-25052015-153151&lang=pt-br> >Acesso em: 07 Jun. 2016.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia & Análise da Conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015. 184 p.

WIKIPEDIA. **Wikipedia a enciclopedia livre**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau\\_a\\_pique](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_a_pique)>. Acesso em: Julho 2018.

## Anexos

A. Comitê de Ética

B. Carta de Aceite

C. TCLE

D. Lideranças de destaque na comunidade de Conceição das Crioulas

## Anexo A

### Comitê de Ética



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Análise Crítica do Discurso Quilombola em Conceição das Crioulas: Oralidade, Memória e Identidade Social.

**Pesquisador:** Moab Duarte Acioli

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 63013316.3.0000.5206

**Instituição Proponente:** Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.930.801

##### Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado: Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas: Oralidade, memória e identidade social apresenta como objetivo: analisar o discurso dos sujeitos do território quilombola de Conceição das Crioulas, com foco na identidade étnica e seus processos de afirmação. O percurso metodológico dialogará com a abordagem qualitativa com enfoque etnometodológico e análise crítica do discurso - ACD. Situa a comunidade quilombola que localiza-se no segundo maior Distrito da cidade de Salgueiro. É uma comunidade negra, rural, fundada por seis mulheres negras que lutaram pela posse da terra. Na atualidade, o povo de Conceição luta pelos seus direitos étnicos e políticos, na perspectiva de afirmar suas identidades, nutridas pela memória com vistas ao combate ao racismo e a discriminação. A proponente orientará suas reflexões a partir dos seguintes autores Stuart Hall (2003,2006) o qual discute os pressupostos da identidade e cultura, Fairclough (2008) com os conceitos de discurso e mudança social e Pollak (1989,1992) discutindo a memória e identidade social. O esperado com a pesquisa é perceber como a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas tem resistido ao tempo e se mantido viva, ressignificando a história do seu povo.

##### Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVOS

**Endereço:** Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 7º Andar - Setor A

**Bairro:** Boa Vista

**CEP:** 50.050-900

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2119-4376

**Fax:** (81)2119-4004

**E-mail:** cep\_unicap@unicap.br

## Anexo B

### Carta de Aceite



#### Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC

#### CARTA DE ACEITE

Declaramos para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(a) pesquisadores(as) desta instituição, abaixo relacionados para desenvolvimento das atividades referentes ao projeto de pesquisa intitulado Análise Crítica do Discurso Quilombola em Conceição das Crioulas: Oralidade, Memória e Identidade Social sob a coordenação do Professor pesquisador prof. Dr. Moab Duarte Acioli a Mestranda Aurenia Pereira de França do CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIA DA LINGUAGEM da Universidade Católica de Pernambuco, pelo período previsto no referido projeto

Pesquisadores participantes (indicar nome e CPF)

Moab Duarte Acioli	193688894-00
Aurenia Pereira de França	248863194-91

*Valdeci Maria do Silva Oliveira*  
 Presidente da associação Quilombola de Conceição das Crioulas

Carimbo

*AQCC*  
 CPF

*681850144-34*  
 Telefone

*87. 98113. 2806*  
 E- mail *valdeciquilombola@hotmail.com*

## Anexo C

### TCLE

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Análise Crítica do Discurso Quilombola em Conceição das Crioulas: Oralidade, Memória e Identidade Social".
2. Você foi selecionado por ser membro da Comunidade Conceição das Crioulas e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição (detalhar, se pertinente).
5. Os objetivos deste estudo são analisar o discurso dos entrevistados sobre ser quilombola, estudar as histórias dos mais velhos sobre a Comunidade Conceição das Crioulas e escutar as rodas de contação de histórias na comunidade.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a algumas perguntas da pesquisadora que as registrará em um gravador.
7. Os riscos relacionados com sua participação são cansaço ou algum aborrecimento durante a entrevista, mas você pode cancelar a entrevista a qualquer momento.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são divulgar a história e as lutas da Comunidade Quilombola das Crioulas.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Prof. Dr. Moab Duarte Acioli

Nome

Assinatura

Mestranda Aurenia Pereira de França

Assinatura

Endereço: Rua Príncipe, 526 Boa Vista Recife Pernambuco CEP: 50050-900 Telefone: (81)2119.4016

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO G4 – 7º ANDAR, SETOR A – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119.4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [cep\\_unicap@unicap.br](mailto:cep_unicap@unicap.br) / [pesquisa\\_prac@unicap.br](mailto:pesquisa_prac@unicap.br)

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

#### COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP

SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar  
Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde  
CEP: 70750-521 - Brasília-DF  
Contatos Conep:  
Telefone: (61) 3315-5878  
Telefax: (61) 3315-5879

Recife, 10 de maio de 2017

CPF - 496.964.989-53.

Sujeito da pesquisa – Número de documento

João Alberto de Souza.

Assinatura

## Anexo D

### Lideranças de destaque na comunidade de Conceição das Crioulas

Todas as fotografias foram feitas pelo fotógrafo Francílio Nogueira, Salgueiro/PE, 2018.

		
<p><b>Jocicleide (Professora e Produtora de Vídeos)</b></p>	<p><b>Givania (Profª Mestre e Maior liderança hoje, descendente das seis negras fundadoras do quilombo)</b></p>	<p><b>Celcia Gestora e Membro(da Comissão de Educação)</b></p>

		
<p><b>Valdeci (Coordenadora da AQCC e Artesã)</b></p>	<p><b>Lourdinha (Atualmente Presidente da AQCC e Professora)</b></p>	<p><b>Alzira (Enfermeira e Coord. do Mov. de Mulheres Trab. Rurais) M.M.T.R</b></p>



**João Luiz**  
Agricultor, Ativista da  
Agroecologia, Presidente da  
Associação dos Trabalhadores  
Rurais, Líder Religioso.



**Andreelino**  
Coordenador da Comissão de  
Patrimônio, Contador de Histórias,  
sem escolaridade formal.



**João Alfredo**  
Agricultor e Liderança na  
Comunidade



**Adalmir**  
Tocador de Pífano, Mestre de Cultura e  
Gestor escolar.

## Anexo D

### Fotos da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas



Legenda: **Igreja Católica**, resultado da promessa das primeiras Negras fundadoras



Legenda: **Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC**, atualmente com uma árvore na frente chamada Baobá.



Legenda: **Plantio do Caroá.** Matéria prima para confecção do Artesanato.



Legenda: **Loja de Artesanato em Conceição das Crioulas.**